

Viriato Corrêa,

da Oficina dos Novos

824

BAM
869.93
C 824 m
MIM

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Minaretes

*Arthur Azevedo - o ator, o autor,
o crítico & comediographo*

Collecção Artística

Arthur Azevedo

Estado do Maranhão

1902

TYPOGRAVURA TEIXEIRA

Maranhão



BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

SEJA ESTA PAGINA BRANCA A
LOUSA COM QUE CUBRO A SEPUL-
TURA DE MEU PAE.

Collecção Artística

Arthur Azevedo

Estado do Maranhão



BIBLIOTHECA PUB
do
ESTADO DO MARAN

A' Oficina dos Novos



Tenda fulva do Sonho, onde se malha o metal sonoro de uma Conquista, como gratidão dêste aprendiz, recebe, embora fraca, a primeira martellada do seu Esforço.

Collecção Artistica
Arthur Azevedo
Estado do Maranhão

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

A quem me ler

E' na mesquita doirada da Literatura.

Nos salões da Arte a campainha vibrante da Gloria bimbalha á hostia sagrada do Genio, que nas mãos de Gutenberg sobe, baforada de incenso, á athmosphera rutila da Immortalidade.

Curvam-se os joelhos no taboado palido do templo, e as mãos de quem ouve a missa, sobre o peito, batem reverentes, misticas.

Caem do tecto arabescado as luminarias fulvas das lampadas metalicas. Toda a mesquita de luz se alaga e de rumor palpita. Por

toda a parte uns hymnos de Conquista, uns canticos de Victoria.

Mas, no alto do templo, ha uns lugares sombrios, muito distantes, esquecidos de todos, a que nem de leve chegam o som da campainha, o rumor da festa, os gritos da Victoria. A's vezes, das janellas esguias, á hora calma do crepusculo, a voz rouquenha de um sacerdote brame, annunciando a prece. Esses lugares chamam-se MINARETES.

Seja tambem MINARETES o nome d'este livro.

Nelle tudo é mudo, nada palpita, nada canta.

Somente no topo das lanças enferrujadas, ao vento do Esforço, flammulam uns velhos trapos de cerebro de moço.

VIRIATO CORRÊA.

À Clodomir Cardoso

Sinhá Dona

Pirapemas, Abril de 1902.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Collecção Artistica

Arthur Azevedo

Estado do Maranhão

Tanto castigo, tanta desgraça ! A sua mãe perdida pela matta a dentro, com certeza morta !

Oh, fatalidade !

E pallido, o rosto descansado na mão direita, o cotovello no peitoril avarandado da fazenda, o olhar sombrio esquecido átôa pelo espaço claro; silencioso, elle pensava.

Tres dias sem noticias della !

Onde estaria ? Leguas distantes, por esse matagal espesso, caduca, fraca, tacteando sem róta ou talvez morta em paragens longinquas, servindo de pasto aos animaes famintos.

Tres dias de balburdia, de canceira e luta ! Nem cipoaes, nem grutas, nem carrascos, montes havia mais a procura-la. Já tinha até promettido liberdade ao escravo que a trouxesse a casa.

Ficava triste, olhando inquieto, ao mesmo tempo pensando como d'ahi a pouco, na curva de caminho, despontasse um negro, trazendo-a viva, vagarosamente nos braços ou um bando de gente carregando-a morta.

Tres dias ! Ha tres dias desaparecida ? Era impossivel que estivesse viva... Mas, ao mesmo tempo que, vacilando, o seu espirito achava evidente a morte da mãe, vinha-lhe uma certeza pallida, uma possibilidade sombria, que, vagando pelo matto átôa, podia ter encontrado lá nos confins da serra algum morador distante que a agasalhasse em casa. E esse morador talvez viesse traze-la !..

Reflectia depois sereno, vendo a mãe caduca, embrenhada em caminhos invios, solitarios e perigosos, atacada pelas onças, mordida pela cascavel traidora, occulta na folhagem, ou morta atirada ao acáso, os urubús em cima, picando-lhe as carnes...

Um estremecimento ligeiro corria-lhe o corpo, a cabeça esquentava com uma pontada dorida e toda a alma se amortecia ao peso da angustia.

Tepida, da mata chegava a brisa, cheirando a folhas, trazendo um rumorejo brando de galhos agitados. Esbrazeado, o sol, na luz chispante do meio dia, esquentava em cima o telhado com um calor ardente de forno acezo. No terreiro, perús cinzentos, de papo escarlata, inchavam-se orgulhosos, riscando o chão com as azas, bufando valentes a cada roda. Carneiros pastavam em bandos pela relva baixa, balindo ás vezes. Pelo espaço claro, os urubús em ci-

ma, quasie nas nuvens, cortavam os ares lentamente, em direcção do ocaso. Toiros mugiam pelo campo, ao longe. Gallinhas cacarejavam, mariscando na areia. Pelos ranchos dos escravos, em cordas passadas, roupas grossas de mulheres seccavam ao sol. Havia uma pacatez pesada, uma pacataz de meio dia em fazenda solitaria.

Aquella tranquillidade morosa invadia-lhe o intimo magoado, infiltrando-lhe uma tristeza intensa, uma dôr penosa no seu coração de filho.

Uma nuvenzinha branca, transparente e macia, alvejava num pedacinho azul de ceu. E esquecido, a face caida sempre na mão direita, o olhar tristonho reluzindo em lagrimas, fitava serenamente a nuvem branca espalhada no espaço.

Ao longe, no amago da mata, em procura da senhora, de vez em quando, algum preto longamente gritava:

—Eh, Sinhá Dona!

E, a cada grito perdido no matagal silente, na sua alma anciosamente rebentava uma nova agonia acerba, enchendo-lhe a cabeça revolta de recordações antigas, onde todo o seu ser se mergulhava indelevel no acabrunhamento doloroso do pesar.

Aquelles gritos longos, rubrados, distantes, ao rumorejo da selva, vinham, na brisa calida da tarde, vibrar-lhe as fibras do sentimento, como uma nota funerea que chegasse de longe, para augmentar-lhe a tristeza amargurada do funeral das dores. Rouquinhos, demorados como vinham, pareciam-lhe a mu-

sica de um misterio, que, nas azas da lembrança, lhe levava insensivel as sombras do passado.

Recordava-se de sua mãe nos dias de raiva, chicote em punho, espancando os negros, prendendo-os dias inteiros, semanas completas, em quartos escuros, sem um punhado de farinha ao menos para aliviar a fome. Via-a depois satisfeita, estalando de alegria, de orgulho lisonjeado, quando o escravo, bambo, as faces espocando em sangue, mordidos pela taca, se torciam fantasticos a seus pés, os joelhos curvados, implorando misericordia...

O tronco no terreiro, estupendo e cruel, manchado sempre de sangue... E ali todos os dias o feitor malvado, ás ordens da senhora, vibrava impiedoso o chicote agudo no lombo descoberto do cativo, que a cada golpe a carne lapeava de sangue, retalhando-a de feridas.

E, enquanto o escravo gemia choroso aos golpes do castigo, vaidosa, a mãe, sorrindo, dizia zombando, lembrava-se bem—«para não criar bicheira»—mandando despejar sobre as feridas novas, gotejantes de sangue, o balde de sal!

Barbaridade ! O preto dobrava-se frenetico, bramindo desvairado, esbrugando os olhos flammejantes, injectados de sangue, torcia-se, retorcia-se todo numa agonia historica de cobra ferida, coleava desesperado e diabolico e rolava pela areia quente, exausto, arquejante, combalido e mudo.

Tudo isso lhe vinha agora, aos poucos, avivar o desgosto, revolver a chaga do seu coração ferido.

Via em bandos, tanga á cintura, estomago vasio, os cativos, aos primeiros clarões do dia, seguirem silenciosos para o trabalho. Nada, nada comiam. Um pedaço ardido de carne e dois punhados de farinha.

—Que se arranjassem ! negro não devia comer muito, para não ficar preguiçoso !—Ainda em cima era essa a frase, a dura frase de sua mãe.

E, com o olhar quebrado, lacrimoso e triste, embebia-se contemplando o grupo desordenado de ranchos toscos, que se espalhavam na fazenda, nos quaes a roupa grossa dos escravos, estendida em cordas, seccava ao sol. Ali estava a caravana sangrenta do cortejo barbaro de sua mãe ! Quantas vezes, debaixo daquellas palhas, não fôra o nome della amaldiçoado na exclamação do desespero ? ! Quantas vezes, naquelles mocambos sujos, não gemera ou não expirára o negro martirisado, o martir sem ideal, ao effeito selvagem das ordens della ? ! ... Ah, quantas vezes ! ...

E, enquanto tudo isso lá se dava, enquanto os corações se partiam ao fremito das lagrimas, as lagrimas fervilhavam ao crescimento das dôres, as dôres se alongavam na continuidade do castigo, no balanço moroso da rede branca de labirinto fino, agitada pela escrava, a sua mãe dormia serena, esquecida do proximo, dos soluços e dos males.

Agitado de lembrança em lembrança, o seu pensamento inquieto foi-o transportando aos traços erradios da meninice.

Lembrava-se bem, era pequeno ainda, dez an-

nos apenas, quando na fazenda sua mãe fizera uma crueldade tão horrível que até de a recordar tremia.

Nesse dia estavam á meza, quando seu pae, propenso á roda das malatas, com enthusiasmo gabara os dentes brancos da Carlota, que, tirando os pratos, sorria para outra escrava perto. Reparara, apesar de criança, na cara carrancuda e terrível que a mãe fizera a cada palavra que, esquentado pelo vinho, seu pae, seduzido, deixava sair, elogiando a mulata. E nesse mesmo dia, chamando a Carlota, mandou-a deitar-se estirada no chão e, collando-lhe os joelhos sobre o pescoço, armada de um ferre, quebrou-lhe a dentadura. A' tarde a rapariga viera servir á meza e por escarneo ella mandara-a sorrir para o marido, com a boca vasia banhada de sangue, o rosto opado, os olhos fundos. Seu pae, raivoso, apesar de molle, reé voltara-se contra a crueldade, bradando á esposa frases violentas e duras, que a feriram nos seus melindres de senhora absoluta, que tem sobre si, resignados e humildes, um bando de cativos prontos a cumprir-lhe os caprichos mais extravagantes.

No outro dia, quando o marido partira para a caça, mandara segurar a escrava ao tronco.

O feitor chegara, carrancudo e grave, o relho de tiras pendendo do braço grosso e foi marcando impiedoso o lombo despido da mulatinhã nova, numa ferocidade calma de animal vadio, que estrangula a presa para beber somente o sangue.

Oh, tinha lembrança viva! Nesse momento agarrava-se febril ás pernas de sua mãe, chorando e pe-

dindo que ella mandasse terminar o castigo daquellea mestiça formosa, que á noite vinha acalenta-lo, deitada com elle na mesma rêde, cãntando modinhas...

Mas somente quando das duzentas chicotadas a ultima vibrara, e que o corpo da Carlota se tingira de sangue, se recortara de chagas, é que o feitor, atirando o chicote para uma banda, viera avisar a senhora de que estava a ordem cumprida. A effusão de sal derramou-se na espadua retalhada da mulata. Santo Deus ! Desesperada, a rapariga agarrou-se ao corpo do feitor, como se quizesse despedaça-lo, collando-lhe a boca desdentada sobre a face rugosa; depois, num impulso furioso, rebolou desvairada pelo chão, espumando de raiva, blasfemando átôa.

E nessa blasfemia de louca saíram frases insultuosas á senhora.

Então ella, ferida no seu orgulho de absoluta, mandara longe de casa abrir uma cova e enterrar a escrava até quase aos peitos. Nesse dia, o chicote de lombo de anta vibrara desde manhã até de noite e ao amanhecer do outro dia lá estava a pobre mulatinha morta.

—Que deixassemos lá, talvez os urubús estivessem com fome,—foram essas as palavras simples, as crueis palavras de sua mãe.

E foram mesmo os urubús que vieram no outro dia devorar a metade do corpo da Carlota.

E, na lembrança sinistra desse homicidio injusto e selvagem, no espirito aturdido, povoado de magoas, despertava-lhe um receio vago de um

celeste, de uma vingança omnipotente...

Distante, na quebrada dos cerros, o grito longo dos negros repercutia nos ares:

—Eh, Sinhá Dona !

Aquelle grito sempre a magoa-lo ! Sempre a trazer-lhe á memoria a recordação pungente da mãe, a recordar-lhe sempre o passado odioso dos crimes della !..

E aquillo chocava-o, apunhalava-lhe o intimo, como a sentença que se ouve a uma pessoa querida.

—Eh, Sinhá Dona !

E era ao som daquelle grito, vibrado ao longe, na sombra tristissima da mata, que a sua lembrança mais viva se accendia nas reminiscencias negras dos castigos da mãe.

Ah, fatalidade ! Ella, que fôra tão má, tão injusta e tão barbara, que morte agora amargurada e miseravel não teria tido por aquelles montes, por aquelles cerros? !..

E os mesmos, os mesmos que gereram ao peso da sua impiedade, eram os proprios a revolver agora as moitas, a revistar as grutas, em procura do seu corpo abandonado e imprestavel e quem sabia se pôdre, estirado no caminho, á gula dos urubús...

Ah, como estariam alegres os escravos, como os seus corações deveriam palpitar de jubilo, ao verem a sentença justa que a Omnipotencia impunha aos crimes daquelle senhora deshumana, que passara a vida a maltrata-los pela taca e pela fome !..

—Eh, Sinhá Dona !

Lá estavam elles a gritar por ella ! Mas aquelle grito parecia-lhe o éco galhofeiro, a voz de escarneo, que dos peitos empedernidos daquelles homens partia, para cada vez mais revolver a ferida ensanguentada do seu coração de filho.

E via os escravos em bandos, pelo mato, rindo e galhofando da morte da senhora, achando justo, achando bom todo aquelle infortunió, toda aquella miseria...

Como não estariam elles em cochichos, relembrando os castigos doridos que soffreram e agradecendo a justiça celeste que os vingara ? !...

—Fatalidade, maldita fatalidade !...

E nos seus olhos pretos, amortecidos pela meditação, duas lagrimas surgiram, fartas e brilhantes.

Ah, revezes da sorte, vida cheia de revezes !...

E ficou pensando, pensando muito, o rosto descaçado na mão direita e as lagrimas luzentes descendo pelo rosto.

Ah, se alguém viesse traze-la, ou viva ou morta, pouco importava. O que queria era te-la de novo á vista ! Pelo menos dar-lhe-ia uma sepultura...

A sua mãe sem sepultura !... Oh, ceus !

Mas não era possivel que ella estivesse morta ! Por aquelles sitios muita gente havia, que, vendo-a vagar caduca pelo mato, a traria para casa, dando-lhe agasalho.

Mas quem sabe, quem sabe se os proprios escravos não tinham dado cabo della ? !



E essa idéa acudiu-lhe á mente como um relampago que risca a escuridão de uma borrasca. Deveriam ser elles mesmos !

O odio concentrado naquelles corações de victimas, a lembrança dos dias passados nas dôres do castigo, aos golpes do chicote, ás lagrimas da fome, accenderiam por força no espirito daquelles homens o desejo de se vingar daquella velha, que no passado fôra o instrumento mais terrivel dos seus infortunios e das suas desgraças.

Sereno, reflectiu depois. Se tivessem de assassina-la, embrenhando-a em lugares invios, para atira-la á gula dos urubús famintos, ha muito que o teriam feito, quando ella, no vigor da mocidade, cheia de orgulho e de soberania, mandava espanca-los átôa e recorta-los de chagas. Agora era um traste impresentavel, sem desejo, sem maldade, caduca, doente, fraca, tremula de velhice, de quem ninguem ouvia o mando, pelo contrario, todos se achavam com direito de reprehende-la. Não era possivel que fossem elles ! Sua mãe estava perdida, infallivelmente morta por aquelles montes.

E meditava em como a velhice adiantada a transformara naquelle estado, ella, que fôra o terror dos cativos.

Ah ! quem era agora ? Uma simples caduca e nada mais.

E ficava pensando na caduquice da velha. Ha dois annos dera para andar de casa em casa, visitando os visinhos, pelos ranchos partilhando a ração

dos negros, falando dos da familia, repetindo sempre que em casa não lhe davam comida e que queriam mata-la á falta de comer. Vestia-se mal, quase sempre uma camisa velha de chita rala, sem anagoa, sem camisa, um casaquinho esfarelado, roto, as chinelas rasgadas, os pés sujos. E, por mais que se ro-gasse para que ella se vestisse melhor, era sempre a mesma teima, sempre o mesmo desleixo.

Rubicunda, a cabeça branca de octogenaria enrodi lhada de panno, apoiada num bastão de bambú, pela fazenda, tremula, o passo incerto, dias inteiros vagava de rancho em rancho, falando só. Passava o dia ás vezes no quarto, emendando retalhinhos de chita para fazer cobertas, ou no quintal debaixo da latada de trepadeiras, a preparar, de algodãozinho ralo, sacos de café para as cosinheiras.

Na insistencia aborrecida de velha caduca, andava a brigar com as escravas, quando iam busca-la para dentro de casa ou tomar-lhe das mãos os pannos e os retalhos.

O seu quarto, que confusão tremenda ! Cacareus juntados pelo terreiro, lithographias toscas de santos baratos pregadas nas paredes, caixinhas de phosphoros vacias pelos cantos, latas cheias de botões usados e roupas sujas atiradas pelo chão numa desordem de quarto de estudante. E triste da escrava que ia arrumar-lhe o quarto ! Eram falatorios, pragas o dia inteiro. Para ali carregava requeijões inteiros, frutas e doces, monologando sempre que estava a estalar de fome, que não lhe davam de comer, que queriam mata-la.

De tempos a tempos entendia de cosinhar para si mesma e, carregando da cosinha os apetrechos necessarios, mettia-se pelo quintal a preparar comida. Era uma luta ! Já ninguem podia com a vida della.

Ha poucos mezes começara a fugir de casa. Abria o portão do quintal, esgueirava-se pela cerca e mettia-se, sem rumo, pelas capoeiras solitarias, debaixo de alguma moita a fumar o cachimbo sarrento de taquari comprido, em risco de ser pisada por algum toiro ou mordida por cascavel.

A primeira fuga fôra uma surpresa na fazenda. Escravos saíram pela serra, gritando-lhe o nome, procurando-a por todos os cantos, por todas as moitas e de tarde, já na hora do crepusculo, muito longe, no meio da mata, foram encontra-la a sós, na roça de um caboclo, desgrehada, rota, a resmungar comsigo, fumando calma o cachimbo velho de taquari extenso. E quase todas as semanas a fuga se reproduzia. Novamente grupos de negros saiam a gritar por ella. Muitas vezes acudia, outras calava-se e á tarde, enquanto na fazenda os apuros cresciam, ella despontava na estrada, rôta de espinhos, a cabeça branca crivada de carrapixo, carregando um feixesinho de gravetos, juntos pelas roças.

Mas agora ha tres dias sem apparecer ! Por aquellas bandas nem mais um lugar havia a procurar. Tres dias ! Era impossivel que não estivesse morta ! E quem sabe, quem sabe se a fome... ? A fome ! Ella, a senhora orgulhosa de outros tempos,

a soberana fazendeira, festejada e rica, que a vida passara na fartura e na opulencia, maltratando os pretos, deixando-os dias inteiros sem um punhado de farinha, ao menos para aliviar o estomago, morta agora á fome nas proprias dependencias do seu dominio.

«O negro não devia comer muito, para não ficar preguiçoso». E estas palavras, que tanto ouvira dos labios della, acudiam-lhe á memoria como uma blasfemia nojenta, que a Providencia punia com os revezes da sorte. Ah, Providencia caprichosa, Providencia justa !

E levantou-se.

Do pino o sol pendia, cheio de luz, muito claro e muito vivo, para as bandas do occidente. Limpido, luzente, de um azul sem nuvens, scintillava o céu. O vento quente das duas horas chegava brando, estremecendo os galhos, bulindo nas folhas. Deitados, os carneiros, de branco, malhavam o terreiro areento, com a lingua de fóra, estafados de calor, remoendo de quando em quando. Nas cordas, as roupas grossas dos negros tremiam morosamente, ao sopro do vento. Num rancho um cachorro uivava gemebundamente. Perto do tronco, num tamari-neiro vicoso, um corrupião cantava alegremente.

E elle ficou a escutar aquelle canto vibrante e claro, que estridulava junto daquelle madeiro sinistro, onde centenas de infelizes rolaram na explosão macabra do desespero. E aquellas notas canoras, cheias de um rithmo suave, cheias de alegria, cheias

de vida, cantavam-lhe n'alma como o presagio funebre de uma desgraça, como as palmas ruidosas da multidão que applaude a cabeça do criminoso que, do alto da forca, pela areia rola, ensanguentada e tremula. Naquelle canto estava a voz dos escravos na expansão do jubilo e da felicidade, festejando a morte da senhora.

E elle ha tanto tempo regendo a fazenda, sem ter mandado retirar o tronco ! Ah, fôra cruel tambem !

Na estrada um bando numeroso de negros despontava.

Elle, abrindo a cancella da varanda larga, foi esperalo no terreiro. E, numa angustia dolorosa, ia escutando a voz arrastada dos homens, que, suados, esbaforidos de andar, lhe narravam serenos, com detalhes minuciosos, as capoeiras distantes, cipoaes cerrados, grutas e campestres por onde tinham andado em busca da desaparecida.

—Nem rasto encontremo, sinhô, nem rasto.

Do outro lado do caminho, ligeiro, um moleque vinha correndo. E foi esbarrando, afogueado, offegante e exausto, a fala cançada:

—Sinhô, Sinhá Dona esta 'li perto daquella roça nova, no caminho da lagôa.

—Viva, viva ? !...

—Morta, sinhô, chega tá fedendo. .

Elle tremeu. As palavras do molequinho, ditas tão simples e tão ligeiras, magoaram o como

E foi seguindo, acompanhado dos escravos, para o lugar indicado.

O corrupção continuava a modular o canto. Rumorejava nas folhas, mais assanha-lo, o vento calido. Pipíras luzidias, cõr de vinho, pelos galhos saltavam palrando. Calangros espantados, em disparada, corriam pelo mato. Um jumento peiado, na estrada pulava de vagar, batendo o chocalho. No capinzal crescido vaccas pastavam, lambendo ás vezes os bezerrinhos tenros. Em poças d'agua, perto da lagõa, bandos de muriçocas zuniam, voando tontas. Nos cajueiros enflorados abelhas fervilhavam, adejando confusas. Rolas, aos pares, mariscavam na areia do caminho, fugindo pelos galhos. Nas moitas, borboletas multicõres voejavam, poisando aos centos. Gafanhotos farfalhavam as azas com ruido, saltando de arbusto em arbusto. Muito distante, por detraz dos montes, cançado, o grito de vez em quando vibrava.

—Eh, Sinhá Dona !

Chegou. Multidão de urubus grasnando, barulhentos, sacudiram o vôo pesado, indo poisar no arvoredõ.

Um frio electrico percorreu-lhe o corpo.

De um lado, estirado na areia, estava o cadaver da mãe. A cabeça branca, crivada de carrapixo, caía para traz, torcida de banda, numa contorsão agonizada de quem morre estrebuchando. Escancarada a boca, com tres cacos de dentes nas maxilas descobertas, vertia em fio, espumando pelo queixo ma

gro uma baba amarelenta, tocada a verde, que descia pelo pescoço esguio, indo empoçar na areia revolvida. A saia rala de chita ramalhuda, em farrapos, pelo chão, rolava tremulando ao vento, numa confusão assanhada de bandeiras agitadas. O braço esquerdo retorcia-se sobre o peito descoberto, descarnado e fetido e o direito, tezo, estirado em terra, gotejava sangue, picado pelos urubus. Do ventre rasgado estirava-se um pedaço longo de tripa ensanguentada, zig-zagueando pe'lo chão, babujado de areia. A perna direita inchada, um pouco encolhida, mostrava um círculo rôxo, onde os dentes da cascavel morderam e na outra, aberta indecorosamente, uma ferida funda, que tinha ha muitos annos, alastrava perto dos joelhos, cheia de moscas, formigando vermes. Do nariz comprido, gommosa, uma espuma esverdeada, como catarrho podre de doente de peito, descendo pelo rosto inchado, ia empastar-se nos cabellos brancos, revolvidos nos hombros. Sem brilho, morto, um tanto aberto, como os olhos semi-cerrados de uma boneca de molas, o olho esquerdo crescia com uma chaga vermelha na palpebra de cima e o direito vasio, nojento, medonho, cavado pelos urubus, vertia um fiosinho de peçonha em mistura com sangue pisado. Na cabeça pensa, fios revoltos de cabellos alvos se assanhavam, por cima da testa, tremendo ao sol. Numa raiua desesperada de dedos contraídos, a mão direita fechava-se, prendendo um punhado de terra, numa agonia diabolica de quem, na convulsão raivosa de

BIBLIOTHECA PUBLICA
ESTADO DO MARANHÃO

uma morte desesperada, alguma coisa progrediu para agarrar-se. Secca, uma folha pequenina empastava-se na peçonha putrida, que pingava pela garganta abaixo. Fartas, alegres, as moscas zumbiam assanhadas pelo abdomen volumoso, penetrando pela vagina, pela boca, pelos ouvidos, pairando no nariz, como que bebendo aos poucos, trago a trago, a espuma amarelenta que borbulhava. De um lado, junto a um tronco podre de páu d'arco, o cachimbo antigo de taquari comprido, com uns restos de fumo em cinza, que ella tres dias atraz fumara: o bastão ceboso de hambu e um feixe pequeno de gravetos velhos.

Ficou ali parado, absorto, mudo, branco, o olhar accezo, a cabeça vasia, ôca, sem um pensamento, sem uma idéa. Tudo aquillo lhe passava pela vista como uma coisa aérea, intangível, vaga, tremula, confusa e vaporosa. O seu espirito tremelicava ligeiro, desbaratado, baralhando-se numa confusão desordenada de coisas incertas e desconhecidas.

Mas, pouco a pouco, como quem vae acordando de um pesadelo, que, ponto por ponto, reconhece do quarto em que dorme, os pensamentos vieram-lhe chegando, a principio vacilantes, em colleções incertas, depois mais rectos, mais vivos e mais claros, incendiando-lhe o cerebro, materializando-lhe a scena.

Ali estava putrefacto, fetido, nojento, as vestes esfarrapadas, quasi nu, servindo de carniça aos

urubús famintos, o cadaver de sua mãe. Quanta miséria, quanta miseria !

E o seu espirito religioso divagava. Aquelle espectáculo tristissimo e repugnante saltava-lhe na idéa como a expressão energica de uma vontade divina, que agora se vingava, num derradeiro castigo, horripilante e bruto, de quem passara os dias a castigar os outros.

E aquillo corroia-lhe o peito, fibra por fibra, chocando-lhe o mais fundo d'alma, o mais pequenino dos pensamentos, enchendo-o de angustia numa explosão picante e maguas e de dores.

Lembrara-se do que fôra sua mãe nos tempos de moça, cercada de riquezas, esperta, barbara, espancando escravos...

Depois, caduca, velha, a par com os negros nos mocambos toscos, comendo com elles a ração escassa ou perdida no matagal espesso, juntando gravetos, crivada de carrapixo...

Agora, rolava na areia, morta, pôdre, devorada pelos abutres, como um animal sem dono...

Quanta desgraça !

E, enquanto toda a gente ahi por fóra, com orgulho, se gabava da ternura e da bondade das mães, elle, que não conhecera nunca um acto bom da sua, era obrigado a achar todo aquelle infortunio, toda aquella miséria a sentença recta de uma justiça suprema !

—Eh, Sinhá Dona! repercutia ao longe a voz dos negros.

E sempre aquelle grito ! Lá estavam os escravos pelas capoeiras a dentro, apregoando o nome da senhora, para mercadejar com o cadaver a liberdade promettida !

A que ponto sua mãe chegara !

E olhava. Via o corpo apodrecido, fetido, cheio de chagas, cheio de pús...

E á sua mente de novo chegavam as scenas do passado, em que sua mãe andava pelas senzalas maltratando os negros, mandando espanca-los no tronco, sem compaixão, nem piedade...

Agora, mordida pela cascavel, morta e abandonada no mato, sem que tivesse tido uma alma bondosa, que lhe ouvisse um soluço, um gemido, um ai, quando se debatesse anciosa nos frenezis da morte, que nas mãos lhe puzesse a velasinha acceza que testemunha o ultimo suspiro, que lhe derramasse nos labios a colherada de remedio, quando ella, arquejante, estendesse de fóra a lingua, pedindo sofrega uma gota d'agua e lhe servisse de arrimo, quando, estrebuchando pela areia, sacudisse as pernas e agitasse os braços nas derradeiras vascas da agonia final da existencia.

Nada, nada teve !...

E que morte horrenda, cheia de estertores, não teria tido por aquellas brenhas !

E tinha vontade de chorar, alagar-se de lagrimas, soluçar á vontade... Um nó prendia-lhe a garganta, como se tivesse embuchado. Os seus olhos somente brilhavam humidos, sem uma lagrima sequer.

Claro, pequenino, um raiosinho alegre de sol, coado pelas folhas do arvoredor, tremeluzia no cadaver, em cima da boca escancarada, saltando às vezes, quando as folhas se agitavam, pela chaga aberta no peito.

E o seu espirito religioso divagava sempre. A sua imaginação, debruada de um terror catholico, via naquelle raio esguio, que corria tremendo pelo corpo da mãe, a Providencia lá de cima, sorrindo e escarnecendo daquelle pedaço putrido de carne, onde morava uma alma peccadora e barbara, que não soubera nunca os mais leves traços da piedade e da misericordia.

A boca aberta, illuminada agora pelo raio, golfando espuma, mostrando os tres cacos de dentes pódres nas gengivas arrôxeadas, dava-lhe á imaginação a lembrança lugubre de que a Omnipotencia intransigente e justa fizera tudo aquillo para que o cadaver de si proprio sorrisse, zombando da sua propria desventura, da sua propria miseria.

E via todas aquellas chagas amareladas de pús, formingando vermes.

Ao pensamento chegavam-lhe as scenas de outros tempos, os negros retalhados, o balde de sal derretido, banhando-lhes as espaduas vermelhas, «para não criar bicheira». Agora era ella quem bicheira criava, estirada ao relento podre, completamente podre, apostemada, fetida !

Ah, quanto orgulho no passado, quanta desgraça no presente !

E quantas vezes não fôra elle proprio, o coração

sensibilizado, o intimo florescia de piedade, pedir-lhe, humilde, que soltasse o cativo choroso, que aos pés do tronco gemia, ao estalo ruidoso do chicote agudo?!

E ella sempre má, sempre cruel !

Quantas vezes, ás escondidas, não fôra, peloss quartos escuros e pelas senzalas, soltar os escravos moribundos e dar-lhes de comer ?!

E ella sempre a prende-los, sempre a maltrata-los !

Agora era o dedo de Deus quem punia tudo isso!

E olhava, olhava muito. Os seus olhos abismados pregavam-se cada vez mais na scena.

O raiosinho de sol continuava a dançar, brilhando, pelo peito chagado.

Aquillo compungia-o. Aquellas tetas ensanguentadas, que, quando creança, chupara, sentindo a calentura suavissima dos afagos, agora ali estavam grossas, crecidas, volumosas, picadas pelos urubús gananciosos, que vinham exercer o seu direito de devoradores de porcarias.

E sentia vontade de chorar... Vinha-lhe um desejo irresistivel de fugir para lonje, muito lonje, de apagar para sempre da sua lembrança, da lembrança de todos, aquelle espectaculo miseravel, onde sua mãe era a protagonista da festa e os abutres, como espectadores, batiam palmas e gritavam vivas pela representação soberba da carne podre em que elles se deleitavam.

O cadaver, em decomposição, exalando uma fedentina penetrante, insuportavel; as moscas, zumbindo inquietas pelas feridas postemadas, o olho direito ôco, vasado, vertendo em fio o liquido amarello, ruborisado pelo sangue vermelho escuro; a perna direita encolhida, com a chaga enorme cheia de vermes e varejeiras e a outra estirada, aberta em postura cinica, davam-lhe ao sentimento a idéa de que tudo aquillo era a ironia, o odio, a furia do Céu, que se vingava.

E olhava para o ventre entumescido, com as partes internas a descoberto e o pedaço comprido de tripa estendido na areia, e isso trazia-lhe á lembrança os dias que vira, na margem sombria do igarapé, as raparigas da fazenda limpando os intestinos dos bois, para a comida lá nos ranchos...

Uma folhinha madura despregou-se do arvoredo, indo cair de ponta no queixo do cadaver. E ali ficou em pé, pregada em pús, baloiçando-se ao vento.

Até aquella folha a escarnecer da mãe !

Espalhados pelos galhos, os urubús grasnavam, barulhentos, voando ás vezes para mais perto.

E todo aquelle barulho, toda aquella algazarra de festa deveriam ser os mesmos, annos atraz, quando o corpo da Carlota servia de carniça...

A Carlota ! Era pequeno naquelle tempo, mas lembrava-se de tudo. Parecia ve-la ainda desdentada, o rosto enorme, ao pé do tronco, gritando e blasfemando. Depois enterrada até aos peitos, agita l

os braços, louca, desesperada, mordendo se de rai-
va e mais tarde hirta, cadaverica, medonha, os uru-
bús em cima, bicando-a nos hombros.

E fôra sua mãe quem mandara mata-la assim !
Oh, quanto pedira, quanto pedira, para que apla-
casse o castigo !

E nada, e nada !

Por mais que se lhe agarrasse ás pernas, pe-
dindo muito que não batesse e não matasse aquella
mulatinha terna, que á noite, ao embalo da rede, o
abraçava com força e beijava com carinho, cantan-
do modinhas para adormece-lo, não houve nada que
a enternecesse.

E era impossivel, era impossivel que isso não
fosse punido um dia !

E insensivelmente foi comparando a morte da
mãe com a morte da Carlota. Uma morrera somen-
te porque teve a infelicidade de nascer bella e não
poder emmudecer a lingua de um senhor lascivo,
que exaltava os seus encantos, e a outra morrera
por castigo dos castigos que praticara. Penalizado,
todo o mundo falava de uma, lamentando-lhe a sor-
te, resando-lhe pela alma e para a outra ninguem
teria uma palavra doce, para honrar-lhe a memoria
e toda a gente, de boca cheia, diria que era tudo
muito bom e tudo muito justo.

E a morte da mãe pareceu-lhe ainda peor. D'an-
tes era o corpo da Carlota que servia de carniça e
agora os urubús refestelavam-se com a mesma ale-
gria, com a mesma ganancia no cadaver da senhora,

que era tão bom, tão gostoso e tão pôdre como o da cativa.

E, na comparação do passado de uma com o presente de outra, foi-lhe nascendo no espirito mais viva e mais ardente a comprehensão perfeita da realidade da vida. A morte pareceu-lhe limpa, clara, sem preconceitos e sem manchas, unindo todos, egualando tudo. Um nada a querer ser tudo, surgiu-lhe o mundo muito chimerico, cheio de reflexos e porcarias, onde uns querem ser mais do que os outros, sem passar do mesmo destino e da mesma podridão.

E teve vontade de ser pobre, de fugir para longe, muito longe, de libertar os escravos...

Do arvoredado tres urubús voaram, poizando no cadaver.

—Êê, gente, urubú não respeita nem corpo de branca.

Elle acordou como de um lethargo e olhou para traz. Era o pãe da Carlota, octogenario de cabellos brancos e barba longa, que falava.

Elle lançou ao negro um olhar dorido de quem pede piedade, pendeu o rosto e poz-se a chorar.

Distante, na quebrada dos montes, rouquenho, repercutiã o grito dos negros:

—Eh, Sinhá Dona !

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

A Francisco Senna.

Zé Boi

Pirapemas, Janeiro, 1902.

Ouvira dizer que nesse dia Zé Boi desceria para a villa. E ali, debaixo do tecto verde dos cipós trancados, por entre a moita frondoza dos arbustos crescidos e dos galhos gottejantes das ingaranas copadas, o caboclo esperava pela cabra.

Havia de mostrar-lhe para quanto prestava !

Era no inverno. O ceu, friorento e fusco, ostentava uma claridade sombria, cõr de chumbo, carregada e baça. O sol, amortecido e pallido, rolava encoberto pelo espaço nebuloso e ás vezes, num pedaço de ceu mais limpo, languido e tremulo, espiava somnolento, com um olhar sem brilho, um olhar de quem acorda. Volumoso e pardo, barulhando nas coivaras, descia o rio cheio, colleando nas voltas, escabroso de galhos e destroços, que descem nas primeiras enchentes. Estrugia ao lonje, tumido, o

trovão, num ronco de fera em raiva, abalando o infinito arripiado e fusco e estremecendo a terra num estoiro longo. E o relampago em fogo lampejava pelo espaço acinzentado, num traço luminoso, incandescente e rapido. Havia uma claridade dubia em todo o infinito, uma claridade de março em dia que chove. Intensa, a chuva caia incessante, cerrada e ruidosa.

Já era tarde. Duas horas, mais ou menos.

E o cabra nada de descer !

Acocorado, o caboclo, por traz da moita frondoza dos arbustos, esperava-o ha muito.

E nem signal do bruto !

Desbotada, a camisa velha de riscado grosso, esfarelada nos hombros, por fóra das calças, descia-lhe até quase á curva dos joelhos, pregando-se-lhe nas costas; pelo peito aberto e cabelludo, peito possante de caboclo forte, um cordão vermelho caia, fechando com uma fava presa e na cabeça enorme o chapéu de coiro encebado, sobre a mata espessa dos cabellos crescidos, pingava ao embate incessante da chuva grossa. De cocoras, a espingarda certaíra deitada horisontalmente no regaço, o caboclo acomodava o ouvido á arma de fogo, no lugar da espoleta, para que não molhasse a polvora e o tiro não falhasse. Ao cinturão, que prendia as calças remendadas de zuarte esmaecido pelo uso, preso o facão cortante, embainhado, arrastava na relva. Pela frente austera e carregada, em fio, a agua caída do chapéu de coiro sulcava té abaixo, molhando a

barba escassa, deſcendo pelo peſcoço, arregaçada a perna, os pés mettidos na alpercata humida, todo elle tremia no arripio dorido de um corpo que passa o dia na chuva. A um lado, encostado ao toco de madeira pôdre, a garrafinha da cachaça alvejava impassivel.

E a chuva, aquella maldita chuva, sem cessar !

Ha muito, desde manhã, de manhã bem cedo, que, encharcado do cabello aos pés, ali debaixo da moita, sem outro a não ser o ampare das folhas verdes, mais ou menos unidas, que aquella maldita chuva lhe embatia no costado, impiedosa e gelida.

Já tinha a carne encolhida numa frialdade de gelo; curvadas tremiam as pernas na posição penosa, posição que ha muito, desde manhã bem cedo, ali guardava inquieto e raivoso e os dentes uns de encontro aos outros, tiritando, vibravam com um murmurio ligeiro, confuso e subtil.

Já não podia mais !

Doia-lhe a cabeça; as mãos callosas mal podiam, de tremulas, prender a carabina sobre os joelhos e até por caiporismo os soffrimentos rheumaticos, que ás vezes lhe appareciam, já começavam a dorir-lhe a musculatura valente.

Com fome, sem nada no estomago, a não ser o simples café tomado de madrugada, com um pau nhado de farinha, embora com o habito de trabalhar na roça dias inteiros, em jejum completo, já ia sentindo necessidade imperiosa de alguma coisa

que lhe fortalecesse o corpo e moderasse a fraqueza incommoda do estomago vasio.

E o cabra nada de descer !

Mas não tardaria. Ouvira o Mariano Bota dizer, em casa da Marciana, que o cabra nesse dia tinha de descer á villa para tratar do novo casamento.

Ah ! se descesse ! A carabina carregada estaria pronta para feri-lo na passagem !

E, pelo seu rosto carrancudo, uma alegria de fera passava, illuminando-lhe os olhos pretos, estremecendo-lhe o coração com força.

Havia de mata-lo, -era infallivel ! Só assim aquella dôr n'alma, aquelle desgosto que o acompanhava em tudo, aquelles pensamentos feios, aquella vontade de vingança, o deixariam de uma vez para sempre.

Depois que lhe chamassem malvado, criminoso, os soldados que o prendessem, a justiça que o condemnasse... A tudo estaria pronto, de nada se importava. Mas queria desenganar aquelle cabra, mostrar-lhe quanto custa deshorrar as filhas alheias. Que o prendessem ! Na cadeia tambem se vive. Se descobrissem, acabou-se ! Fugir !... Fugir, isso é que nunca !

Havia de mata-lo ! Aquelle cabra tinha muita fama, tinha goga de valente, mas queria ver-lhe a valentia na boca da espingarda. Diziam por ahi que tinha dado neste, esfaqueado aquelle, mas a espingarda, a espingarda certaíra desengana-lo-ia...

O tempo passava. A chuva diminuia. E o cabra

nadade descer ! Podia ser até que não descesse !

Inquieto, o caboclo torcia-se, acororado, carrancudo e iroso. Já estava cansado de esperar ! Aquella historia do Mariano Bota, em casa da Marciana, dizendo que o Zé Boi desceria para a villa, para tratar do casamento, podia ser coisa inventada. Quantas vezes não o tinha pegado em mentiras !

Mas via ao mesmo tempo a figura ccrpolenta do Bota, sentado no banco de madeira, cachimbo no queixo, contando o novo casamento do cabra, affirmando que desceria. Qual. aquillo não podia ser inventado !

A chuva, aquella maldita chuva, talvez empatasse a viagem do bruto !

Estiava. Um chavisquinho fino peneirava morosamente, quase imperceptivel. Longinquo o trovão regougavava brando. Nas ingaraneiras molhadas as ciganas cinzentas abriam levemente as azas, grralhando. No ceu moreno, da banda do poente, havia uma mancha clara, onde o sol tentava desgarrar-se das nuvens. Perto, numa coivara, o rio zoava, estremeecendo. Do outro lado, em cima de palmeiras, maracanãs palravam, saltando nas palmas. Mais abaixo, na beira do rio, numa arvore copada, compridos ninhos pendiam, donde japis pulavam, cantando de galho em galho. Na agua, algum peixe rabanava de vez em quando.

O caboclo levantou-se; na mão esquerda tomou a espingarda, virando o cano para baixo e com a idreita desarrolhou a garrafa de aguardente, des-

pejando-a na garganta. Tiritava, precisava de esquentar-se !

Depois, num tronco da madeira, sentou-se. E começou a matutar. Ora vejam ! A gente vive socegado em casa, vivendo do seu trabalho, quando sem se esperar lá aparece uma desgraça ! Ah ! cabra safado ! Deus lhe perdoasse, mas a sua vontade era ver aquelle diabo cortadinho em pedaços. Quando lhe vinha á lembrança aquella peste, até o estomago se lhe embrulhava. Mas qual ! haveria de dizer que um rapaz, que parecia tão honrado, fosse capaz de ser tão ruim ? !... Ah ! se adivinhasse, não lhe teria dado a filha para casar...

E foi-se lembrando do samba do Natal, em que o Zé Boi, repinicando a viola assanhada, lhe louvava a filha. Ella, sentada defronte, no banco da latada, torcia as rendas do casaquinho, corando a cada verso.

Depois, num domingo, em tempo de colheita, quando em casa, descansando da semana trabalhada, pitava a cabeça de diamba, eis que o cabra, apertado em roupas brancas, montado num cavallo de sellas novas, riscou-lhe á porta. E foi muito alto, saltando alegre, nas perneiras de coiro, ao relincho estridente do cavallo brioso.

Elle, todo amavel, todo risonho, estendeu-lhe a mão, offerecendo-lhe assento.

Suado, o cabra, forcejando por descalçar as perneiras, foi-lhe explicando que viera até ali, porque desde o Natal, naquella festa em que lhe louvara

a filha, ao som da viola, ficara doído por ella; e como achava que podia casar-se vinha agora pedi-la, se fosse do seu gosto e se quizesse da-la. Então, sem responder, chamara a filha, que se veiu chegando, encostada ás palhas da parede do quarto, muito vermelha, como se já soubesse da coisa.

Depois da resposta da menina, lá saíra a convidar a vizinhança, para o almoço nesse dia, em que matara o capão mais bonito do quintal e o cevadinho mais gordo, festejando o futuro casamento, que se marcara para outubro, na primeira desobriga do vigario.

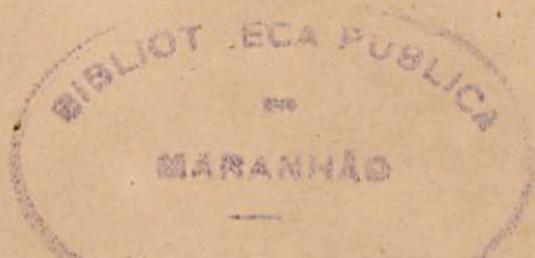
E todo o mundo lhe dizia que o Zé Boi era direito, muito trabalhador, pagava bem as suas contas e era um partidão.

O unico defeito que tinha era de, quando se mettia na pinga, provøcar questões. Já na festa do Natal o vira debatendo-se com o outro, por um simples gracejo.

Nessa mesma noite, por causa de um verso que o Mané Doutor, em desafio, lhe dissera na viola, lá saíram os dois rolando para o terreiro aos bofetões e, se não fosse acudir muita gente, o cabra teria trespassado o inimigo com a faca de ponta.

Mas isso desappareceria depois de casado! A pinga!. . Lá isso todos tomavam! Alem disso era um rapaz arranjado, vivia como vaqueiro de uma fazendola, já tinha as suas quatro novilhas, um cavallo de sella e muito credito.

Desde o pedido, todos os domingos o cabra



bem cedo lhe riscava á porta, para ver a noiva. E na rede alva, armada na sala, passava o dia a falar no gado que vaqueirava e conversando sobre roças e colheitas.

E lembrava-se do dia em que lhe falara do casamento civil. Zé Boi saltara da rede, enchendo de fumo o cachimbo e atalhou de repente:

Que nunca! Então não estava vendo que não iria sujeitar-se a semelhante patacoada, onde não se falava no nome de Deus? !... Qual, no civil mesmo não se casaria! Podiam inventar quantos civis quizessem, mas elle mesmo não acreditava em tal coisa. O religioso, sim, senhor, o casamento da igreja feito pelo seu vigario!... Nesse casaria, e não precisava de mais nada, estava mais do que casado! Que tivesse paciencia, no civil é que não!

Debatera. Isso não, isso não! Não era tanto assim e, alem disso, não custava nada, pagava-se uma bagatella, mais barato até que no vigario e já tinha ouvido dizer na villa que quem não se casasse no civil nada podia deixar aos filhos.

Mas o cabra sempre teimoso! E tanto teimou que em outubro lá estava casado. Mas que casamento, que casamento desgraçado! D'ahi a dois mezes já se tinha desunido da mulher.

E agora lá andava a sua filha pela villa na mão de um, na mão de outro, com a casa aberta para todo o mundo... A cabeça escaldava-lhe no fogo da colpra; vinha-lhe ao espirito insaciavel de vingança uma

sêde de sangue, onde todo elle desabafasse do odio que o atormentava...

E ia revendo a figura corpolenta do Zé Boi, na roupa domingueira, ou peitoral de coiro, perneiras altas, parando á sua porta, para ver a pequena...

Naquelle tempo tão santo, agora tão ruim ! Maldito ! Prostituir-lhe a filha ! Ah, filho da mãe !

E com a manga da camisa limpava as lagrimas que lhe desciam pelo rosto.

Como não estaria ella agora pela villa, debochada, nas mãos de um, nas mãos de outro, com a casa cheia de rapazes... E quem sabe ? ! talvez sosinha, no canto de alguma choupana, muito chorosa, a tiritar de frio, padecendo doenças, sem nada para comer... Agora lá ia aquelle cabra casar-se no civil com outra. Ah ! não haveria neste Brazil, tão grande, tão cheio de leis, uma lei ao menos que prohibisse semelhante cachorrada, ou que fizesse o padre casar só quem estivesse casado no civil ? ! Só assim ninguem se casaria com duas mulheres e as filhas dos outros não ficariam por ahi abandonadas, p'ra todo o mundo...

Bem tinha querido, bem tinha querido o civil. Mas todos a dizerem-lhe que não, que aquillo não valia... E até o padre, o proprio padre !

O tempo escurecia.

O cabra já tardava. Ah ! se viesse ! Era só engatilhar a espingarda e despejar o tiro. Ali estava seguro. Quem passasse pelo rio não o veria de fórma alguma. A ingarana frondoza, esgalhada e grossa,

com os juás da beirada encobriam-o na frente; do lado esquerdo a cortina verde de S. Caetano, estendendo-se por cima do arvoredor, formava com os cipós trançados uma tapagem espessa e da direita as toiceiras altas dos pindobaes crescidos terminavam o esconderijo.

Ah! desta vez vingar-se-ia!

E foi-se recordando da festa do Natal, em que o Zé Boi, cantando á viola, lhe louvava a filha... O Mané doutor a desafia-lo em verso... E depois lá saíram os dois rolando pela areia, aos pescoções... O outro venciu, mas d'aqui a pouco, num virar de corpo, o Zé Boi atirara com o rival ao chão. E sentou-se em cima. A lamina luzente da faca de ponta, puxada d'entre as calças, brilhou na mão do cabra... Ia-a enterrando já na garganta do outro, quando o povo acudiu...

Mas toda essa valentia, toda essa coragem não o intimidavam. Não lhe faltava coragem tambem. No tempo de moço, quando rebentara a guerra do Paraguay, e o Brazil pedia voluntarios para pegar em armas, lá na villa, fóra elle o primeiro a dar o passo em frente, offerecendo-se á nação. Depois, em Tutyuty, ao lado de Oscario, sempre sentira a intrepidez precisa para ver de sangue frio, sem medo da morte, aquella diabolica confusão de balas, que sibilavam pelo campo fumarento, derribando soldados, até que uma perdida nos ares veiu cravar-se-lhe na perna, deixando-o á morte.

Começava a choviscar. Do nascente subiam nu-

vens, escurecendo o espaço friorento e pardo. As maracanãs inquietas, temendo a chuva, saltavam nas palmas, gritando devagar. Japis voavam dos galhos tremulos varando pelos ninhos compridos, suspensos á beira d'agua. Pelo arvoredo da margem, ciganas, gralhando na ramada, acomodavam-se, abrindo lentamente a cauda de pennas. Pelo ceu cinzento clareava de vez em quando um relampago luminoso. Ribombava o trovão. Um vento de chuva, vindo de longe, zoava, sacudindo o arvoredo melhado.

Maidita chuva ! Aquelle diabo empataria a viagem do cabra ! E, deitando a espingarda horisontalmente no regaço, pensava... Sua filha agora, lá na villa, nas mãos de um, nas mãos de outro... Era horrivel, era horrivel !

Mataria aquelle cabra, para mostrar-lhe que a filha não era defunto sem choro. E era impossivel que o condemnasse a justiça, simplesmente pela morte de um homem que traçoeirol he fôra deshonnar a casa, arrancando de lá a pessoa mais cara, para atira-la ao mundo...

Do principio do estirão chegava um barulho leve. O caboclo correu, espiando da margem. Por um remo somente descia, remado, um casco na volta. E ficou espiando. Pouco a pouco um chapéu de coiro divisou no casco. Talvez fosse o cabra ! E distinguia mais forte o barulho do remo, fendendo as aguas. Estava inquieto. A chuva não o deixava ver tudo. Mas ia divisando na popa um homem que

remava, vestido de riscado e peitoral de coiro...

Era o bruto, era o bruto !

E correu ao esconderijo. O coração saltava-lhe por dentro; um canção ruidoso offegava-lhe a respiração, os seus olhos pretos cintilavam rutilos, com um brilho parvo de allucinado.

O casco vinha perto.

O caboclo acoutou-se atraz da ingaraneira, mettendo por entre o galho o cano da espingarda. Os seus pés tremiam; a cabeça escaldava, palpitando as veias grossas e os dentes rangiam num prurido de colera.

Do casco, remando, na popa, distinguia-se bem o cabra. Aprontou-se. Levou a coronha da carabina ao rosto, segurando o cano a mão direita e a esquerda no gatilho.

O casco approximava-se.

Nervoso, o caboclo fez alvo. O cão vibrou sobre a espoleta e a explosão roncou. Pontaria errada.

Raivoso, jogando a espingarda ao lado, arrancou d'entre a bainha o facão e atirou-se n'agua, perto do casco. E, prendendo-o nas beiras, virou-o no rio.

.....

E ao longe, no meio do estirão, ao lampejo claro dos relampagos, luminavam os facões do cabra e do caboclo, que atacadados lutavam..

A Leopoldino Lisboa.

A MARIQUINHAS DA OUTRA BANDA

Recife. 1900.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

A aldeia dormia silenciosamente.

Meia noite em ponto.

Em ceroulas, o lombo queimado descoberto, o caboclo remexia-se na rede, com o pensamento ab-sorto na Mariquinhas da Outra Banda.

Por tres vezes se tinha levantado, sem sentir coragem de caminhar meia legua pelo rio, para ir ter com a mameluca nova.

A' quella hora, aquelles caminhos solitarios faziam-lhe medo. Alem disso, pelo rio, em noite morta, tendo de passar pelo cemiterio da aldeia...

Escancarada, a porta da cabana tosca dava passagem a um tapete suavissimo de luar em cheio. Mariposas, na lamparina de azeite, voejavam tontas ao redor da luz, queimando as azas. Um burro, pastando no terreiro, batia o chocalho sonóro. No quintal,

bacorinhos novos mamavam, grunhindo aos poucos. Zoava no bananal cerrado a brisa gelada da noite. Distante, na lagôa, aos centos ceaxavam sapos, numa musica incommoda e desafinada. Em alguma cabana, ao longe, um cão uivava tristemente.

E, remexendo-se cada vez mais, idealisava o corpo da rapariga, amulatado e cheiroso, estendido tentadoramente na rêde, com a perna roliça e torneada caída para o lado de fóra...

Via de relance o quarto da apaixonada, com as paredes de palha brava e o luar entrando pelas frinchas! A um canto a candeia de azeite de carrapato, tremeluzindo baça; mais em cima os quadros de santos, enfeitados de bogaris cheirosos; do outro lado, descançando numa corda de embira—anagoas servidas, cabeções de riscado e roupas de trabalho; debaixo da rêde uma meassaba e a cabaça d'agua perto e um bahú de coiro velho, negro, poeirento, crivado de taxas azinhavradas, dormindo impassível, perto da porta.

A Mariquinhas surgiu-lhe ardente, em camisa, com a cova do collo á mostra e os seios rijos elevando a fazenda branca da veste simples... Os braços carnudos, em posição lasciva, estendiam-se-lhe quentes, amorôsos e a boca risonha, formosa e terna estalava beijos, convidando-o...

Levantou-se, decidido a partir.

Ligeiro vestiu as calças e a camisa, d'entre as palhas do quarto tirou o facão, prendendo-o na cintura, tomou o remo e dirigiu-se para o rio.

A lua, serena, branca, muda e abandonada, chorava uma luz de leite, doce, triste, poetica e macia. Brando, muito ao longe, regougava o trovão. As arvores altas deitavam uma sombra tristonha, farfalhando suavemente, tremendo ligeiras, como que tomadas por um acesso de cocegas, que o vento da noite, cada vez mais gelado, lhes fazia num brinquito amoroso. Barrento, grosso, o rio deslisava entre barreiras elevadas, levando na carreira acelerada das aguas uma fita negra de destroços, que descem nas primeiras enchentes.

Hesitou ainda. Aquella pacatez misteriosa da meia noite, a agua calada do rio, rolando volumosa no leito fundo, orlado de sombras; a luz de prata do luar, lavando preguiçosamente o estirão, que parecia findar-se na primeira volta; o trilo subtil e monotono dos grillos occultos na folhagem, dissonando a nota de mudez, tudo lhe inspirava um receio exquisito, um terror de coisas frias e vaporosas.

Mas a Mariquinhas da Outra Banda surgiu-lhe na mente, ainda mais rica de carne, mais entalhada de formas, embebida na decotada camisa alva, o braço de carnes rijas esquecido sobre o ventre palpitante e a boca semi-cerrada mostrando os dentes pequeninos, alvos...

Pensava como lá chegaria. Pé ante pé, abrindo a porta de meassaba, sem fazer bulha, para não espantar os cachorros, devagarinho como um gato, deitava-se com a mameluca. E a noite inteira ao lado della, sentindo a offegancia do corpo quente de

mulata nova, aspirando-lhe o cheiro dos cabellos crespos rescendentes a baunilha, unindo os seus labios aos della, embargando-lhe a voz com beijos !... Oh, que bom, que bom !...

E, quando no nascente, da madrugada as barras os despertassem, languidos de goso, flacidos de beijos, remaria então o casco para a aldeia, para horas depois, na roça, plantar o arroz e o milho, já que as primeiras chuvas do inverno chegavam.

Não tinha avisado a Mariquinhas de que nessa noite ia ter com ella. Passara aquelle dia occupado, a fazer uma estrebaria para o cavallo novo, que comprara ha dias.

E tinha um receio, sem saber de quê. As noites que passava ao lado della ia muito cedo e por lá ficava, desde a tarde té de manhã. Mas... já fóra d'horas, em noite luarenta, ter de passar pelo cemiterio...

Culpada disso tudo era a propria Mariquinhas. Tantas vezes, desde que começára «aquella historia», a tinha convidado para morar na aldeia, em casa delle !... Viveriam ambos, ao lado um do outro, no aconchego amoroso dos seus desejos, pacatos e felizes. Na roça, trabalhando juntos, todos os annos, muita colheita e muita fartura teriam em casa ! E quem sabia, quem sabia se com o correr dos tempos não viriam a casar-se ? !... Mas a rapariga nada de se decidir. Sempre com aquella choradeira de não querer desgarrar-se da mãe !

Encheu-se de coragem. Desamarrou ligeiro o

casquinho agil, sentou se na pôpa e rompeu lentamente as aguas, governando-o para o meio do rio. E foi descendo veloz, ajudado pela correnteza.

O trovão regoagava mais perto. O vento zoava, gelado cada vez mais. Já o nascênte de nuvens se toldava. Parecia que mais tarde havia de chover. A lua, entretanto, branca como uma salva de prata, andava preguiçosa pelo infinito. Das margens vinha um cheiro agradável de herva-cidreira, com o perfume brando das flores agrestes.

Novamente o medo se apoderou do caboclo. Ia passar o cemiterio que ficava perto da margem do rio. Não tinha coragem de seguir.

Mas a brejeira da Mariquinhas dançou-lhe de novo na imaginação apavorada, aureolada de encantos, nua, palpitante, ardendo de goso e de beijos.

E a idealisação daquelle corpo escultural e quente, a delicia de uma noite passada num paraíso de desejos e caricias mutuas, enchiam-lhe o espirito de pensamentos vermelhos, cheios de libidinagem rude. Nessa noite chovia. Oh, que bom, os dois na mesma rêde, unidos peito a peito, labio a labio e a chuva caindo nas palhas da coberta !... Já não tinha coragem de voltar.

Meia hora se passou.

Venceu a primeira volta e um estirão comprido, onde a agua mais veloz corria, desenrolou-se-lhe á vista.

Era no fim do estirão que ficava o cemiterio.

Fendeu corajosamente o rio, com o remo. Queria passar por ali, sem que sentisse. E o casco correu á desfilada.

De repente moderou. O caboclo julgou ter visto no contorno da volta um casco subindo. Era uma nuvem escura, que passava pela lua, ensombrando o estirão.

Remou de novo. O suor corria-lhe pelo corpo, os braços cançavam-se. Tirou a camisa. Queria remar á vontade.

Um côco ruidosamente caiu n'água.

Olhou para traz com medo. Pareceu-lhe que alguem o seguia. Tinha receio de que fossem os mortos.

E o casco deslisava com a correnteza.

Um peixe rabanou.

Bebedo de medo, olhou para os lados. Nada viu.

As barreiras altas, sombreadas pelas palmeiras esguias, onde o vento frígido da noite farfalhava de vez em quando; a serenidade religiosa do luar, o pedaço branquicento do rio, onde a lua se espelhava á farta, como uma coquette enamorada, atordoavam o seu espirito medroso de um pavor estranho.

Remou de novo. Aves grasnaram, acordando ao ruído do remo.

Um frio tiritante, mordente e doído, electrizou-lhe o corpo. Pareceram-lhe vozes de fantasmas.

Novas aves acordaram, batendo as azas.

Todo elle tremeu. Vieram-lhe á lembrança os

contos que ouvira em criança, em que as almas penadas, em bandos, surgiam das sepulturas, á procura de uma prece.

E, tremulo, confuso, gaguejou um *padre nosso*.

E o casco continuava a deslizar.

Uma folha de palmeira baloiçou morosamente.

Os contos de criança mais vivos se lhe accendram na memoria. Suppoz uma alma vagabunda, alevantada do tumulo, estendendo-lhe os braços descarnados, brancos, para aperta-lo de encontro aos ossos glaciados e mergulha-lo de uma vez para sempre no pelago profundo.

Estava defronte do cemiterio. O seu espirito em luta assanhava-se de pensamentos medonhos, vendo em cada movimento da folha a alma penada aproximando-se, muda, tetrica, os passos longos, vagarosos, querendo furar-lhe os olhos com os dedos compridos.

—Eu te esconjuro, eu te esconjuro ! murmurou, tremendo.

E respirando, cansado, tocou desvairado o casco para traz, estremecendo de febre. Não podia vencer a correnteza.

As pernas tremiam, a cabeça pesava-lhe no corpo e os cabelos eriçavam-se em comichões. O remo caiu-lhe das mãos, descendo o rio. Fez um esforço para alcança-lo. Debalde.

Encobriu a lua uma nuvem compacta, carregada e negra. O vento frio da chuva proxima correu intenso. Um môcho piou doloridamente, avisando a escuridão.

E aquella grito agudo, plangente, lugubre, pareceu-lhe o grito de uma alma perdida.

Ao longe urrou um toiro. Um gallo cantou.

—Meu Deus, meu Deus ! clamou de pé, no casco, allucinado, cambaleando como um ebrio e erguendo os braços para o céu, como numa supplica:

—Meu Deus, meu Deus !

E começou a balbuciar uma prece.

No levante um relampago doirado rachou repentinamente o céu. Ao mesmo tempo, barulhadamente, como um cair de latas velhas e depois grosso, como um tiro pesado de peça, o trovão estrugiu.

O caboclo dançou na pôpa e rolou no rio.

Agua abaixo, sem rumo, lentamente, o casco foi doidejando, doidejando e sumiu-se na volta.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

A Astolfo Marques.

A' ESPERA DE UM HOMEM

Recife. Outubro, 1901.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Cigarrilha na boca e bata branca de cassa transparente,—ella, na varanda, olhava inquieta para a rua.

Nem um homem nessa noite !...

E tornava a olhar. Debruçava-se afflicta na sacada de ferro, empinava-se na ponta dos pés, correndo os olhos pela rua inteira.

E nada, nem um homem !...

Um vulto assomava de vez em quando. Havia de ser algum rapaz a procura-la.

Tudo debalde. O' noite sem sorte !...

Perto, num botequim, o povo formigava. Ouviam-se vozes confusas, tinidos leves de garrafas e copos. Ao piano uma voz de mulher cantava um tango espanholado.

Fóra, em mezinhas de ferro, pintadas de branco, moços palestravam á larga, fumando cigarros.

E nem um só a procura-la, e o carnaval que vinha perto, ella, que precisava de um vestido caro, fantasiado a luxo, que tinha a casa já vencida, sem dinheiro para as despezas do outro dia...

—Ah ! que sorte !...

E melancolica e muda chupava a cigarrilha pensando.

Quanto fôra feliz nos tempos de criança ! De manhã cedo, com o vestidinho de chita azul e o cathecismo nas mãos, lá ia com as companheiras da vizinhança para a escola proxima. Mais tarde, quando voltava, a sua mãe, cuidadosa com o pratinho de guisados, vinha sentar-se na meza para vê-la comer.

Depois, quando moça, os dedos picados da agulha, a costura sobre as pernas, talhando os seus vestidos.

A' tarde, quando acabados os affazeres, penteada e fresca, com a saia engomada e o casaquinho de rendas brancas, corria para a janella, a ver quem passava. De noite, á luz tremula do candieiro de kerosene, no silencio doce da sua casa de pobre, lá estava de agulha nos dedos, a fazer o crochet das encommendas. No domingo, ás 8 horas, a assistir á missa na igreja vizinha.

Que dia alegre o domingo ! Após o banho frio, correndo para o quarto, mettia-se nas anagoas alvas, engommadas a capricho, nos sapatos de verniz brilhante, e, quando lá fôra os sinos começavam a badalar festivos, toda ufana no chapéu de palha quebrado de banda e o leque de papel com lantejoilas,

ia faceira ajoelhar-se na igreja. Quando voltava, a alma trazendo inundada de crença pela palavra bíblica do sacerdote no púlpito, enquanto esperava o almoço, no quintal, debaixo das árvores, punha-se a talhar as roupas pequenas das bonecas de loiça.

Ah ! como tinha saudade disso tudo !...

E ficava a lembrar-se do seu quarto simples, nos seus tempos de virgem.

A commoda velha de polimento escuro, onde guardava os vestidos mais caros, coberta por um jornal aberto; a meza pequena de pinho com livros em cima, junto ao espelho antigo de moldura duvidosa, a cama de lona com lençõs de retalhos, collocada de outro lado e da outra banda; perto do santuario, num pedaço de taboa, pregado na parede, o samburá de costuras com a almofada de setineta rosada.

Os pensamentos vinham-lhe enchendo o cerebro de recordações dolentes.

Lembra-se de uma festa no dia dos seus annos. A casa estava cheia. As amigas mais chegadas vieram todas. Um moço da vizinhança trouxe a flauta e outro o violão. *wa*

E dançou-se. Dançou-se muito, até de madrugada.

Quantos presentes lhe deram ! Uma pulseira de prata em forma de corrente, com dois corações nas pontas, uma duzia de lenços de linho, um livro de missas esmaltado de metal amarello fingindo oiro e uma boneca de cera, que dormia, quando a deitavam. E doces e frutas ! E muitas outras coisas !...

Como sua mãe estava alegre ! Atarefada, de uma banda para outra, servindo os convidados, influindo a brincadeira. Ah ! quanto era bom ter mãe ! E arrepentia-se dos seus momentos de zanga, em que, por uma simples reprehensão da pobre velha, o seu rosto se franzia enraivecido e da sua boca partiam respostas atrevidas. Quanto fôra resmungona para ella ! Agora é que sabia o que era ser mãe !...

Ah ! tempos que se foram ! Ah ! tempos felizes !

Com uma lagrima nos olhos fitava a fumaça enrolando-se no ar.

Na igreja vizinha, nove horas o sino compassado marcava.

E pôz-se a contar aquellas badaladas sonoras, que se perdiam nos ares, ao sopro calmo do vento da noite.

Tudo aquillo já lhe falava de outra fórma, tinha um som mais plangente, um signal todo contrario. Se estivesse em casa, na casinha modesta onde nascera, era a hora calma da ceia, em que deixava os bastidores de bordados pela cama singela de virgem, onde sonhava sempre em coisas boas.

Em cima, o luar, nos céus sem nuvens, despejava uma claridade lactea. Longe, da outra banda da cidade, cornetas, em algum quartel, estridulavam tristemente no espaço, em vibrações pungidas.

Escutava. Não podia ouvir esses sons tristonhos, perdidos na ventania, sem que a sua alma melancolica emuda ambem voasse pela poeira do

passado. Quantas recordações, quanta embriaguez em tudo aquillo ! De noite, quando aquelles sons rompiam longinquos e a cidade dormia na sombra opaca do céu sem lua, é que ella, devagarinho, na ponta dos pés, da cama corria para espera-lo no portão de traz. Nesse tempo era elle soldado. Quanto era doida pela farda ! Como gostava de ve-lo, kep de banda, calças encarnadas, botões doirados reluzindo sempre ! E aquella maneira de falar, a expressão tocante da voz, aquelle revirado languido dos olhos...

E fôra elle quem a perdera !...

Mas como era bonito, como lhe dizia coisas tão doces, tão sonhadas, como tinha os cabellos cheirosos, o bigode torcido, os dentes alvos...

Mas, depois de vê-la sua, fugida de casa, a fi-lhinha nos braços, abandonou-a para sempre.

Ainda o amava. Ah, se elle a quizesse ainda !

A cigarrilha caiu-lhe das mãos, rolando na calçada.

Na rua, vagarosamente, um moço vinha olhando para cima.

De novo debruçou-se na varanda. Reconhece-ra-o. Tempos atraz estivera com elle. Correu os olhos e cuspiu para baixo, concertando a garganta num ruido proprio de quem quer ser visto. O rapaz ergueu preguiçoso o olhar e saudou-a com desdem:

—Como vaes ?

E foi andando.

Tremeu de raiva. Uma lagrima sentida escorregou pelo vestido branco.

BIBLIOTHECA PU
do
ESTADO DO MAR

Sentada na cadeira, a mão na face e os olhos perdidos no espaço, ia-se embebendo indolente nas recordações confusas dos seus tempos de perdida.

Tudo a principio fôra um conto de fadas.

Encontrara um negociante opulento, um homem libidinoso, que lhe dera um sobrado novo, de jardim na frente e cortinado na janella. Passava uma vida encantadora. Mesmo na cama tinha a criada a levar-lhe o leite ou chocolate.

Penteada, atufava-se em vestimentas leves e corria para o sofá de estofa, a ler algum romance até á hora em que o amante chegasse para o almoço. A comida—sempre boa, sempre certa.

Mas um dia abandonou-o, aborreceu-o de tal forma que não poude vê-lo mais.

E teve sorte.

Os homens enchiam-lhe as mãos de oiro, cobriam-na de joias. Teve vestidos tentadores, talhados pelas modistas mais afainadas, aneis custosos do melhor quilate e broches finos de pedras raras. Andava num luxo requintado, coberta de sedas, fazendo no brilho das joias do pescoço e dos dedos.

Na rua, quando pisava, havia um sussurro de espanto e de cubiça.

Sombrinha escarlate aberta, no decote cinico do casaco azul tarjado de fitas, e o chapéu carnavalesco, dando mais graça ao penteado exquisito da cabelleira preta, ia passando por todo o murmúrio com uma arrogancia de rainha, a cabeça levantada, o andar sacudido e tímido, requebrando os quartos

numa elegancia canalha. E os olhos acompanhavam-na, e os ditos picantes se reproduziam até que dobrasse a ultima esquina e entrasse em casa. Os homens mais ricos, mais poderosos da terra teve-os nos braços. Sabia vasar os bolsos, entontear com beijos. Os theatros tinha-os abertos; camarotes para todas as noites; carruagens para passeios.

Em patuscadas, nas ceias nocturnas, onde os amantes lhe compravam a carne, endoidecidos, embriagara-se de champanhe, primando no cinismo. Nos bailes publicos, no calor nervoso do maxixe, era sempre a primeira no requebrado languido do corpo, sempre a unica na embriaguez calida do deboche. A sua febre de devassa, a pressão frenetica do seu pensamento lubrico, por esse tempo tornaram-se cançadas, como que exaustas de trabalho.

E foi-se sentindo gasta, as faces foram-se descobrindo, as fibras embambecendo-se e as doenças constantes, o alquebramento, o enjôo da vida foram-na tornando pouco a pouco fria. A sua casa já não era o mercado magico do goso, onde os homens lhe compravam enfebrecidos a caricia queimadora dos seus labios. Os homens rarearam insensivelmente e ella foi-se tornando mais delambida, mais barata, inventando coisas que a faziam córar, para manter o luxo deslumbrante de outrora.

Em terra estranha via-se agora desamparada, distante de afeições bem gratas, curtindo os seus pesares, as suas magoas de prostituta, sem uma voz consoladora que lhe procurasse lavar a alma viciosa.

sem um peito amigo, onde pudesse encostar-se na hora das lagrimas.

Já não era a fada tentadora de outros tempos, a libertina escandalosa e petulante, os seus braços já não premiam, como d'antes, os seios já não afo-gavam, a carne não entontecia, nem tinha a embria-guez incendiada dos primeiros dias. Na quadra lucida da vida, no verdor dos seus vinte e tres an-nos, sentia-se desgraçada, amaldiçoando a sorte, o corpo abatido, esfalfado de deboche, sujeitando-se a tudo, a passar noites em claro, aos caprichos dos homens, vendendo caricias, numa ganancia vi-va de quem tira da carne o sustento para ella e o dinheiro que o senhcario exige, com ameaças, no fim de cada mez, no patamar da escada.

Estava fraca, estava doente !

E via-se acabada, cheia de sardas, as faces pal-lidas cobertas de rugas, os olhos languidos como os de um morto, sem expressão, sem nada, os labios côr de cera e os seios machucados, bambos, caídos para baixo como de velha.

E era obrigada, á custa de perfumes, de roupa-gens indecorosas, a reviver a carcassa daquelle cor-po envelhecido em moço, para que alguém encon-trasse ainda o apetite saboroso de coisa bôa.

Ficava pensando nos seus tempos de virgem.

A'quella hora, talvez estivesse [deitada, resando devagarinho o rosario de contas miudas... No en-tanto, ali na varanda, inquieta e chorosa, esperava um homem para essa noite.

Ah, que differença ! Como trocaria o luxo desho-
nesto da sua alcova, os cortinados ramalhudos do
seu leito aparatoso pór aquelle quarto pequeno de
moça pobre e pela caminha de lona com lenções
de retalhos ! Ninguem a trataria de resto, não a
saudaria tão desdenhoso, como aquelle homem de
ha pouco; a existencia teria sem vicios, sem ser pre-
ciso carminar as faces, correr a varanda para povo-
ar a alcova.

E suspirou saudosa, arrependida e humilde, le-
vando absorta aos olhos a manga rendada da bata
transparente, para enxugar as lagrimas.

Na cadeira de palhinha, quedon-se abatida, der-
reando mollemente o pescoço eburneo, numa lassiz-
dez abandonada e fria, fitando o tecto distraidamen-
te.

Pensava na filhinha... Tinha saído desde a tarde
a passear com a creada. Como era chic, como era
encantadora !... As facezinhas rosadas, os cabellos
loiros enrolando-se nos hombros e os labios frescos
a beijar os seus. Ah ! era o conforto unico, o unico
ser que a alegrava nas horas tristes da sua alma
atribulada, que a aflorava de sonhos honestos, onde
a sua imaginação peccadora de rameira ia respirar
serena e casta a voluptuosidade terna da maternida-
de.

Idealisava aquella boquinha tremula collada á
sua, as mãos velludas alisando meigamente os
seus cabellos e o peito palpitante de creança en-
costado em abandono no seu peito.

Queria que tivesse uma educação perfeita. No mez seguinte deixa-la-ia num collegio de meninas, no melhor collegio da cidade, livre do contagio da sua casa, alheia á sua vida depravada.

E tremeu.

Alguem subia a escaia. O seu coração bateu ligeiro. Algum homem a procura-la! Oh ! um homem ! Havia de ser, havia de ser !... E mais tarde outro... Nessa noite teria quatro, cinco, nas outras outros tantos e nas outras ainda mais !...

O vestido do carnaval seria pomposo, radiante, nobre, não seria expulsa de casa, o senhorio não a ameaçaria mais e no dia seguinte a comida farta, o dinheiro á farta !... Um homem,—havia de ser, havia de ser...

E os passos chegavam-se mais claros.

Correu á porta. O seio arfava precipitado e quente e as mãos gelaram-se, tiritando.

Um homem, havia de ser um homem !

E os passos mais perto sempre.

Tomou a chave. Os seus labios esfriaram pallidos, sem uma gotta de sangue. Tremia, toda ella tremia.

E abriu a porta.

Era a filhinha que voltava do passeio.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Àmerico Maranhão.

Safado!

S. Luiz do Maranhão, 1901.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Naquelle dia ella esperava cartas do noivo.

E, recostada na cadeira de embalo, o romance aberto sobre o regaço, a chinelinha bordada tocando de leve no tapete macio, cheio de paizagens, olhava distraida as paginas do livro, sem comprehender uma só linha.

A sala estava deserta. Lá de dentro vinham uns sons tristes de cantiga de alguma creada no jardim. Na janella o vento manso balançava os pannos do cortinado. Uma folha de musica aberta ao piano tremia ao sopro de fóra.

E ella pensava. *Seu Serra* deveria ter-lhe escripto naquelle vapor, avisando o dia da chegada. Mas o correio tardava.

Pelos seus ouvidos uma mosca zumbia, impacientando-a mais.

Naquelle dia estava nervosa.

E, absorta na chegada futura do noivo, ia-se embecendo pouco a pouco na recordação ligeira dos tempos do namoro.

Lembrava-se ainda. Fôra num dia de festa. A igreja reluzia na ornamentação aristocratica dos arcos floridos e da prata dos altares. As sedas farfalhavam, os brilhantes tremiam ligeiros e os leques de plumas aflavam inquietos, scintillando de lantejoilas. De uma banda chegavam uus sons leves, vagos e melancolicos de um harmonio, acompanhado de cantos sacros. O padre, no altar, levantava a hostia. *Seu Serra* chegára, ajoelhando-se ao pé della. Reparara insensivelmente nelle, sem prestar attenção... Cinco minutos passaram... A campainha retiniu sonora, tres vezes, compassadamente. O leque caira-lhe das mãos... *Seu Serra* ajuntara-o. Ella, num sorriso, agradecera.

E começou aos poucos a reparar no correctismo da sua gravata, no talhe das calças de cachemira fina, na singeleza do laço da gravata, no penteado da cabelleira, olhando-o sorrateira, fingindo que resava.

E, quando veio para casa, trazia o intimo cheio da imagem daquelle rapaz elegante, que a fitara na nave festiva do templo, enquanto o harmonio inundava o ambiente perfumado de incenso de uma musica tristonha e clara e a hostia no altar tremia nas mãos envelhecidas do padre.

Um mez passou-se, sem ve-lo mais.

Depois encontraram-se num baile. Sorriram-se.

Barulhenta, rompeu a orchestra numa valsa alegre.

O rapaz viera muito cortez, muito janota, e ambos, num enleio amoroso de braços, lá saíram pela sala, á cadencia harmonica dos instrumentos, como que esquecidos da vida, alheios do que os cercava.

E dançaram, dançaram mais.

O moço declarou-se.

Parecia estar vendo ainda as companheiras, que passavam ao lado dos pares, sorrindo alegremente, trocando o namoro, perguntando-lhe nos ouvidos quando se comeria o doce ou conversando umas com as outras a respeito della. Essa noite, oh, que noite boa!... Nunca se vira num baile tão requestada !

Sentia ainda o som melodico das primeiras palavras do noivo, sabia-as de côr, lembrava-se de bem como foram ditas no intervallo da segunda contra-dança, muito timidamente, muito baixinho, para que ninguem ouvisse. Recordava o affecto enamorado, a solicitude apaixonada do rapaz, tratando-a com uma delicadeza distinctiva, achando formosas as flores que ella trazia no seio, pedindo que lhe dêsse alguma, notando antipatia nas outras moças e offerecendo-lhe sorvetes, dôces e licores.

Desde esse dia, encartolado e cheiroso, *seu* Serra, á tarde, o andar vagaroso e grave, muito teso, no principio da rua despontava para ve-la. E passava na calçada opposta, muito risonho, cofiando o bigode preto, olhando-a muito... Todos os dias lá vinha ella

para a janella, com um vestidinho fresco, muito seria, fazendo-se embebida na leitura de algum jornal ou romance, com medo da lingua da visinhança mexeriqueira.

E mezes passaram nesse namoro simples. Encontravam-se ás vezes nas egrejas, nos bondes, nas lojas, mas aquillo não passava de um cumprimento um tanto demorado, um tanto significativo. Mas, apesar disso, já pela cidade corria que ambos se amavam. E as amigas, quando a encontravam, ás vezes davam-lhe noticias d'elle, dizendo que o tinham visto nesta ou naquella parte e perguntando-lhe, em segredo, troçando-a com intimidade, se a coisa era certa e se elle já a tinha pedido.

Negava, negava sempre. Oh, um rapaz não podia olhar para uma moça sem que se pensasse logo que era namoro ! Gostava, gostava d'elle, «mas era simplesmente !».

Mas aquelle *simplicemente* saia-lhe dos labios acompanhado de um sorriso e tregeitosinho nos olhos, a que as companheiras, galhofando, lhe diziam que não negasse, porque os seus olhares attestavam que a «coisa era certa».

—Olha, meu bem, os olhos não mentem.

Mas aquella vida serena um dia veio turvar-se. Fôra num baile. E aquillo magoara-a tanto que até hoje, quando disso se lembra, o seu peito arde ainda nos restos da raiva que sentiu. E essa noite fôra para ella a peor da sua vida. Recordava-se de tudo.

Na segunda quadrilha *seu* Serra tirou-a para dan-

çar. E não sabia como disse se esquecera, accetando outro moço, que veio tira-la depois. O rapaz danara-se e, affectando indiferença, a noite inteira passara ao lado da Albertina, muito caído, dançando com ella todas as peças.

Ella ralava-se de ciumes. No meio de todo aquelle borborinho festivo de musica e de risos, em que os corações palpitavam na cadencia voluptuosa da dança e os labios desabrochavam na nevrose frenetica da alegria, a sua alma cheia de ciumes tacteava, desesperada e bruta, numa atmospherá desconhecida, como essas aves tontas que as azas batem na escuridão de um abismo.

Oh, noite agoniada ! Não tivera um socego !

O espartilho acochava-a fortemente nas costellas, o sapato de verniz premia-lhe os pés e a garganilha de rendas afogava-a no pescoço. As roupas pareciam causticos, o perfume dos lenços enjoava-a, os doces faziam-na engulhar e a agua sempre quente, sempre «um caldo». Sentia um nó na garganta. Estava com febre.

Qualquer olhar de rapaz para rapaz, um simples cochicho de moça para moça, ardiam-lhe impiedosamente na alma dolorida, envasando-a de lagrimas, que ella embargava a custo, envergonhada de dar mostras do seu despeito. Julgava que todos reconheciam a sua raiva interna, que zombavam da sua derrota, que se riam della e isso ia-lhe continuamente revoltando o espirito magoado, ferindo o seu amor proprio de moça bonita, escaldando-a cada vez mais em pensamentos brutos de histerica raivosa.

Corria ao tocador, comparava-se com a rival e ás vezes chegava a considerar-se mais feia. Concer-tava o penteado, punha no rosto o pó d'arroz, endi-reitava a vestimenta, tornava-se mais faceira, mais garrida e ia para a sala.

Era tudo em vão. Lá estava *seu* Serra, ao lado da Albertina.

E uma torrente flammejante de odio vulcanisa-va-lhe a idéa, atordoada e confusa. Tinha impetos de hiena, desejos indomaveis de correr para a inimiga, de esbofetea-la, morde-la toda, arrancar-lhe os ca-bellos, torcer-lhe o pescoço, espatifa-la.

Mas fazia-se forte. Ria, conversava alegremente, mas, de instante a instante, a sua imaginação des-prendia-se de tudo, para estirar-se de novo na cruz dolorosa do seu suplicio interno.

A noite parecia-lhe longa, a musica melancolica e as quadrilhas «um nunca acabar».

E tinha desejos indomaveis, pensamentos sinis-tros, que se lhe avolumavam no cerebro de nervosa, numa intensidade ardente de caldeira que ferve. Queria que, no meio de toda aquella festa, espocasse um desastre qualquer, a casa se incendiasse, alguém quebrasse uma perna, um braço e morresse, ou o dono da casa ou ella propria, mas o que queria era que tudo se acabasse.

A inquietação endoidecia-a. O espartilho já lhe queimava a cintura, o casaco afogava-a demais e o empacho da garganta entalava-a angustiosamente. Queria respirar em desafogo, precisava de chorar e chorar muito !...

E, quando voltou para casa, estalava de frio. A noite foi horrível. Barreiras intermináveis, abismos profundísimos, surgiram-lhe em sonho, aterradora-mente. Homens, em meio de círculos extensos, audaciosos, pularam, de espada flamejante em punho, alarmando a multidão.

Depois o casamento de *seu* Serra, entrando na igreja. As carruagens colossaes, empenachadas de plumas multicores, vinham puxadas, não tinha a certeza por quem, porque os animaes tinham penas de garça, braços de gente e pescoços compridos como avestruzes. A Albertina, vestida de bata longa de pelucia róxa, trazia na testa uma grinalda comprida de laranjeiras e azas de serafim nas costas, que abanavam a cada meneio do corpo. *Seu* Serra, todo de preto, vinha radiante, com a fronte erguida orgulhosamente e uma corôa de espinhos na cabeça. Os botões pretos da roupa foram-se tornando exquisitos, bronzeados e doiraram-se; a casaca negra mudou pouco a pouco, tingiu-se de azul-claro e converteu-se em farda e as calças estreitaram-se, encurteceram e ficaram como de menino. Já não era o mesmo rapaz que tinha visto nas salas, nas igrejas e nos bondes,—era um homem poderoso e altivo, senhor de throno, cercado de vassallos, vestido á moda dos fidalgos medievaes. Um manto faiscante de veludo verde, salpicado de lantejoilas, descia-lhe pelos hombros ostentadamente; uma gravata larga, de seda amarella, atufava-lhe o peito, crivado de medallhas e a corôa de espinhos da cabeça scintillava, cheia de perolas.

Os nubentes chegaram ao altar. Apareceu um padre, todo coberto de estolas doiradas, velho, de fronte bondosa e risonha, semelhante a um retrato a oleo de Leão XIII, que vira dias atrás na sacristia de uma igreja.

O templo foi tomando proporções grandiosas: o tecto matisara-se de figuras bellissimas, scenas do paraizo, onde Maria, cercada de uma revoada de cherubins formosos, a cabeça divina envolta em claridade, o filho pequerrucho nos braços, sorria para uma multidão de santos que a fitavam; as columnas engrossaram prodigiosamente, colorindo-se de rosa, transformando-se em marmore, os cirios pareciam troncos de pau e os santos já não eram de madeira de tamanho regular: assemelhavam-se agora a fantasmas monstruosos, que se moviam ás gargalhadas, atirando beijos para o povo da igreja.

No côro uma orchestra tocava um galope de carnavaal.

Não tinha recordação perfeita do que se passara por um certo tempo, só tinha idéa um tanto vaga, um tanto confusa de coisas fantasticas e exquisitas. Parecia-lhe que tudo se mudara sem que sentisse, que alguém a carregara para outro lugar muito distante. Mas via o mesmo templo pomposo e rico, embora mais differente, mais vacillante, o mesmo padre todo coberto de galões doirados, o mesmo reboiço de festa.

Mas havia uma certa barafunda que a desnor-teava. Gritava-se como num mercado, os homens

berravam roucos, trepados nos bancos, os vassallos batiam palmas cadenciadas de samba em meio e as mulheres davam pungas escandalosas, encarrapitadas umas nos hombros das outras. No altar os santos, bebedos, rouquinhos, o olhar reluzindo de luxuria, sapateavam indecorosamente, cantando ao som das palmas uma modinha popular que ella ouvia a cosinheira repetir todos os dias:

—Esquenta, esquenta o maxixe.

Ruidoso respondia o côro sapateando:

—Maneiro pau,

—Que eu quero tudo esquentado

—Maneiro pau,

—Requebra, meu bem, requebra

—Maneiro pau,

—Requebra bem requebrado.

Perto della havia um padre, moreno, rosto opado, cabellos longos e encaracolados, com mitra de bispo, que a prendia pela cintura, apalpando-a toda, querendo beijar-lhe os labios. Repellia-a com repugnancia, dando-lhe socos nas ventas.

E pouco a pouco aquillo foi perdendo o aspecto do templo da festa, assemelhando-se agora a um circo extenso de companhia equestre. Num trapezio longo, descido do tecto, o Christo, em balanços rapidos, fazia peloticas, equilibrando no queixo uma cruz de papelão. No meio da arena, um S. Jorge, musculoso, nú, com o capacete de ferro na cabeça, saltava no cavallo, atirando beijos, exhibindo as fórmas. No altar-mór o padre dos cabellos longos e mi-

tra de bispo cantava uma ladainha alegre, acompanhado das vozes da padralhada miuda. A orchestra, mais furiosa, mais forte e mais rija, proseguia, no corô, o galope infernal.

A cerimonia terminara. *Seu Serra* veio saindo, coberto de velludo, garboso e pedante, ostentando riquezas, muito alto, tocando no tecto, de braço com *Albertina*, que já tinha as azas compridas, os dentes de fogo, os sapatos ponteagudos e rabo arrastando.

E repentinamente viu-se num castello enorme, desmoronado e sombrio, prestes a cair. E começou a caminhar átôa por aquelles salões extensos, cheios de lixo, procurando alguém. Perto de uma barrica havia um vulto qualquer, atirado ao acaso. Approximou-se e começou a apalpa-lo. A principio aquillo parecia um corpo inerte, molle, um tanto impalpavel, mas pouco a pouco foi tomando figura humana, assemelhou-se ao *Serra* e ficou de pé. Reconhecera o padre moreno, de cabellos longos, que a beijara na igreja. Prendeu-a de novo pela cintura, apertou-a contra o peito e estalou-lhe um beijo na boca. Saira como doida a correr pelos salões. Mas as suas pernas pesavam de mais, o corpo enfraqueceu de todo, e a cada passo que dava rolava no soalho estrondosamente. O padre acompanhava-a. Já sentia as suas mãos callozas tocar-lhe nos vestidos e os seus labios babados roçar-lhe pelo rosto. E correndo, correndo muito, galgara uma janella e atirou-se á rua.

Acordou. Eram quase nove horas da manhã.

E muito tempo passou deitada, ouvindo o som

longinquo da festa do sonho, meio demente, sem saber onde estava, cuspindo enjoada, julgando sentir ainda nos lábios a boca do padre. O dia todo passara triste, mettida no quarto, aborrecida, chorosa, com dôres na cabeça e o pulso alterado. Não quiz ir á meza, a carne inchava-lhe na boca, o café parecia-lhe um purgante e o leite fazia-a vomitar. Dias e dias não cbegara á janella, não visitara as amigas, sempre no quarto ou no terraço, os olhos pregados nas folhas de algum romance ameroso e o pensamento em busca do namorado. Tornou-se supersticiosa. A' noite não entrava sosinha em quartos escuros, com medo do sacerdote do sonho. Se alguém lhe tocava nos hombros, tremia toda, gritando assustada. Uma vez, assistindo á missa, caíra com um ataque, ao ver o bispo subir ao pulpito.

No isolamento de despeitada que pretende vencer, estudava palavras, ensaiava gestos, para o primeiro encontro com o namorado. Quando o visse trata-lo-ia como se nada houvesse existido, como se nunca o tivesse amado, com uma indiferença alegre e frisante.

E assim foi.

Dois mezes depois encontraram-se de novo num baile. *Seu Serra*, que fizera o rompimento por um simples coquettismo, um chic de namoro subira ás nuvens, quando a vira trata-lo indiferentemente.

Nessa noite Albertina fôra a victima. Ella vencia.

D'ahi a tempos, no dia do anniversario das bo-

das de seu pae, encasacado, de luvas de pellica, sapatos de verniz, *seu* Serra viera pallido, tremulo, pedir-lhe a mão.

Agora estava noiva. E esperava somente a chegada d'elle para casar-se.

E maquinalmente, na recordação ligeira de tudo isso, ia na imaginação como que passando revista ao enxoval. O vestido do noivado, branco, de seda cara, era talhado pelo ultimo figurino parisiense, na primeira casa de modas do Rio; a grinalda alvissima, de laranjeira, elegante, fina, viera-lhe expressamente da Europa, como presente de seu padrinho, um portuguez. Os sapatinhos côr de jaspe, o leque finissimo, de talas de madreperola cravejadas de pedras, e o cortinado de ramagens azuladas tinham chegado da Inglaterra, a pedido de seu pae. As camisas eram de linho branco e palas de crochet enfeitadas de fitinhas azues; as anagoas de folhos de labirinto do estilo antigo e rendas do Ceará e as colchas de setim côr de ceu tinham no meio o monogramma della e do noivo, bordado a fios de ouro.

A mobilia, luxuosa e rica, dias atraz tinha saído da alfandega. Cadeiras pequenas de varames doirados, estufadas de velludo, consolos modernos, com marmores rosados, toucadores artisticos com espelhos de cristal e jarros de porcelana chinesa.

E a cama?!... De polimento claro, muito bonita, muito elegante, cheia de recortes de madeira e uma placa de madreperola no espaldar da frente, onde a primeira letra do seu nome se entrelaçava com a primeira do noivo.

A casa em que ia morar, um chalézinho pintoresco, com trepadeiras nas janellas, recebia a ultima demão de tinta.

Ah, quando estivesse casada ! Ao lado do marido, sentados juntinhos, as mãos unidas, debaixo das latadas sombrias, ou por entre as moitas cheirosas das flôres, trocando beijos e mais beijos ! De manhã, os dois, sadios e felizes, ella, cabellos soltos ao vento matinal, vestido leve de cambraia rata e elle, chinel la bordada, gorro na cabeça, iriam pelo jardim, vagorosamente, num idilio sereno, passageiro e doce, colheendo flôres para os jarros da sala.

E quando tivessem o primeiro filho ? !... Santo Deus, que alegria, que alegria em casa ! O pequerrucho, engraçado, vivo, a correr pela sala como um doido, desarrumando a mobilia, quebrando as teteias do toucador ou rompendo os livros que ella estivesse lendo.

Deus permittisse que elle fosse traquinas. Ninguem, nem o proprio marido lhe poria a mão !

E como não seria engraçado o diabinho, a traquinar pelo jardim, quebrando as plantas e com uma vara na mão a derribar as uvas verdes das latadas !... E o safadinho, depois do pae lhe ter ralhado, correr muito vermelho, com os labiosinhos tremulos, prestes a chorar e ella a aperta-lo nos braços com caricia:

— Não xóla, meu bem, não xóla !

Como tudo isso seria bom !

E num frenesi de histerica, que exige um homem, calculava o dia do samento. Reboição medonho em

casa: a criadagem a correr atarefada, com as com-
poteiras de doces; o tilintar das louças pela cosinha;
a profusão de flôres pelos jarros.

E que manhã divina não seria !?... O ceu todo
festivo, o ceu todo sem nuvens... Acordaria muito
cedinho, mergulhando logo no banho perfumado que
a esperava... A' tarde, quando viessem entrando as
amigas mais intimas, já estaria no quarto para pen-
tear-se. E já parecia ouvi-las com ditosinhos brejei-
ros, numa confusão alegre, procurando alfinetes para
pregar-lhe o vestido de noivado ou concertando a
grinalda, o veu, o penteado...

E já via a sala cheia, todos á espera della, so-
mente para o casamento civil. O juiz, mettido em
casaca negra, passeando calado pela saleta apinha-
da de homens e *seu* Serra, sobranceiro, feliz e no-
bre, conversando com alguém...

E esses castellos erguiam-se-lhe no cerebro, avo-
lumando-se mais. Já se via saindo do carro, entran-
do na igreja, trajada de branco, com o ramilhete
de cravo, de braço dado ao noivo...

Depois o padre a casa-la...

E mais tarde em casa, no chalé pintoresco, de
trepadeiras na janella, sentada no sofá da sala e a
cama lá dentro, enfeitada com luxo, os cortinados
rolando de cima, numa passibilidade ostentosa. E
mais tarde... e mais tarde...

Tremia num friosinho de goso.

Mas com os diabos, aquelle maldito correio !...
Seu Serra deveria ter-lhe escripto, infallivelmente,
avisando o vapor em que viria.

Como não se damnaria agora aquella lambisgoia da Albertina ? !. Que «chupasse o dedo», que «dormisse na cama, que era lugar quente». Irra ! com que cara não ficaria ? !...

Mas o seu desejo era que «aquella peste» estivesse presente no dia do casamento, para que a visse entrando na igreja, de braço com o noivo... Ah, se ella assistisse a tudo, tudo !... E deu um muxoxo. Aquelle diabo que ficasse lá mesmo pelo Ceará. Se morresse de beriberi, que a forçara a mudar de ares, não faria falta alguma, ella mesmo não choraria.

O que a incomodava era *seu* Serra ter ido para o mesmo lugar onde ella estava.

Mas qual ! Elle promettera-lhe até nem visita-la ! E alem disso os seus negocios commerciaes não lhe dariam tempo para isso.

E o correio, aquelle maldito correio...

Correu á janella. Carros cheios de bagagens passavam, estrondando. De uma escola proxima crianças saíam, fazendo algazarra, discutindo notas. Um escolar, de calças curtas e blusa de fustão branco, assobiava, muito agudo, pelos dedos, entre os dentes. Aquillo incomodava-a. Uma mulher, com o tableiro farto na cabeça, passava, apregoando frutas. O sapateiro da esquina espiou-a pela porta, batendo sola. Uma mulher, defronte, cosia na maquina, com o filho no regaço, cantando a Ritta Medeira. Um homem passava, de porta em porta, entregando pro-

grammas de espectáculo. Ao longe o sino de uma igreja dobrava a finados.

Sentou-se ao piano e começou uma valsa. Errou. E poz-se a pensar. Quem dera que a Albertina estivesse presente «no dia da coisa», para ver tudo. «Aquella besta» mesmo não estava vendo que *seu* Serra não havia de se casar com ella ? !... Um diabo que tinha um nariz de legua e meia e dois dentes postiços na frente... Qual ! havia muita gente que não se mirava ! Porque era muito rica julgava-se muita coisa ! Dinheiro, ella tambem tinha ! Com que cara não ficaria lá no Ceará, quando soubesse do seu casamento com o Serra ? !... Ih, que cara ! ..

Palmas soaram na escada. A voz de uma creada, de dentro, gritou:

—E' o carteiro !

Correu á porta e abriu. Mas que diabo,—uma só carta ! E sem ser para ella,—para seu pae ! ?...

—Não tem para mim ? Veja bem, veja bem ! perguntou, incommodada.

—Não, senhora, é só essa !—E saiu.

Ella ficou extatica, a olhar o envolucro. De quem seria ? A letra parecia de *seu* Serra. E olhava, olhava bem. Era de *seu* Serra, não havia duvida ! Mas sem lhe escrever a ella propria, a escrever ao pae ? Que novidade, que novidade se teria dado ? E quiz abrir. Mas o pae talvez se zangasse... Estava pallida: presentia uma desgraça. E rasgou, gelada, as mãos tremendo. Um cartão caiu no chão. Apanhou-o ligeira, lendo febril:

DOMINGOS RODRIGUES SERRA

e

ALBERTINA AMELIA DA SILVA

participam ó seu casamento.

Ceará.

Ficou abismada, branca, tremula, fria, o olhar extático e o coração aos pulos.

E, esfrangalhando, nervosa, por entre os dedos, o cartão doirado, sacudiu-o no chão com força:

—Safado !...

E rolou no tapete, estrebuxando, aos gritos.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

A Monteiro de Souza.

Um pancadão

S. Luiz do Maranhão, 1901.

BIBLIOTECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Numa derradeira execução energica de teclados, dona Santa terminara o galope.

Houve um reboiço miudo de vestidos e toda a sala estalou em palmas.

— Bravissimo ! bravissimo !

— Outra, dona Santa ! Outra !

Ella levantou-se do piano. O rosto amorenado e roseo esbrazeava-se de sangue, os olhos luziam petulantes de um brilho claro e o seio redondo arfava numa offegancia embriagadora e quente. Aquella musica extensa, de execução difficil, estafara-a. E correu até á janella, procurando respirar.

— Outra, dona Santa, alegre-nos os ouvidos ..

Era *seu* Zuza que falava. Ella fitava-o sorridente, o olhar faiscando e a voz enternecida:

—Estou cansada, já toquei demais. Mande agora sua mulher tocar.

—Ora não se faça rogada... Tenha a bondade...

—Oh, que coisa !...

E sentou-se de novo ao piano.

—Que quer que toque, *seu Zuza* ?

Elle, arrastando a cadeira para junto, falou alegre:

—Qualquer coisa, minha senhora. Não, olhe, algum pedaço vibrante.

—A marcha de D. Carlos, não ? O senhor gostava tanto...

Elle estremeceu. A marcha de D. Carlos ! Aquella musica era uma das estrofes risonhas do poema saudoso do seu passado ! E não podia ouvi-la sem que a sua alma toda se engolfasse na bruma luminosa dos seus primeiros sonhos, aspirando, ao embalo voluptuoso de uma felicidade antiga, o succo perfumado das esperanças vividas de outros tempos.

—E' verdade, a marcha de D. Carlos ! Ao menos é um pedaço do passado.

Dona Santa córou. E, levantando-se impetuosa, na estantesinha de ebano, revirou os livros em procura da musica pedida. Sentou-se e, sacudindo numa elegancia artistica as mãos brunidas no teclado eburneo, do piano, o silencio rompeu em vibrações alegres, alagando a sala de uma cadencia accelerada.

Seu Zuza ali ficou, silencioso, derreado placidamente na cadeira de embalo, fitando tristonho as

bambinelas rosadas, que tremiam vagarosas á ventilação ronqueira das noites de estio.

Oh, que musiqua ! Quanta saudade, quanta saudade ! O romance do seu passado, pagina por pagina, folheava-se sereno, á sonoridade calida daquella cascata abemolada de notas fogosas, que zumbia pelo ar como um concerto ardente de beijos estalados.

Conheceram-se muito novos ainda. De manhã, quando dona Santa, ao lado da creada, para a escola seguia, muito ligeira no vestido creme de cambraia rendada, ia espera-la ao longe, na ultima esquina da rua, a trocar olhares. De noite, lá ia jogar o quino no terraço do quintal, sentado ao lado della, muito juntinho, apontando-lhe os numeros ou beliscando-a, quando se distraia... Seguiam depois para a sala. Elle desenrolava a flauta e ella, sentando-se ao piano, começava a estudar a marcha de D. Carlos. Se errava, ia elle todo solícito, por detraz dos hombros, sentindo-lhe o perfume dos cabellos, força-la a repetir a musica té que acertasse. Depois, quando na saleta o relógio de nikel as nove horas vibrava, vinha-se chegando para casa, farto de esperanças e de jubilo, com um cravinho entreaberto, offerecido ás escondidas, rescendendo na lapella.

Oh, que tempo feliz !

E todas as noites, ao lado do piano, virando as folhas da musica, quando a namorada concluia a derradeira nota, horas e horas passava num idilio passageiro e terno, arrancando-lhe palavras, enchendo-a de chimeras.

E na familia todos de rostos risonhos, abençoando o namoro... Sim, senhor, fôra um bôbo !

Ha pouco animada e quente, a musica foi-se desfibrando serena e vagarosa no bailado suave de uma sonata tremula, assetinada e doce, subindo e descendo, num desalento sonoro de notas compasadas.

E, á harmonia mistica dos sons tristonhos, a sua lembrança embalava-se preguiçosa ao sopro erradio das recordações.

Era numa noite luarenta. O mar, muito lizo e aveludado, gemia pela areia, em pavilhões de prata. Por toda a parte uma claridade branca se espalhava, illuminando as vagas de reverberações de leite.

Pelo caes dona Santa vinha, o cabello negro desenrolado pelos hombros, tremulando á viração do mar. Elle, o trancelim do chapeu de palha preso ao primeiro botão do paletot aberto, ao lado della vinha-lhe falando em banalidades. A familia, longe delles, lá para as bandas dos banheiros salgados, conversava com um conhecido. Ella encostou-se ao papeito do caes.

Ao longe a Ponta da Areia, branquejando a lua, illuminava o espaço com um pingo de sangue. O farol de Alcantara, muito pequeninino, parecia mergulhar-se de vez em quando nas ondas. Ancorados pela bahia, os navios balançavam de vagar, espalhando na agua, em tapetes rutilos, as luminarias dos mastros. Um barco, de velas pandas nos mastarêus compridos, escorregava placido, S. Marcos a dentro.

E começaram, as mãos bem juntas, falando do mar, numa fantasia poetica e sonhadora. Alem, um piano tocava a marcha de D. Carlos. E, acalentado pela musica, elle foi-lhe debuxando uma falúa branca a deslisar serenamente num mar de rosas e sereias fulvas, arfando os seios erectos na explosão melodica das vozes encantadas... Ella, com a testa enrodilhada de flores, a cabelleira solta, completamente solta, a palpitar nos ares, ao lado delle, tambem remando, com o regaço cheio de rozas, iria espanejando petalas e mais petalas ás sereias loiras, que lhe beijavam a fimbria veludosa do vestido. Depois, já tarde, na hora silente do funeral do ocaso, numa praia de leite lantejoilada de conchas, a falúa branca encaharia na areia. Os dois, saltando, nesse lugar viveriam eternamente, esquecidos da vida e dos homens, alimentando-se de frutas e de beijos, muitos beijos...

Enlanguecida, dona Santa foi-se pouco a pouco derreando bebeda nos seus hombros, e elle, amoroso, cingindo-lhe a cintura delicada, com os labios sequisos procurou-lhe a boca, para beija-la.

—Me largue! Você está doido? gritou ella, toda vermelha, desgarrando-se dos seus braços.

Nesse momento a familia vinha chegando e elle, encabulado e frio, depois de despedir-se, foi-se retirando para casa, muito triste, com receio de que a namorada se tivesse zangado com a petulancia.

—Vire-me esta folha, *seu* Zuza, faça favor, depressa! gritou-lhe dona Santa.



Ligeiro correu a pagina da musica. Agora era de uma ardencia fervente, crescendo em trinados irrequietos, numa acceleraçãõ alvoroçada.

Recordava-se do carnaval.

Vestida á andaluza, os seios tumidos empurrando a pelucia verde do casaquinho curto, decotado, dona Santa, cheia de fitas e de sedas, muito estouvada e rubra, ao som da dança, movendo o braco nú, pelas salas saltava, ruflando os guizos de tamboril metalico. Duma das janellas, com um sorriso satisfeito nos labios, elle fitava-a, muito orgulhoso de possuir o coração daquella mulher galante, que todos olhavam enamorados, seduzidos de graça. E nessa noite só dançaram juntos, sem que elle a deixasse dançar com mais ninguem...

E não ter-se casado com ella ! Diabo ! Fôra um tolo !

—Vire aqui, *seu* Zuza, ligeiro !

A musica esquentava-se.

Lembrava-se de uma festa no Caminho Grande, na velha quinta dos paes da moça. Brincava-se o «padre-cura». Havia pelo terreiro arborisado um borborinho can. Diante de risadinhas alegres. Elle era *o padre*, dona Santa era *a camelia*.

—Onde estavas tu ?

—Em casa do padre-cura.

—Mentes tu.

—Onde estava vossa senhoria ?

—Em casa da camelia.

—Olhe lá isso, *seu* Zuza, você só anda em casa

da camelia. E' muito cheirosa, não é ?

E as moças troçavam-no, muito risonhas, muito brejeiras.

Dona Santa corava, amuando-se. Aquella brincadeira não era bôa, o papá estava perto e podia ouvir !

Mas as troças proseguiam, mais prazenteiras e mais vivas. Então era certo, não ? Só não queria que o papá ouvisse ?! Qual ! elle até fazia gosto. Se quizesse far-se-ia o pedido...

E da roda alguém se levantava, affectando seriedade, e seguia em direcção do pae, para pedir a mão da filha.

—Deixa-te disso menina, deixa-te disso ! D'aqui a pouco eu largo o brinquedo ! gritava dona Santa, já de pé.

E ás nove horas, quando a orchestra chegou, lá saíram os dois pela sala aos pulos, na cadencia apresada da polka franceza. Oh ! nessa noite ella estava encantadora, num vestido simples de surah desmaiado. E que ternura ! Chegou até a pregar-lhe na lapella um cacho de verbenas que lhe ornavam o peito.

E não ter-se casado ! Bolas !... Era preciso ser muito burro !

Nunca soubera avaliar o thesoiro fulgido que nas suas mãos espontaneo luzia, nunca a sua alma estremeceu vehementemente á paixão radiante daquella alma, que se lhe entregava inteira, na ardencia ro-

busta de uma paixão sincera. Queria-a, disfarçava que a queria, por uma ostentação de moço, por uma vaidade galante de ter submissa aos seus olhares e aos seus caprichos uma mulher formosa, a quem todos requestavam sem resultado algum, mas, ou levado pela facilidade da conquista ou pela frieza dos seus sentimentos, no intimo nada sentia, a não ser um leve goso de satisfação, quando a tinha ao lado innocente e apaixonada. Como estava arrependido disso tudo agora ! Um pancadão ! E elle perder aquillo para se metter com o estafermo de sua mulher ! Ah, se arrependimento salvasse... E não tinha que se queixar de ninguem ! Delle, somente delle ! Deveria ter pedido dona Santa, antes que o pae a levasse a passear pela Europa. Mas, depois de concluidos os seus exames no Liceu, vira-se obrigado, á falta de recursos, a não seguir, como tencionava, para a Bahia, para estudar medicina ou pharmacia e empregar-se como guarda-livros numa casa á Praia Grande. Em pouco viu-se cercado da simpathia e confiança do patrão.

Aos domingos era sempre convidado a almoçar com a familia e á noite as moças não o deixavam sair senão depois das nove, quando na flauta terminava o repertorio das valsas e galopes. Nos theatros, havia sempre um lugar para elle e, quando as meninas não tinham quem as levasse a qualquer festa, era sempre o escolhido para acompanha-las.

Vivia satisfeito, risonho com todos, disfrutando o presente, sem pensar no futuro.

Mas esta vida é sempre cheia de desgraças...

Certo dia o patrão chamara-o para o fundo do armazem e, tremulo e gago, o olhar faiscando de colera, foi-lhe dizendo que naquelle momento podia quebrar-lhe a cara com a bengala ou metter uma faca na barriga, mas como não desejava escandalos, para que o nome de sua filha não andasse de boca em boca, nada fazia, com a condição de que elle se casasse logo. Quiz negar, mas o velho, cada vez mais gago, depois de lhe atirar á cara o crime que fizera, abuzando da confiança da familia, muito vermelho, disse-lhe que preparasse depressa os papeis do casamento, antes que a menina completasse um mez de bandulho. Se assim não fizesse, podia estar certo de que pelo menos um tiro pelas ventas mandaria dar-lhe, mesmo no inferno, se para lá fugisse.

Elle ficou por muito tempo perplexo, arrependido do que fizera, pensando em levar a vida ao lado daquella mulher rachitica e feia, que tinha o rosto cheio de sardas, os pés medonhos e os dentes pòdres. Pensou em fugir para longe, para o norte ou para o sul, mas teve receio de que o patrão mandasse disparar-lhe, como promettera, um tiro nos miolos. E pensou muito num meio facil de se desgarrar do compromisso; mas o pae da moça, depois de lhe offerecer sociedade na casa, sempre insistente, todos os dias lhe martelava os ouvidos, para que cuidasse o mais breve possivel dos papeis do casamento.

E não houve remedio. D'ahi a quinze dias lá viera o juiz casa-lo.

Sim, senhor, estava casado ! E com quem ? Com uma mulher que até embrulhava o estomago da gente !

Agora via-se preso, acorrentado de obrigações, com tres filhos choramigas nas costas e uma mulher que nem o conforto do lar lhe dava. Um diabo que até por caiporismo era tão gaga quanto o pae ! Aquella peste só o que sabia era parir ! Quanto fôra infeliz ! Em casa era sempre aquelle inferno de exigencias e de ciumes, não se podia demorar uma hora a mais na rua, sem que ella, trombuda e impertinente, não viesse indagar por onde andava, os lugares onde estivera, sempre desconfiada, inventando-lhe namoros, casas suspeitas ao seu sustento, numa bisbilhotice intoleravel de mulher feia, que não se julga amada.

E olhava dona Santa. Ella ali estava, no esplendor da formosura. Os cabellos negros, encrespados pela testa, subiam em contorno pelo alto da cabeça, prendendo-se dos lados por duas fivellas esmaltadas, caindo docemente pela nuca e espalhando-se nos hombros aos novellos. No rosto agauchado de mo-rena formosa, voando nos caracteres da musica, os olhos chispavam irrequietos de um brilho accezo e petulante; as sobrancelhas de azeviche franziam-se numa arrogancia guerreira, ao mesmo tempo que nos labios vermelhos palpitava de leve um sorriso vago de creança viva. Empantufadas, as mangas fô-tas da blusa de sêda florida desciam até quase aos cotovellos, prendendo-as nas pontas duas pulseiras

largas de oiro liso. Nos globulos mimosos da orelha, meio encoberta pelo penteado pompædouresco do cabello lustoso, as rosetas de brilhantes, cercadas de esmeraldas, irradiavam limpidas, enquanto no pescoço de cisne, meio pendido para o piano, a medallinha de oiro, cravejada de perolas, faiscava cheia de luz. Contornando a meia lua de gaze do decote modesto, um rendilhado de missangas coloridas scintillava, realçando o collo creme, onde o signalzinho preto, do tamanho de uma mosca, como um pingo de tinta, manchava o lado esquerdo. No relevo tentador dos seios duros, premidos pela fazenda apertada da blusa lilaz, de flores soltas, um ramillete de alecrins e cravos rescendia suavemente. A saia de gurgurão côr de cinza, a cauda bordada pelo soalho arrastava, subindo aos poucos, em franzidos miudos, até ao cinto de esmalte fino e arqueando soberbamente pela exuberancia tumida dos quadris fornidos... Um pancadão !

Aquillo, sim, senhor, era mulher ! E elle perder, e elle perder... Bolas !

E fitava a esposa. Aquella peste !... Lá estava, toda desengonçada, com um palmo de nariz de fóra ! Sae-te, cobra d'agua !

E tornava a olhar dona Santa. Que pancadão, que pancadão !

Idealisava uma vida eterna, debaixo de galhõs murmuros de um mangueiral espesso, ao seu lado, por sobre alfombras fôfas de veludos lizos, o seu peito machucando a rigidez dos seios della, os den-

tes preminde amorosamente o tecido forte daquella carne de braza e os labios naquelles labios bebendo a delicia capitosa de uma sensualidade estonteante.

Violento, enlevado, forte o piano vibrou o derreideiro accorde. As palmas de novo encheram a sala.

E *seu* Zuza ali ficou derreado na cadeira, distraido, mudo, pensando muito, como que embalado ainda pela sonoridade nostalgica da musica.

—O senhor está triste, *seu* Zuza, está calado... disse-lhe dona Santa, já de pé, afluando o leque de marfim.

—E como não, dona Santa, como não ? !... respondeu, fitando-a.

Ella disfarçou, concertando o ramilhete dos seios:

—Ha muito tempo que não tocava essa musica, desde que parti para a Europa.

Elle nada teve para dizer. A Europa ! Que vida, ao lado daquella mulher, pela Italia, naquelles lagos de cristal, vogando, ao som da voz maguada dos pescadores ao longe, a gondola serena... A lua branca, muito branca, rolando em cima, no infinito transparente e claro, e o mar gemendo saudoso pelos rochedos e pelas conchas... Depois, pela Suissa, subindo montes, ao barulho longinquo das cascatas limpidas, muito aconchegado ao corpo della, sentindo-lhe a calentura, enquanto o gelo alvejasse a ser-ra... Em Espanha, numa casa campestre, ella, vestida de andaluza, na janella debruçada, e elle, cinto

de borlas ao lado, guitarra ao peito, cantando-lhe habanéras. Que vidão !

—Vamos, *seu* Zuza, já é tarde, disse-lhe a esposa. Aquella peste !... Um diabo que nem deixava a gente divertir-se !...

—Vamos !

E levantou-se, despedindo-se. Deu o braço á mulher e desceu a escada. Dona Santa voejava-lhe na memoria. Via ainda aquelles dedos morenos, reluzentes de aneis, correndo pelos teclados do instrumento; a luz tropical dos olhos grandes, encantando a pelle rosada do rosto anjelico; o signalzinho, muito preto, destacando-se no amorenado claro do collo palpitante; o contorno insolente dos peitos solidos; os bamboleios duros de quadris roliços...

—Um pancadão ! Sim, senhor, um pancadão ! murmurou, distraido.

A mulher espantou-se e arrebitada e fula rugiu:

—Porque você não vae p'r'onde ella está ? ! Vocês ainda se gostam...

—Já você começa ? ! Eu hoje não estou para historias !

E ao longe, em casa de dona Santa, o piano tocava um pedaço de Chopin.

BIBLIOTHECA P
do
ESTADO DO MAR

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

A Luiz Carvalho

Incesto

Recife, 1901.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Ha tres noites que elle velava a cabeceira de Zila. E o mesmo mal que lhe estrangulava o instincto, quando se via em frente de qualquer enferma, rebentava-lhe agora de novo em frente do corpo de sua propria irmã. A sua alma de sacerdote escaldava-se, estonteada em baratros medonhos, remoendo-se hibridamente na idealisação embrutecida de um desejo insolito.

O quarto largo do casarão sertanejo dormia silencioso na quietude misteriosa das taperas. Baça, amarellenta e triste, em cima da meza do santuario antigo, crepitava melancolicamente a luz medrosa da candeia de azeite. De cima da commoda cinzenta evolava-se um cheiro activo de remedios em frascos, espalhando-se pelo ambiente abafado, numa aromatisaço enjoativa de enfermaria de hospital. No tecto,

por entre as ripas, um grilo zúnia, cortando o silencio. Na claraboia do telhado, de minuto em minuto, um relampago bruxoleava. O vento frio do inverno, lá fóra, baloiçava afoitamente o mangueiral copado, rebulindo os galhos. Perto, na lagóa, sapos resingavam, numa vozeria desconcertada, incommoda e confusa.

Na cama, Zila mexia-se de vez em quando, tirando de febre. Languidamente abria as palpebras morbidas de canção, olhava mollemente o quarto e caía depois num somno agitado, cheio de arrepios, sem fechar de todo os olhos, respirando forçada e rouquenha, como se abalasse a caixa do peito para sorver o ar.

Elle fitava-a. E, sem desprezar os olhos do corpo cadaveroso da tuberculosa, a sua imaginação degenerada debatia-se bebeda no estonteamento ardente de um desejo brutal.

Arregalado, o seu olhar palpava lubricamente as formas descarnadas, e os labios, mesmo de longe, estremeciam, para babuja-las ao contacto fogoso de uns beijos tontos. Tinha vontade de revolver aquelle corpo ossudo, aperta-lo de encontro aos braços, machuca-lo de afagos e de arrochos e trincar-lhe as carnes enfebrecidas.

Caía depois em si. Revoltava-se, cheio de terror, considerando a aberração do seu instincto. E empallidecia, vendo que ali, no silencio gelido daquelle quarto de moribunda, elle, que velava os ultimos momentos de vida de sua propria irmã, o era

primeiro, o unico, a profanar aquella alcova, sempre honesta e sempre virgem, anhelando, no capricho rebelde dos seus desejos impuros a mesma que em criança bebera com elle o leite de um mesmo seio. Aquillo doia-lhe por dentro, espesinhava-lhe o sentimento de padre virtuoso, trespassando-o de vergonha e de assombro. Por entre as dobras negras da batina caseira, aperitava o crucifixo d'oiro de encontro aos dedos frios, muito constricto e crente de um perdão dos seus peccados.

E resava. Mas o seu espirito doentio desprendia-se do ideal da prece, para voar bem longe, pelas alturas voluptuosas de um mundo quente de lascivia, fraquejando sempre. Afastava, repellia com furia o pensamento monstruoso que lhe emporcalhava a alma, assanhando-lhe o sangue, entorpecendo-lhe a idéa. Em vão, tudo em vão. A sombra tentadora do Peccado lá vinha, cheia de encantos e de goso, encher-lhe de novo o cerebro de anceios carnaes e torpes, incendiados de bestialidade.

E, sentado junto ao leito, em pensamento procurava pelas dobras dos lençoes nevados as fórmulas emmagrecidas do corpo da irmã. Depois tremia, cheio de pavor e de medo, horrorisado de si mesmo, com nojo do seu proprio capricho.

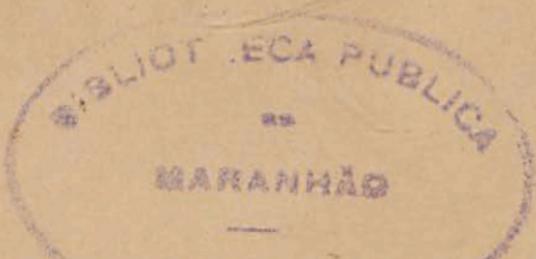
E via naquillo as azas luridas do Diabo, ruflando pela sua alma enfraquecida, para arrasta-la sem piedade ás labaredas ardentes das fogueiras do Inferno. Mas ao mesmo tempo recordava-se de que tinha visto algures modelos exquisitos de uma anor-

malidade de instincto chamada azoopholia, em que homens degenerados preferiam o tom lagubre de um quarto mortuariô, forrado de preto, tochas accezas, para que ao lado das apaixonadas se accendessem nos seus peitos o ardor da sensualidade. Lembrava-se de que em Charcot e Magnan lêra que, desde creança, certo individuo se apaixonara por uma touca de dormir de uma velha, e todas as vezes era necessario invocar a imagem detestavel da sua primeira tentação, para que ao lado da esposa sentisse o verdadeiro amor que o fizera casar. E vinha-lhe a certeza quase completa de que o seu mal era o effeito da degenerescencia adiantada do seu temperamento libidinoso.

E insensivel recordava-se ligeiramente de como essa enfermidade cruenta viera anichar-se nas cogitações do seu cerebro, arrancando dellas tudo que de bom e de santo a religião e a sociedade lhe haviam dado. Como um relampago, tudo lhe chegava á memoria. Era ainda estudante do Seminario. Uma noite, fóra de horas, o reitor viera ao dormitorio accorda-lo, ordenando-lhe que o acompanhasse.

E saíram. A cidade dormia, preguiçosa e muda, o somno pesado do quem moureja ao sol.

O luar, rolando de cima, embranquecia o infinito de uma claridade alvissima. As ruas estiravam-se tranquillias na immobilidade exquisita das serpentes que dormem. Lampões piscavam ligeiramente, como se cochilassem. Ao longe, em serenata, trovadores modulavam brandamente uma canção tristo-



nha, avelludada e nostálgica, que toava a principio como o farfalho misterioso dos ciprestes e subia, subia, num trinado vibrante de sabiá choroso, para perder-se depois ao sopro da ventania, placida, serena, doce, como o ultimo arrulho de pomba que morre. Alem, mais ao longe ainda, uma flauta suspirava á lua.

Embruhlado na capa negra de seminarista, ia procurando recordar-se do sonho que horas atraz tivera. Resava a Ave-Maria na capella do Seminario. Do altar-mór um anjo surgiu, espanando as azas brancas, em semi-circulos, pelo tecto. Depois veio descendo aos poucos, em giros suaves, espada luzente em punho e a tunica de neve flamulando nos ares. Pisou no chão, das mãos tomou-lhe o Breviario aberto e sumiu-se.

Elle ficou sosinho, muito espantado, a procurar o livro. Revolveu os altares, desarrumou os castiçães e astoalhas, julgando encontra-lo.

Os cirios esmoreciam timidamente, apagando-se. Um só ficou accezo. A luz cresceu enfumaçada e dilatou-se pelo ambiente, em globulos de fogo. Um delles girogiro pelos altares e caiu no solo, explodindo. O Raphael saltou das chammas, prendendo-o pela batina. A tunica côr de jaspe tinha manchas rubras de sangue desmaiado e nas pontas longas das azas brancas duas pennas vermelhas agitavam-se. Arrancou o Breviario d'entre as pregas setinosas do manto e sacudiu-o no chão. O livro distendeu-se repentinamente pelo infinito afóra, até pert o das

nuvens, e uma paisagem olimpica desenrolou-se por cima da capa. Era uma planície lindíssima, muito alta, cheia de flores e de perolas, pedregulhada de rubis, terminando por um descortinamento de nuvens, onde se via entre blocos de espuma o Padre-Eterno, de fronte enrugada e barbas longas, ao lado do Christo, e o Espirito Santo em cima, em fórma de pomba, ruflando as azas.

—O Céu! Sigamos! disse-lhe, apontando o fim do planalto.

E subiram.

A aurora vinha pelo infinito desabrochando as palpebras de roza. D'entre os rubis luzentes, flores se despregavam das hastes, esteirando de petalias o caminho macio. Chacaras pinturescas, e cobertas de rosas, surgiam de quando em quando. Por entre as folhas, aves pipilavam em festival ao dia. Rolas, em bandos, pelos galhos, arrulhavam aos beijos.

E foram subindo.

Garças, muito juntinhas, uniam os pescoços compridos em caricias amorosas. Cisnes, nos lagos lizos aos pares, deslizavam, beijocando-se. De uma arvore enflorada, uma serpente estendeu-lhes, nos dentes, um fruto vermelho.

—Come-o! murmurou-lhe em segredo o arcanjo.

—Que é? interrogou, corando, aconchegado ao seio do companheiro.

—Crescei e mutiplicai-vos! respondeu seductivamente. E, apanhando o fruto dos labios da serpente, trincou um pedaço.

—Agora come o resto !

Elle, corado, mastigou depressa.

E subiram, subiram muito.

Mais adiante um Santo Izidoro velho, de foice em punho, revolvía a terra, plantando couves. Reverente, correa constricto abeijar a tunica do lavrador divino.

—Se me beijas, mato-te ! rugiu-lhe o santo, de foice erguida.

Recuou. O anjo atravessou-se-lhe na frente, desafiando o velho, com a espada em fogo. E houve tilintar de ferros, deduello em meio. Finalmente, o Raphael rolou por terra. Santo Izidoro, na cauda rubra da aza esquerda, vibrou-lhe a foice. Uma explosão de chamas lambeu a tunica do cherubim, e as vestes rolaram pela areia, crepitando incendiadas. O santo desapareceu.

—Quem és ? interrogou medroso, recuando um passo.

O arcanjo, nú, completamente nú, sorriu-lhe tentador:

—Sou a carne, vem !

E estendeu-lhe os braços, em forma de cruz, mostrando os pomos tumescentes, brancos, estremeçando nas carnes rijas.

—Vem !

Elle, absorto, o olhar vidrado, estacou, seduzido. Aquelles olhos biblicos, satanicos, reluzindo peccadoramente nas palpebras alvissimas; a cabelleira loira, de um loiro imaculado e diabolico, caida em ro-

los pela espadua eburnea; os seios turgidos, inebriantes, deliciosos, tentadores, sacudindo-se nervosamente, o torneado feminino dos quadris brunidos desnortheastavam-lhe a razão, afogando-o de desejos.

E caiu em cima, tonto, bebado, aos beijos, e ás dentadas.

—Ai, que me feriste !...

E a voz da Carne tinha uma queixa de musica, de amor e de beijos.

Olhou. Ella desfallecia. Um fiosinho de sangue descia pelo pescoço pallido, manchando os seios.

—Mataste-me ! Estou morta ! E as faces afundavam-se, os olhos amorteciam-se e todo o corpo emmagreceu aos poucos.

No alto da planície chammaas vermelhas enrolavam-se nas nuvens incendiadas. Pela areia os rubis explodiam, sacudindo faiscas. Do ceu aberto mangas escarlates, em cataractas, rojavam para baixo. Tudo foi ficando mole, liquido, frio, como se uma montanha de gelo se derretesse. Sentiu-se afundar vertiginosamente, julgando cair do alto de algum despenhadeiro. E achou-se em pleno mar de sangue, onde o frio parecia quebrar-lhe os ossos. Nadou. A correnteza atirára-o para longe. Alguma coisa boiava á superficie crespada das aguas. Estirara o braço e prendera. Era uma mulher desfallecida. E nadou com mais furia, seguro ás roupas da naufragada. Chegaram a uma praia. Hirta, gelada, inanime, a mulher permanecia. Soprou-a com beijos. Ella,

abrindo os olhos amortecidos, fitou-o. Reconhecera-a. Era a Carne. As faces, agora muito fundas, tinham uma pallidez de morta; o collo, descarnado, ossudo, ofegava de canção e no olhar doentio uma centelha de gozo rebrilhava ardente. E olharam-se, olharam-se vivamente, a principio como dois inimigos que se encontram, depois foram-se chegando um para o outro, como que atraídos numa mesma corrente de desejo até se unirem braço a braço, labio a labio, peito a peito, num beijo agudo, repassado de luxuria.

E, quando sentia os fremitos deliciosos do seu corpo ao contacto daquela carne estranha, o reitor tocou-lhe na cama e elle dum salto poz-se de pé, pronto para seguir.

Ao lado do mestre, na recordação completa daquelle sonho exquisito, vinha-lhe vontade de ver-se de novo estirado na cama, tragando febril e doido a ambrosia daquelle beijo voluptuoso e bom.

E no meio da rua, ouvindo a voz plangente dos trovadores ao longe, sentiu-se arrependido de ter até áquelle momento passado a vida enclausurada, curvado sobre os livros, entre as paredes branquicentas do Seminario. Teve inveja da vida libertina dos homens que cantavam em serenata, ao sopro lento da ventania, aquella canção melancolica, morna de soluços e quente de saudades. Idealizou remar com elles o escaler, e agua abaixo, enquanto a lua lá por cima deslissasse prateada e serena, cantando alguma musica magoada ou alegre, conforme a voz que lhe ditasse a alma.

E quiz ter a liberdade dos vagabundos, para percorrer de principio a fim aquellas ruas extensas, que se deitavam ali descañçadas e dormentes, e, depois de estropiado por completo, cair nos braços de alguma mulher, prostituta embora, que o esperasse febricitante de amor, sujeitando-se aos caprichos doidos da sua imaginação desgraçada.

Acompanhado do reitor saiu da cidade, entrando num caminho desconhecido. Chegaram a uma chacara. Cachorros latiram. Alguem abriu a cancela. Num quarto fecha-lo uma moribunda gemia. Entraram.

Elle recuou. Aquelle mesmo abandono de vestes, aquella mesma flacidez de corpo, aquelle cheiro doentio de enferma, assemelhavam-se aos da mulher que amara na fantasia do sonho. E o seu cerebro em desequilibrio começou a trabalhar maquinalmente, impudicamente, de forma que, no momento em que o reitor o mandava sair do quarto, para confessar a doente, já elle tinha visto o mesmo labio que cobrira de beijos, o mesmo seio que mordera, a mesma carne que gozara no estonteamento fantasmagorico do pezadello.

A paz angelica dô seu coração de catholico fervente fugiu para sempre. De momento a momento surgia-lhe na imaginação o retrato esqueletico da Carne agonisante. E todos os dias ajoelhado aos pés do altar, no arrebatamento sublime da sua fê religiosa, erguia alucinado a oração palpitante de crença, que o coração lhe ditava, pedindo ao Christo que

ali se erguia ensanguentado e morto um consolo para a sua alma peccadora e deshonesta.

Na cella sombria de seminarista, de joelho em terra, o Breviario aberto, noites e noites passava em penitencias longas, jejuando e martirisando o corpo. Muitas vezes, nessa posição penitente, estrebuchava pelo chão, refestelado de luxuria, idealizando a vizão do seu primeiro amor. E desde aquelle tempo, sempre que se via em frente de qualquer enferma, subiam-lhe á cabeça fremitos implacaveis de goza-la impiedosamente, bestialmente.

E agora, em frente do corpo da sua propria irmã, sentia-se de novo aniquilado como d'antes, sem ter uma unica parcella de força para sacudir para longe o pensamento mau que lhe roía a consciencia, embrutecendo o instincto.

Era impossivel que não fosse um degenerado!

Mas, ao mesmo tempo que considerava tudo isto, o seu espirito, educado nas concepções dos dogmas catholicos, vacillava, vendo no todo da anormalidade do seu instincto a imagem vermelha do Diabo, governando traidoramente os dominios da sua razão. E, quanto mais o tempo se escoava, mais o soffrimento recrudesca, domando-lhe o juizo, humilhando-o por completo. Só via no corpo da irmã que ali se estendia, tremulo de febre, traças latejantes da figura enferma do sonho, que lhe vestia o pensamento de uma molestia estranha, encarcerando-lhe a alma, tão angelica e tão santa, na espelunca livida do seu Peccado.

E sentia vontade de avançar para ella, gozá-la febricitante, rude, aspirando-lhe o cheiro doentio dos labios quentes e apertar-lhe o corpo cadaverico, num abraço de serpente, luxurioso, longo... Espantava-se, coberto de pejo, pallido, de terror, pela idealisação que lhe incendiava o cerebro. A sua irmã!... Virgem mãe, que horror!

--Tende piedade, tende piedade!...

O pensamento maldito fugia por um instante, mas depois voltava, mais impulsivo e mais impuro. Zila gemeu.

E elle ouviu naquelle gemido a voz magoada do arcanjo, quando nos seus braços, as faces fundas, os olhos mortos, desfallecera. E, medroso e tremulo, apertou de encontro ao peito o Breviario, levando-o aos labios, como se encontrasse na cruz doirada que se desenhava na capa do livro o contra-veneno santo para a tortura intermina que o abrazava por dentro. Resava. Resava, na esperança de que a oração subisse nas azas ideaes da crença até ás barras do infinito, e lá molhasse os pés de Christo, pedindo para a sua alma prostituida o perdão das almas santas.

Elle, o padre bondoso, que no Seminario fôra sempre o modelo dos companheiros, tendo nos labios o consolo para os desgraçados, o perdão para os criminosos, o sacerdote de vinte e oito annos, que sonhara ha muito repellir os impetos sensuaes da mocidade até ao ultimo quartel da vida, desejar agora o corpo de sua propria irmã!...

—Tende piedade, Virgem Mãe, tende piedade!...

Quantas vezes, nas locubrações dos seus sonhos de catolico, não lhe viera á idéa o anhelos de um dia cheio de luz e de pureza, em revoadas de anjos, ao céu subir sereno, como um santo da religião ! E via agora todos esses castellos, ha tanto construidos, desmoronarem-se como o carvalho secular que se carbonisa ao primeiro raio que o fere.

E resava. Mas o fervor da prece resumia-se no balbucio dos labios, porque o seu espirito insistente, sequioso, pairava no corpo da irmã, querendo prend-lo e dum trago gosa-lo... Procurava render o pensamento, mas os olhos pregavam-se no leito, tentando desvendar da brancura dos lençoes as formas da virgem. Era a imagem do sonho, a doente da noite da confissão, que se accentuava traço a traço, linha a linha, nos contornos de Zila. E os seus olhos pregavam-se cada vez mais no leito. A cabeça escaldava, como se alguma coisa lhe fervesse por dentro; um suor gelado molhava-lhe a testa e todo elle tiritava, como se estivesse com febre. Cerrava os dentes; a lingua seccava.

No telhado o relampago luzia pela claraboia. A candeia de azeite, perto do santuario, desmaiava pallidamente, querendo apagar-se. Longinquo, muito longinquo, o trovão gaguejava, rouco, quase imperceptível.

E elle ouvia e sentia tudo aquillo.

Os sapos na lagôa pareciam lhe o côro dos Diabos, que em festa vinham trazer-lhe a palma do

Peccado. O grilo, por entre as ripas, trilava agudo, como a flauta do Inferno, que lhe festejava o Crime.

Atraz, no quarto contiguo, alguém resonava. E elle escutava. Era a sua mãe, a pobre paralitica, que ali dormia, estafada de velar. E pensou muito naquella velha bondosa, que mesmo dormindo parecia vigiar a vida quase extincta de uma filha desditosa e a desgraça eterna de um filho que se perdia. E viu, na barafunda incessante das suas idéas, o seu instincto, a religião e até a propria sociedade, que elle julgava depravada, surgirem ferozes como carrascos, para punirem o incesto que elle entabolava na imaginação. Depois olhou para o altar. Lá estava o Christo, silencioso, triste, os braços estirados na cruz, ensanguentado, nú, como se se despisse para cobrir a humanidade com as suas roupas de Misericordia. E orou, orou fervente, apertando mais ao peito o livro de resas. Mas viu-se abandonado, só, num desespero de naufrago, que sacode, sem ser visto, o farrapo branco, da praia desconhecida, para o barco que passa ao longe.

Zila mexeu-se na cama. Os braços magros caíram esquecidos para os lados; a cabeça pendeu de banda, abandonando os travesseiros e o lençol de linho, repuxado pelo tremor do corpo, descortinou-lhe um pedaço cadaverico de collo virgem.

Elle via agora, sem differença alguma, no abandono exanime do corpo, a figura lasciva da mulher da sua primeira culpa. E desejou prende-la entre os braços e, bebedo de goso, aperta-la, aperta-la muito,

nervosamente, num frenezi de fera em cio.

Zila remexeu-se de novo. O lençol caído desvendou-lhe por completo a saliencia morbida dos seios de tuberculosa; a cabeça quedou-se de todo no colchão macio e os braços tremeram, esticaram-se e caíram abertos, hirtos, mortos...

Elle estremeceu. E viu de repente a imagem do anjo, os braços estendidos, a cabelleira solta, convidando-o:

—Sou a Carne, vem !

E foi-se chegando, vagaroso, os olhos esbrugados, gelido, doido... E rolou pelo leito, rilhando, rindo...

A Francisco Lisboa

A cega

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Na palheça tosca, junto ao fogão sem brazas, ella, o casaco despedaçado encobrendo-lhe os hombros macilentos de velha magra, alisava ternamente, com os dedos, os cabellos da netinha.

Nem um pedaço de carne nesse dia em casa ! O filho, o Raimundo, logo bem cedo, espingarda ao hombro, pelo matto a dentro, lá fôra em busca do almoço. E até áquella hora, meio dia em ponto, nada de chegar !

E ella, abrindo ás vezes a boca desdentada, num bocejo de calor e preguiça, idealisava o filho de volta da caça, cotia dependurada no cano da espingarda, muito apressado para chegar a casa.

E a criancinha, com o pescoço deitado nas suas pernas, faminta, a barriga funda, os olhos implorantes, passando-lhe o bracinho sujo pelo ventre, espojava-se-lhe no cóllo, pedindo de comer.

Ella, alisando-lhe os cabellos, acomodava-a com ternura:

— Espera papae, que elle já vem ! Já viu ? !...

E pelo seu rosto de octogenaria, enrugado, bambó, uma tristeza resignada passava, enchendo-lhe d'agua os olhos cristalinos de cega. Ah, tambem sentia fome ! Noutros tempos, lá no casebre antigo dos sertões cearenses, na encosta das serras altas, a sua vida correra sempre mansa, sempre doce, sempre facil.

Hoje, distante do berço, longe do lugar querido onde nascera, tudo era o contraste doloroso de uma felicidade gosada com carinho, sorvida com estima, na serenidade mistica da existencia venturosa de mãe fecunda, desvelada e bôa.

Os dias passava-os d'antes na lida confortavel da sua casinha simples, na quebrada dos montes, criando os filhos pequenos, aconselhando os mais velhos, cuidando das criações do quintalzinho sertanejo e das colheitas fartas, que todos os annos lhe atulhavam os giráos de talo. Nesse tempo, tudo bom ! Bem cedo, logo ao primeiro albor da aurora, os filhos lá partiam de foice ao hombro, facão cortante cingido á cinta, em caminho da roça, a cuidar das plantações.

E em agosto, o mez da abundancia e da colheita, cofos de algodão e mandioca entravam-lhe pela porta a dentro, atopetando-lhe o paiól. E no tempo da farinhada, ao redor do forno limpo, de cobre area-do, a familia toda reunida numa alegria feliz, uns a

mover a *roda*, esfarellando a mandioca, outros de pá na mão a mexer a massa perfumada e outros ainda junto á fogueira ardente, preparando beijús e bolos. Quando, entre folhas novas, a farinha enchia os samburás de palha, os filhos partiam com tudo aquillo para vender ao negociante mais proximo. Então—que fartura em casa ! Latas de manteiga, sacos de assucar, vestidos, chales, tudo lhe traziam.

Mas depois, num anno de sêca, de uma sêca tão terrivel que assolou a provincia inteira, toda a abastança, toda a fartura da sua vivenda sombria se transformou em miseria. E foi preciso, com a familia inteira, abandonar a morada tranquilla na encosta da serra, á procura de um lugar mais prospero para não morrer de fome. E que viagem longa, atravez dos campos desolados e caminhos hispidos, selvas murchas, sem uma folha verde ao menos ! Dias e dias, leguas e leguas andára por aquelles ermos, pedregulhentos, sem uma gotta d'agua nas grotas e riachos, sem um fruto pendido das arvores esqueleticas, padecendo sêde, padecendo fome e dormindo ao relento, á beira das estradas. Os filhos, embora robustos, sem nada no estomago, foram-se sentindo fracos, desanimados. O mais moço, de dezeseite annos, logo ao primeiro embate da miseria, no meio da selva, á luz picante de um sôl esbrazeado, morrera tremendo, tolhido de febre.

Somente o Raimundo, já casado, com a filha doente e a mulher já prestes a morrer, era o mais forte, o mais corajoso. E assim chegaram pela primeira

vez á Fortaleza, cobertos de miseria, famintos, esfarapados, implorando, de rua em rua, de casa em casa, a misericordia dos bons. Desde esse tempo nada mais vira. A *calaracta*, que ha muitos annos começára a embaciar-lhe a vista, ~~quedara-lhe~~ *quedara-lhe* de todo //v o olhar. Lembrava-se somente de que dahi a mezes, sem nada ver, lá estava ao lado do Raimundo e da nora, entre gente que praguejava, numa embarcação que parecia enorme e que balanceou muito, muito, durante dias, durante noites, em cima de alguma coisa liquida, açoitada por um vento muito frio, gelado, bcm. Os outros filhos ficaram lá mesmo na Fortaleza e um seguiu para o Amazonas, a trabalhar na borracha.

E cinco dias longos, ella, naquelle navio cabriolante, infecto, passara, com o primogenito, vomitando sempre, sem nada comer, sem conhecerninguem. A' segunda noite de viagem o Raimundo viera dizer-lhe que a esposa agonisava e que o medico a tinha desenganado. Depois soubera que a nora morrera e que a meteram num sacco de lona muito comprido, com pezos dependurados, e que a tinham atirado ao mar. Chegando ao Maranhão, o Raimundo, esperto como d'antes, carregara-a pelo sertão a dentro, procurando melhorar de vida.

E agora ali estava; cega, reumatica, doente, no centro daquella matta solitaria, criando a netinha de anno e meio. A existencia proseguia ainda cheia de revezes, de dissabores e desgraças, affligindo-lhe mais o coração machucado de saudades. Novato

naquelle lugar desconhecido, o filho não tinha podido ainda restaurar a sorte de outrora, tão bondosa e facil. A roça, que havia começado naquelles poucos mezes que ali chegara, não dava ainda para o sustento diario, de fôrma que muitas vezes, naquella palhoça, tristes dias passavam, sem nada comer.

E os seus olhos de cega enchiam-se d'agua, quando lhe vinha á lembrança a felicidade risonha de outros tempos, a vida pacata do lugar ditoso onde vivera até á velhice. E a netinha, trepando-lhe pelos hombros, enlaçou-lhe os bracinhos no pescço descarnado, atormentando-a:

—Qué cumê, ovó. Tô fom...

Ella, agarrando-a pela cintura, embalava-a nos braços, fazendo-lhe cocegas pelos sovacos, procurando distrai-la. A criança ria por um instante, deitando-se no seu collo e depois, mais impertinente, com a voz tremida de quem tem fome, repetia implorando:

—Dá cumê !

Ella sorria-lhe com afagos:

—Espera, já dou. Papae já vem, tá quase chegando.

Que ia dar á criança ? Nem um caldô, nem uma fruta, para engana-la.

Condoia-se, atormentava-se. O Raimundo podia demorar-se muito, lá pelos confins da matta, demorar-se até de tarde e a neta ficaria padecendo fome até que elle chegasse. Além disso poderia vir de

mãos vazias, sem nada ter encontrado, nem uma ave ao menos, naquelle matagal cerrado, para a comida daquelle dia. E a menina, depois de uma manhã passada sem nada no estomago, tinha de dormir, chorosa e desesperada.

Mas o Raimundo?! O Raimundo forçosamente já vinha, caminho de casa, caça aos hombros, pressuroso pelo almoço.

A pequenina chorava.

Oh! mas que lhe ia dar?! E, com os olhos também molhados, ficava muda, pensando na sua miseria. Agarrando-lhe os cabellos, a neta implorava:

—Cumê, óvó!

Ah, ainda tinha uns restos de farinha numa cuia lá no quarto! Oh, faria um mingau, para que ella o bebesse!

E muito alegre, sentando a criança, foi, braços abertos, fantastica, um tanto ligeira, tacteando pelas paredes de palha.

Voltou depois, trazendo a cuia. Foi ao fogão, palpou com os dedos a cinza, não encontrando um só carvão accezo. Era preciso fazer fogo. E, despejando a farinha numa panella de barro, seguiu para o terreiro, trazendo depois um pedaço comprido de madeira. Precisava de racha-la. Com os pés procurou pelo chão o machado. E andou a casa inteira de cocoras, a mão incerta, roçando pelo sólo.

A pequena, avida, curiosa, numa bisbilhotice de criança, veiu engatinhando sentar-se juntinho do tóro de lenha.

De volta, a velha, sem percebe-la, collocando o pé direito na extremidade mais proxima da madeira, suspendeu o machado e descarregou.

Um grito de dôr partiu somente e o chão coallhou-se de sangue.

Tinha despedaçado a cabeça da netinha.

E, louca e desesperada e bruta, levantou impetuosamente o cadaver sangrento, apertou-o alucinadamente de encontro ao peito e partiu de carreira, a tropeçar pelo matto, gritando pelo Raimundo.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

A. J. Lisboa

Castellos de cartas

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Diabo ! Aquelle carro não chegaria ? Ora que maçada !...

E ella, em frente ao espelho marchetado do toucador moderno, calçava as luvas côr de palha, agastada pela demora.

Aquelle carro !... A's dez horas deveria ter parado á porta.

Olhava para o relógio de bronze arabescado, sobre a tampa de marmore do consolo polido. Dez e um quarto, irra ! A que horas chegaria ao baile ?!...

E, tomando entre os dedos calçados a pluma de arminho, mergulhou-a no pucaro de vidro verde, salpicando o rostinho alvissimo de pó de arroz. Abriu depois o quarto e, junto ao bilheiro, meio curvada, para que não molhasse o vestido, bebeu ligeiramente dois goles de agua, limpando os labios

finos com a ponta do lenço de seda *crème*. O pae, de casaca, sentado á cabeceira da meza de jantar, com o lenço branco sobre o pescoço roseado, chamou-a:

—Chega aqui. O vestido ficou bom; está bonito...

Ella, lisonjeada, deu faceiramente uma voltinha no corpo com o pé esquerdo:

—A que horas vem o carro, papai ?

—Espera; não deve tardar. Já está na hora. Espera mais um pouquinho.

Com um gestosinho de impaciencia, sentou-se a um lado da meza e, abrindo um jornal, começou a ler silenciosamente. As letras sumiam-lhe a vista. Vinham-lhe ao pensamento o torvelinho festivo do baile, a luz faiscante dos candelabros de vidro, clareando as salas reluzentes de espelhos, inundadas de luz. Via os salões encortinados, de um luxo aparatoso e romantico, cheios de gente; as moças, ataviadas nos vestuarios riquissimos, scintillando de joias, rescendendo a flores. E ficava absorta, os olhos soltos pela varanda, a imaginação distante. Aquelle vestido havia de ser o primeiro da festa! Oh, como as outras moças não o invejariam !...

E sentia um friosinho de alegria percorrer-lhe o corpo. Fermentava-a uma vontade impaciente de se achar entre o rumor da sala, sentada no sofá da frente, e os rapazes e as moças, todo o mundo, enfim, a olha-la, a olha-la muito, elogiando-lhe o vestido. Duidava que lá houvesse um tão bonito, tão caro e tão correcto. As Silvas iam todas de seda e

papos de pelucia. Mas qual ! Não chegariam perto della ! Já conhecia o vestido da Ferreirinha. Custara muito, fôra feito no Rio, na modista mais afamada, mas não se comparava com o seu. Aquelle carro, aquelle carro !

Levantou-se, passeando pela varanda. Que demora ! Quando iria chegar ao baile ? ! D'entre a nuvem de gaze do casaco transparente tirou o relógio-sinho d'ouro, olhando-o ligeiramente. Dez e vinte ! Diabo ! Mas ainda havia tempo, muito tempo ! Se chegasse ás onze, chegaria bem.

Idealisava a casa do baile cheia, completamente cheia, quando chegasse. Xi ! Todos os olhares em cima della, seduzidos, magnetizados. E correu até ao quarto, amaciando novamente o rostinho branco com a pluma de pó de arroz.

Em pé, em frente do espelho grande do toucador moderno, reparava-se muito, olhando abaixonada para o cristal luzido, onde o seu busto angelico se desenhava nitidamente. Realmente, aquelle vestido era um primor !

E mirava-se bem. Pelas espaduas, frocados de gaze subiam artistica e suavemente, enchendo de ondas empatufadas o pescoço de neve, descendo pela saliencia harmonica dos seios pequeninos em fôfos revoltos. Como pedaços de espuma, que escorressem do peito abaixo, duas tiras alvissimas de arminho caiam dos hombros, sumindo-se ás vezes no tufado levemente roseo das rendas dos seios, descaindo depois pela saia transparente e debruando-a

no circulo da fimbria. As mangas, apertadinhas nos cotovellos, cresciam, afofando-se largamente para cima, em pregas sinuosas, entrelaçadas de fitas estreitinhas e leves. No penteado dos cabellos loiros, um diadema, incrustado de perolas, tremeluzia e nos braços, mais acima das luvas cõr de palha, as pulseiras bruxoleavam. Era um primor, aquelle vestido !

E ficava immovel, admirando o esplendor do seu corpo, como que envolto em nuvens, afogado nas espumas tenues da gaze finissima.

Aquelle carro !

Um rumor longinquo de rodas sobre pedras chegava de muito longe.

Correu á sacada. O ceu estrellejado brilhava, muito vivo. Os lampeões tremiam a luz amarellenta. Uma mulher defronte, conchegada á janella, coixava com a vizinha. O barbeiro, sentado á porta da officina, assobiava alguma coisa. Lá no canto um rapaz, vestido de preto, com o chapéu de feltro molle calcado na cabeça, conversava com uma mulher de branco.

O rodar do carro rumorejou mais longe ainda. Drogas !

E foi sentar-se na cadeira de embalo.

Mas seria a ultima a chegar ao baile ? Ao mesmo tempo fez um gesto de ufanía. Se fosse a derradeira, talvez se tornasse mais saliente. Era isso mesmo, era melhor chegar tarde !

E idealizou a porta da festa, cheia, muito cheia,

de gente, que espiava o baile, espalhada pelo largo, ouvindo a *ouverture*, que lá dentro, na sala, se tocava. Quando o carro parasse, e ella ao lado do pae saltasse, um murmurio de elogio correria de boca em boca. E elle iria subindo as escadas, de braço dado com algum moço que viesse recebe-la, aos olhos curiosos da onda de rapazes que se apinhava no terraço do jardim. Quando chegasse lá acima, que coisa, meu Deus ! As moças todas pespegavam nella os olhos, num resentimento de inveja intima, e, como não encontrassem um só defeito no vestido, ficariam pensando em trajar-se daquella forma na primeira occasião. E a Teixeira? A Teixeira! Ella, que tinha a fama da mais elegante, da mais da moda, como não ficaria a roer-se da raiva. Bem feito ! Isto era para que ella não andasse a gabar-se do seu vestido feito no Rio, na casa da primeira modista. Bem feito ! Depois, quando a sinfonia terminasse e da quadrilha a orchestra rompesse o signal, a onda de rapazes a tira-la para dançar ! Xi !... Haviam de ver que o primeiro seria o João Pereira...

E via-o de casaca, o sapato de verniz brilhando, claque na mão esquerda, um tanto curvado, perguntando-lhe «se lhe dava a honra daquella contradança». Depois era o Altino, todo espigado, todo cortez; depois o Prudencio, com um riso amavel sempre nos labios e logo apóz o Costa Ferreira, o Rocha, o Carlinhos Sá, o Zeca. Não podia, gente,—já *seu* Pereira a tinha tirado, não podia ! Então lá saltava o Altino, concertando as luvas, convidando-a para a primeira

schottisch. O Rocha, logo em cima, pedir-lhe-ia a primeira valsa. E era um nunca acabar. Mas a preferencia era para o José Pereira.

E recordava-se do baile em que o rapaz declarara a paixão que lhe tinha. Era já na derradeira valsa. Elle levava-a ao terraço e lá, debruçado na sacada de ferro, foi-lhe enchendo vagarosamente, numa eloquencia apaixonada, os ouvidos de palavras e a alma de illuzões. Depois, quando tudo acabado, apertara-lhe fortemente a mão em despedida e fôra descendo a escada, fitando-a de vez em quando com o olhar abraçado de quem ama com vehemencia. Mas ella agora far-se-ia esquiva. Todo o mundo afirmava que o José Pereira era inconstante. Namorava pelo amor de conquista e ella não era nenhuma criança: queria ser amada. E aquelle vestido principesco fa-lo-ia ficar caído:—Então era só ferra-lo, e para isso precisava de escolher com quem dançasse. Seria o Prudencio. Não, o Prudencio não. Era tambem muito voluvel. Já uma vez lhe fizera uma declaração no principio de um baile e no fim estava de namoro com a Ferreirinha. O Altino! Qual Altino! Todos os annos ficava noivo e nunca se casava com ninguem. Os melhores eram o Rocha ou o Carlinhos.

Palmas soaram no corredor.

Foi ver. Era a Theodora,—a engommadeira da casa, que estava com a filha doente. Mandou-a entrar.

E da cadeira de embalo ouvia a mulata velha,

narrando ao pae a molestia da filha. Ficou possessa. Era bem possivel que elle corresse a casa da Theodora, para medicar a enferma. Já muitas vezes tinha feito daquillo: deixar de leva-la á missa, a passeio, para acudir a algum doente.

Diabo !

Rodas barulharam no principio da rua.

Não era possivel, lá vinha o carro ! Até que enfim, até que enfim.

Um tremor de febre sacudiu-lhe o peito. As mãos gelaram-se debaixo das luvas. O coração palpitou depressa.

Lá vinha, lá vinha ! Como a Ferreirinha iria ficar ? O seu vestido era mais bonito, mais caro, mais vistoso !... Xi !... Era capaz de chorar !..

O carro rodava mais pertô.

Uma excitação nervosa percorreu-lhe os membros. Andava accelerada pela sala, numa doideira de criança.

—Traz o tinteiro depressa, menina, gritou-lhe o pae.

Que coisa bôa ! Lá ia elle passar a receita, sem ir a casa da engommadeira,—que coisa bôa !

Apanhou ligeira o tinteiro da escrivaninha e saiu-se em disparada pelo quarto. A cauda do vestido embaraçou-lhe os pés.

Caiu.

Levantou-se como louca, pallida, gelada, rangendo os dentes. Uma palavra feia saiu-lhe dos labios. E caiu de novo, despedaçando as roupas.

O carro tinha parado á porta.

A Juan Baxco

O morphetico

Pirapemas, julho, 1904.

Zê Alvarenga veiu-se chegando, a mão direita ao peito, a esquerda estendida, requebrando o corpo.

—Ora toque uma polica, sô Ruberto, isquente essa cõsa, qui a gente tombem non vai ficar parado.

—Uma polica, Ruberto, dêxe eu dansá aqui co essa mulata, gritou o Luiz Pipira, pegando no braço da Vitalina.

—Ispera, gente ! Sô Capivara inda non veio e eu tombem non vô tuéá sôsinho.

—Mas pur on le anda esse diabo ? interrogou o Paulo Jejú á Martinha do Theodoro.

—Eu é que sei da vida delle? Anda por ahi co'os negoço delle.

A Marcelina arreliava-se. Não tinha vindo á festa para ficar sentada; se fosse para isso teria ficado em casa «drumindo seu somno deitada na rede».

Tambem só Capivara era um homem sem «pultica», via que todos o estavam ali esperando e até áquella hora nada de brincadeira. Era capaz do gallo cantar e a gente não dançar «um tiquinho».

—E', deu agora p'ra querê niguciá o cavallo de sella qui elle cumprou do Anastáço e só anda agora cum isso, disse o Roberto.

—E', accrescentou o Paulo Jejú, nós, pobre, tem isso menmo: quando tem uma cósinha mais mió, é só se gavá, qué logo butá fóra, qué niguciá... Só curuné Rudrigo, lá na villa, non é capaz de querê vendê cavallo delle. Quando a gente fala in compra diz logo qui animá bão non se vende. Mas nós, pobre, nós, pobre, é uma disgracia...

—Eu menmo, se fosse só Capivara, non vendia aquelle cavallo. Aquillo é bão pur derradêro.

A Benta sorriu:

—E p'r'uma garupa ! Parece uma rede, non abala nem um tiquinho. Istrudia eu fui nelle lá p'ra Varge e paricia que ia drumindo.

O Guarda-fio, sungando a calça branca de brim gommado, levantou-se, espreguiçando-se:

—Isso inté faz a gente covilá. Ha tanto tempo qui nos livantemo da resa e nada de se dançá. Só Capivara qué é qui a gente adóle. Agora eu cá menmo não só de adólos.

—Oh, xente ! interveiu a Martinha, ind'é munto cédo. Ind'agora menmo qui nos livantemo da resa. Inda nem si tiró as miassaba do lugá qui nós resemo.

E, como a Vitalina lhe dissesse que tambem já estava aborrecida de esperar, levantou-se do banco, correu á porta da latada, gritando pelo Capivara.

Uma voz respondeu da outra banda do caminho.

—Afine a rebecca, sô Ruberto, qui o home já arripundeu, avisou o Zé Alvarenga, afine a rebecca, qui eu hoje me arrevento. E' a demora tumá dois góle da branca, isto tudo pega fogo. E' cumtigo qui eu me dismancho, disse, abraçando a Marcelina.

—Cruz ! P'ra lá c'o'a sua dismanchação. Cumigo menmo non quero dirritimento.

Elle, abraçando-a de novo, deu-lhe duas voltas pela latada:

—E' cumtigo menmo, minha cabôca, te aprepara. E repentinamente:

—Cadê a Juvita, gente ?

Oh, era verdade, a Jovita ! Onde estaria ?

—Purahi c'o'assamento della, segredou a Vitalina.

Concertando um ramo de jasmins sobre os cabellos lisos a Maria do Innocencio sentou-se ao lado da Benta, contando que a Jovita, desde que se levantara da reza, se sumira lá p'r'o lado da fonte, com um facho na mão, a ver se encontrava uma banda de brinco que lhe caíra, quando se banhava.

A Ritta da Beirada atalhou-a, dizendo que a tinha encontrado perto da casa da «Thiadora», onde ia concertar a sáia, que se tinha rompido num prego da porta da cosinha. E como não havia de se romper, se ella era mesmo um foguete, não parava em parte alguma ? ! Qual ! Tinha visto muita gente assa-

nhada, mas como aquella tambem já era de mais. Parecia que a rapariga tinha fogo...

— Aquillo, sim, sinhô, sorriu o Zé Alvarenga, aquillo é que é mulata... E levou os dedos da mão direita aos labios, estalando um beijo.

O Chico Forquilha, vindo ha pouco do Piauí, não a tinha visto ainda, mas queria conhece-la, porque, desde que pisara «naquelle districto», fôra ouvindo o nome da Jovita gabado por todo o mundo, como mulata de patente.

— E' de patente menmo, sô Chico, aquillo é qui é mulata, acredite. E' xpto: côsa boa! E, como a Marcelina viesse passando, revirou o corpo maneiro, arqueando o tronco:

— Hoje nós nos dismancha, minha cabôca...

— Cumigo menmo não, se arrume co'a Juvita, respondeu desdenhosa, sacudindo os quadris pojudos, tentadramente.

— Oia essa feia !...

— Feia é seu avô torto. Mas eu nunca pidi a sua bunitiza.

— Pois eu agora só danço co'a Juvita !

— Oia, meu bem, não me faz arrilia. Pur mim, você pode dançá até c'o sujo. Não sô sua muié, se eu fosse, sim, podia lhe pruibí, mas non sô...

— Isso é só inveje da outra.

— O que ? Inveje ? Você n'é besta, sô Zé. Marçalina Maria da Cunceção nunca teve inveje de pessoa alguma. Quem tivé suas riqueza é p'ra si, eu cá não perciso. E deu duas pancadas com a mão direita em cada face:

—Murrè de fome é que eu non morro, co'ajuda de Deus. Inquanto eu tivé esses braço ninguem me vê co'a barriga vasia.

—Não te zanga, minha cabôca, qui, quondo eu fô na villa, te compro um vistido.

E, muito faceiro, bateu-lhe nos hombros, enlaçando-a pela cintura.

Ella sorriu lisonjeada, desgarrando-se:

—P'ra lá, sua peste ! Isso é só dos dente p'ra fóra.

—Sô Capivara ! gritou o Luiz Pipira. E virando-se para o Guarda-fio:

—Quá ! isso já tá é me aburricendo.

—E' ! Sô Capivara qué é qui a gente adóle. D'aqui a pôco eu amonto no cavallo e vô p'ra casa. Non vim na festa p'ra ficá parado; se fosse p'ra isso, eu tinha ficado lá in casa, fumando minha diamba. Meu cavallo tá piado bem ali na capuêra do Jorge, non custa eu i pegá.

O Paulo Jejú, descalçando o sapato apertado, dissera que tambem não estava «p'ra demoraçãõ». Que o Capivara, se quizesse vir tocar, que «vinhesse» logo. Esse negocio de se fazer rogado era para mulher, homem não tinha disso. Ali, se elle tivesse a sua harmonica, mostraria como aquillo já tinha virado poeira. Mas a besta de só Hortenço pediu-a emprestada, para tocar na festa da Athanasia e por lá a esbandalhou. Mas harmonica delle nunca mais emprestaria. Diabo duns «tucanos», que nem instrumento tinham.

O Chico Forquilha, as pernas encruzadas, o caximbo no queixo, protestou tambem. Na terra d'elle não se dava daquillo. Quando se pegava, estava pegado, porque estava pegado mesmo. Não tinha cá historias: era dançar até dizer já chega. Aquillo é que era terra, quando se pegava era para se ver.

E, com o caximbo entre os dedos, levantou-se, debuxando scenas da sua terra, em que de noite, nos sambas do natal, para um canto da latada, dois cabras, «onças no baião», saltavam, dedilhando a viola. Então a caboclinha tentadora ia-se chegando risonha, aos repiniques do instrumento, estalando os dedos no «chorado». Aquillo, sim, valia a pena! Quando o povo se esquentava e o dono da casa era festeiro, aquillo não tinha fim: amanhecia-se, anoitecia-se pegado na dança. Ah, terra!

—Assim tambem é aqui, retorquiou o Paulo Jejú. Hoje é qui sô Capivara istá cum massada. Aquillo é qui é cabra bão p'r'um baião. E se você quisé vê o qué é chorado deixe a Juvita vi.

—Apois, se elle non quisé tóca, pabulou o Forquilha, arraste a viola p'ra qui, q'eu amostro. Lá no meu sertão, eu non arréspeitava ninguem. O cabra véio qui se metesse p'ra meu lado, não tinha duas cónversa, saía logo sóbrando.

O Paulo Jejú, batendo-lhe nos hombros, provocou-o amigavelmente:

—Hoje é qui eu quero vê você c'o Capivara. Oia qui o cabra é turuna no disafio.

—Non tem nada, a desgracia do home é ismó-recê.

O Capivara entrou nesse momento, conversando com o João Bezerra:

—Apois é isso, só João, se quisé, o negoço tá fêto. Vorte a pôdra de sua muié.

—A pôdra non dô. Agora, se quisé a garrotinha maiada, diga, purque o negoço fica assentado.

—Isso non quero. Non só home de duas palavra. Minha palavra é uma só. Dando a pôdra...

—Ora, só Capivara, entremetteu-se o Zé Alvarenga, aqui non é lugá de se niguciá cavallo. Nós lhe isperando ha tanto tempo. Ande, qui nós já está cansado de lhe isperá. Aqui já todo mundo falô má de você.

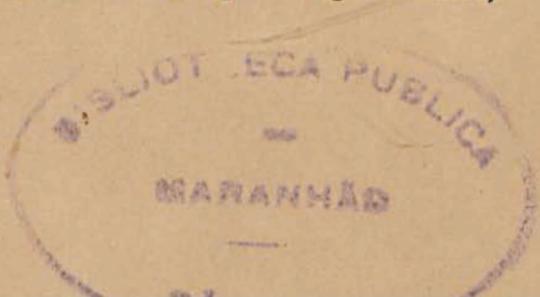
—Cumô é qui você qué qui a gente toque, s'inda non veiu a arma do brinquedo ? !

Oh, mas era verdade, ainda não tinham bebido ! Isso era a primeira coisa que deviam ter feito Brinquedo sem cachaça era peor do que defunto sem choro. Que viesse logo, que viesse logo, que a gente queria se esquentar !

—E' ! sem cachaça é qui não, repetiu o Capivara.

—Ixe !... essa gente só pensa in bebê, reprovou a Ritta da Beirada.

—E antão ? ! tu já viu côsa mió nesse mundo, retorquiou o Zé Alvarenga. Um góle de ristilo p'ra gente isquentá os bofe, é uma diliça. Quando se vem suado da roça, qui chega in casa e bebe um trago, ah, qui côsa bôa! Mais mió ainda é quondo a gente toma uma chuva no caminho e qui chega muiado,



ahi sim, p'rsque aquillo desce e vai isquentando tudo lá pur dentro.

—Cadê o dono da casa ! perguntou o Luiz Pipira. Oh, sô Farnande, traga a canna, qui nós inda non muiô a guélla.

E da porta do fundo um caboclo escuro, abraçando uma bacia de Flandres, cheia de aguardente, surgiu prazenteiro, com duas chicaras mettidas no dedo minimo da mão direita:

—Pronto, rapaziada, non von s'imbebedá, disse arreando a bacia num dos bancos da latada. Lá dentro inda tem um garrafão, mas agora tombem non von cahi.

Todos os homens se abalaram, cercando-o.

—Voceis fique pur ahi, que eu tenho qui fazê lá dentro.

Rizonho o Zé Alvarenga, enchendo uma chicara, offereceu-a ao Capivara:

—Beba !

—Beba você prémeiro, sô Zé.

—Non sinhô, quem bebe é você.

—E' você, eu bebo ao dispois.

—Assim nem eu bebo, nem você.

O Capivara pegou na chicara, levantou-a acima dos labios e versejou:

—Cachaça giribita

Fêta da canna torta

Quem bebe in dimasia

Fala o qui non s'importa.

Era no tempo da Conceição.

Do tecto verde da latada larga, de palha brava quatro candieiros de azeite pendiam, illuminando com uma luz amarellenta o solo lizo de aterro novo. No fundo do avarandado da palhoça, entre arcos de murta e pindoba trançada, refflorindo de jasmíns e bôas-noites, o oratorio toseco de cedro, encoberto por um lençól ramalhudo, brilhava ainda nos restos de duas vellas accezas. Pelos bancos de carnauba, que cercavam o quadrado da latada, mulheres vestidas de chita e lenços bordados de versos amorosos sobre os hombros, conversavam intimamente umas com as outras, rescendendo a baunilha e a trevo, que lhes enfeitavam os cabellos crespos aromatisados de macassá. Os homens, pastinha aberta de banda, paletó de brim branco ou calças de angolinha, do lado opposto, as pernas cruzadas, fumando caximbo, palestravam. Em frente, do lado do rio, o mastro comprido, enfeitado de murtas, subia ostentosamente, tremulando a bandeira branca na grimpa esguia. Pelo terreiro areento e alvo, os ariris formozos sacudiam as palmas elegantes, abertas ao vento, sumindo-se em fileiras pelo camiinho tortuoso, ao lado das luzes de azeite accezas em cascas duras de genipapo verde. A' esquerda, do lado de fóra da cerca de mandacarú, as laranjeiras enfloradas atapetavam o chão, perfumando o ambiente. Em baixo o rio sussurrava brando pelas arvores caídas na margem, e lá em cima, o infinito limpo, polvilhado de estrellas, cintillava faiscando. De longe em longe uma estrella, cadente, num rastilho de luz, rasgava a atmosphera, sumindo-se em disparada.

—Agora vamos á polica, nós agora pode dançá, lembrou o Luiz Pipira.

Zé Alvarenga, cuspindo ainda da aguardente que bebera, empurrou o Capivara:

—Tempera a viola e vamos á polica, purquè eu hoje arreberto aqui e faço menmo qui nem quêxada na roça.

—Você presque qui já tinha bibido ante dessa chicra; non tinha sô Zé ? interrogou a Vitalina, maliciosamente.

—Quá, minha mulata, é purque hoje eu tó p'ra pandegá ! E mudando de tom:

—Vamos á polica ?

—Oh, xente ! Sô Pipira já non me tirô. Vá tirá a Marçalina .

—Mas cadê a Juvita ? Até agora inda non veiu. P'r'onde elle foi ?

—Eu é qui sei da vida della ? ! Você agora dis-que é carne cum unha lá, não ?

—Histora ! Quem foi qui te disse ?

—Foi a Rumana. Ella me cuntô que istrudia, quando ella passô p'ra villa, você tava lá isparrado numa rede, s'imblando.

O mulato chupou lisonjeado uma fumaça do cigarro:

—Tu menmo non tá vendo qui eu non ia fase isso cum a mãe della iá ?

—O qui tem ? Você só tava dêtado, non fazia má. E o qui tinha a mãe della ? Ella non é moça...

—Mas a gente sempre arrespêta.

—Quem que arrespêta, a Juvita ? Qua ! Anno passado, no tempo de Sant'Anna, eu passei pur lá e ella tava sentada no júeio de sò Inofre e a mãe della, assim mais arritirada, fazendo rêde.

—Non fala da outra.

—Eu non tô falando má, tô dízendo a verdade. E o qui tem ella fazê isso ? Ella é disimpidida, e rapariga nova.

—Agora isso é !

—E' bunita. Tem quem lhe dê tudo.

—Assim cumo tu.

—Cuma eu ? Cuma eu menmo não ! Eu, meu bem, se quisé trabaiu, non vô me fiá só in voceis. Voceis home non presta ! Oia, istrudia, eu pidi um pá de chinella p'ra sò Ruberto e inté hoje. E' só disê qui o sapatêro inda non fez. Mintira, elle nem incummen-dô. Eu se quiz cumprei. Sò Furquia ontonte chegou lá in casa c'uma pabulage, qui mi dava uma saia, mas quá ! non é cum dinhêro delle qué eu visto saia.

—Dêxa 'stá qui, quondo eu fô na villa, te trago uma.

—E' ! você agora é só premettê. Vá dá p'ra Marçalina, qui você já disse qui dava. Eu menmo non quero.

—Purqué, minha cabôca ? Antão eu sò argum misarave ?

—Cadê o ané qui você me premetteu o anno pasado ?

—Ora, foi purque o órive inda non fez. Pode

preguntá p'ra sô Pipira se eu non incommendei.

—Oia a polica ! gritaram.

O Capivara, sentado no banco, afinava a viola, enquanto o Roberto emendava a prima da rabeca, que se quebrara.

—Mas á Juvita non vem ? disse o Alvarenga penalizado.

—Sant'Antonio tem uma vella, se ella non vi, gracejou a Marcelina, que passava.

—Antão, já se sabe, nós dança essa.

—O que ? ! Eu non sô cado riquentado.

—Mas essa nós dança, minha mulata chêrosa.

Neste momento a musica rompera a polka. Houve um reboiço, um assanhamento de incendio. Todos, impellidos pela cadencia arripiada dos instrumentos, correram a tirar os pares. Paulo Jejú saltou do banco e atirou-se á Benta; a Maria do Innocencio saiu puxada pelo Guarda-fio; Luiz Pipira abraçou-se com a Vitalina; Chico Forquilha com a Ritta da Beirada e Zé Alvarenga foi agarrando a Marcelina pela cintura, unindo-a ao peito, ás vira-voltas pela latada.

—Isquenta, isquenta !

—Assim, rapaziada !

—Ahi, sô Guarda-fio !

--Viva os santo do festejo !

—Viva meu pá !

—Viva os dono da casa !

—Viva a bella sociedade !

O reboiço crescia; os p'res augmentavam. Havia um arrasta-pés, assanhado, vivo. Luiz Pipira

apertava de mais a Vitalina de encontro ao peito; a Marcelina, offegando, derreara a cabeça cheirosa nos hombros do Alvarenga, que a beijava pela nuca, e o Paulo Jejú, tropeçando nos pés do par, rolou com elle, estrondando no chão.

—Alivanta, cabra véio.

—Non marrota a mulata !

—Quebra, gereba !

Outra voz tentou rimar:

—Quondo acabá, quero vê o qui tu quebra.

O entusiasmo recrudesca. Uma onda de poeira levantava-se no ar. Suava-se.

A musica parou.

—Arripita, arripita !

—Ora, foi póco !

—Agora é qui eu tava no bão !

—Mas a Juvita, gente ? ! lembrou o Zé Alvarenga. Quem sabe se ella não vortô p'ra casa ? !

A Benta deu um muchôcho. Isso é que ella duvidava. Então a Jovita ia largar a festa, ella, que era dançadeira, que dava a vida por um brinquedo ? ! Qual ! Era mais facil faltar chuva em janeiro...

—Você agora anda munto pur lá, non, só Zé ? inquiriu, troçando, a Ritta da Beirada.

—Quá ! Só passo pur lá, quondo vô p'ra villa. Esse povo é qui anda dizendo isso.

—E' ! você pensa qui nós non sabe ? !

la caindo tudo em tristeza. As mulheres levantavam-se a «pitar uma fumaça», os homens espalhavam-se pelo terreiro, falando de roças.

O Chico Forquilha, ao lado do Guarda-fio, narra-va uma briga que tivera em Amarante com um caboclo que lhe insultara a mãe e o Capivara, lá para o lado da cerca, dizendo sempre que a «sua palavra era uma só», insistia com o João Bezerra, para que desse a «poldra de sua mulher» pelo negocio do cavallo. O Paulo Jejú, que se mettia agora a namorar a filha mais velha do Fernandes, em pé, junto da moça, fazia graçolas desconsoladas. A Ritta da Beirada pabulava-se para a Benta da festa que ia fazer pelo tempo de S. Sebastião. Daria panca. Este anno tivera uma colheita boa: apanhara trinta arrobas de algodão, vinte alqueires de arroz (fóra o do gasto) e tinha ainda mandioca até para dar. Faria um «festa-rão», com foguetes. Havia de ter foguetes, pelo menos um aduzia. Estava com vontade de mandar buscar o padre á villa, para cantar a ladainha e dizer uma missa, mas isso tinha os seus «conformes». O padre pedia muito caro e talvez não tivesse dinheiro. Gallinhas no quintal eram quinze para o jantar, capões tinha cinco que já nem corriam de gordos e alem disso tres capados que eram um «marmo». Por aquellas bandas não invejava as festas de ninguem, porque, quando as fazia, eram para se ver. Não era como muita gente, que armava uma latada e pronto ! estava ahi uma festa. Qual ! quando dava as suas, trabalhava, trabalhava até faze-las boas.

De repente tudo palpitou. Um cheiro activo de baunilha rescendeu pelo ambiente empoeirado. Era a Jovita, que chegára á porta. Todos os rostos jubilaram.

—Oia a Juvita, gente ! gritou alegremente o Alvarenga.

Ella veiu entrando afogueada, rebohando levemente a saliencia turgida dos quadris nutridos, desembaraçada, possessa:

—Ora me largue, qui eu já tô dãnada.

Que damnação era essa ? Que acontecera ?

E todos se acercaram della.

Formosa, no casaquinho rendilhado de setineta azul e a saia de barras encrespada de folhos, foi contando tudo. Quando acabara a resa, saíra a ver se encontrava a banda de brinco que perdera na fonte e depois fôra a casa da Theodora concertar a sáia que tinha rompido.

—Oie, dizia, mostrando a fimbria rasgada do vestido, rompeu ali no prego daquella porta qui vai p'ra cusinha. E como o dono da casa viesse chegando:

—Oie, só Farnande, você arranque aquelle prego, purquê meu vistido custô dinhêro e você non me dá nenhum. Depois, virando-se para o grupo que a cercava, continuou:

—Mas sim, quondo eu vinha da casa da Thiodora e que fui passando pur aquella varêda qui vae p'ros cajuêro, carcule qui incuntrei...?

Todos os rostos se accenderam de curiosidade.

Quem seria, quem seria ?

—O Satiro !

—O Satiro ?

—O que ? Aquelle qui tá c'o má ?

—Sim !

E narrou que fôra passando distraida, quando ouvira o seu nome por detraz da moita. Pensou que fosse o Zé Alvarenga e fôra devagarzinho, para dar-lhe um murro nas costas; mas, quando se aproximou dos cajueiros, virgem Nossa Senhora ! Lá estava o morphetico com o rosto que era isto, as orelhas inchadas, as mãos cheias de feridas. Quiz correr, mas qual ! Elle prendera-a pelo braço e quiz chama-la a si. Gritou, mas o diabo ajoelhou-se-lhe aos pés, implorando que ficasse. Foi um inferno; mas, afinal, poude fugir.

—Coitado, faz até pena ! lamentou a Marcelina.

Meiga, penalizada, a Jovita redarguiu:

—Faz pena, sim ! Mas o que tu queria qui eu fizesse, meu bem ? O anno atrazado, quando elle tava bão, nós tivemo dois mez, mas agora quem é qui non corre ? Depois, com simplicidade:

—Oia, eu até fui tumá outro banho. Aquillo dis-que pega qui nem carrapato. E muito viva e rizonha, numa garrulice de menina:

—Já se dansó a polica, hein ?

—É antão ? ! Tu tava tardando, explicou o Alvarenga.

—Ora !... Voceis non presta, nem p'ra m'isperá.

—Mas non tem nada, minha mulata, nós agora discasca.

1a Elle deu-lhe um beliscão.

—Bilisca, mô bem, bilisca. Pancada d'amô non dóe.

—Ou bicho sem vregonha ! Quando você criá vregonha nessa lata, -sô Zé?

—Quondo galinha ciscá para diante, respondeu a Marcelina.

—Cala a boca, diabo, sinão eu non compro o vestido.

—Vôcê dêxe disso, sô Zé, eu non quero que a Juvita m'ingula.

—Êhê ! o qui eu tenho cum elle ? Tu tá dôda !

—A Juvita já chegô e sô Zé já tá na assanhação delle, gracejou a Benta. Tombem voceis dois pres- que nasceu p'ra vivê junto.

—Cala boca tu tombem. Voceis é só buli co'a outra.

—Non tô bulindo, disque é certo !.. Essa gente pur aí é qui diz. Agaranto qui esse vistido q'ella tem, foi você qui deu.

A Jovita pulou. Que nãõ! aquelle tinha-o comprado com o seu dinheiro, com o seu somente. Para isso tambem trabalhava: fazia a sua renda, as suas redes para vender na villa, em casa do capitão Nonnato. Não ia fiar-se nesses homens. Só tinham farofia, eram só prometter e nada de dar. O melhorzinho delles era «sô Zé», mas assim mesmo não prestava; já lhe promettera uma medalhinha de S. Benedicto, quando houve festa na villa e até hoje.

—Dá-lhe Juvita, dá-lhe, q'ê prelle criá vregonha, disse a Benta, caçoando.

—Dêxa ella falá, eu já dixei pur qui foi qui eu non cumprei, non qué acriditá... o qui é q'eu vô fazê ?

—Oia o chorado ! gritaram.

—O chorado, o chorado !

—Tempere a viola, sô Capivara ! Ripinique a cõsa !

—Isquenta essa gosma !

E o Paulo Jejú, empurrando docemente o Chico Forquilha, levou-o ao Capivara:

—Oia aqui quem disque qui qué t'isprimentá.

—Non tem nada, sô Chico, você é lá do Pióhi, mas nós nos ismurra.

—Oia o chorado ! A Juvita já tá s'isquentando.

—Ripiniqua o bronze !

A viola e a rabeça romperam aceleradas a musica brasileira. E o Capivara, suspendendo a voz cheia, vibrante e clara, improvisou:

—Cabôco lá do Amarante,

Cabôco do Pióhi,

Non corre, toma chegada,

Q'eu quero só te midi.

Provocado, o Chico Forquilha sentou-se e, batoendo compassadamente com os dedos na viola do companheiro, respondeu:

—O' cabra prende a siloura

No darradêro botão,

Qui cabôco do Amarante

Non s'intrega á medição.

Um arrepio de febre percorreu todos.

A cadencia tropical daquella musica apressada, quente, nervosa, doida e o repenicado fozoso da viola alegre esquentaram repentinamente o sangue, incendiando os cerebros aguardentados. Sentia-se

como que um formigueiro de entusiasmo caloroso, accendido pela viveza irresistivel da musica ligeira, numa assanhação impaciente de nervos irritados.

O Zé Alvarenga, ao compasso sensual da dança, saiu jocosos, estalando os dedos, em remoinhos leves.

E o Capivara cantou:

—Sô Chico non ronque,

Q'eu ronco mais do qui tú,

Bizôro morre de véio

P'ra roncá c'a cangussú.

— Non te pabula, meu cabra,

Dêxa de pabulação,

Bizôro non vale nada,

Mas fura qui nem ferrão.

Houve um reboiço de contentamento. Era o Zé Alvarenga, que, no remexido do corpo, sacudia o lenço para a Jovita.

—Assim, sô Zé, assim menmo,

Puxe a mulata p'ra cá,

Q'ê p'r'eu midi o cabôco

Vê s'elle sabe lóvá.

O Forquilha respondeu:

--Eu ind'era munto nôvo

No buxo de minha véia,

Já era cheio d'istucia,

Menino cheio de idéa.

E a Jovita, leve, subtil, risonha, saiu tentadoramente, em passinhos miudos, velozes, brandos, castanholando os dedos aos requebrados macios dos quadris pojudos, vira-volteando faceira ao redor do

BIBLIOTHECA PUBL
do
ESTADO DO MARAN

Alvarenga e correndo depois ao longe, para o lado da porta, em circulos suaves.

—Isso Jovita !

—Faz bunito, faz bunito !

Em todos os bancos o povo se remexia, como se fosse picado pelo andamento esperto daquella musica irritante e pelos revolteios seductores do corpo entalhado da mulata moça.

—Disimpenha teu carate, Juvita !

E o Capivara, inspirado, seduzido, versejou:

—Mexe, remexe, mulata,

Remexe bem rimixido,

Q'eu quero vê sô Furquia

Ficá de quêxo caído.

—O' cabra non sêje besta,

Cria mais educação,

Non me bole, non me mexe

Qui a mulata é tentação.

—Assim, sô Chico!

—Te guenta, Capivara !

E a viola assanhava-se.

—Eu, se tivesse dinhêro,

Munto dinhêro de prata,

Mandava fazê um ispeio

Dos óio dessa mulata.

O Chico Forquilha, coçando a barba, tamborilou mais ligeiro na viola do rival, cantando:

—O' cabra non sêje besta,

Tu non sabe apréciá,

Ispeio quiria eu sê

Q'era p'r'ella se mirá.

—Munto bem, sò Chico, munto bem !

E a Jovita, agora com a mão direita no braço do Alvarenga, o pescoço de chocolate pendido graciosamente, zig-zagueava de manso, amiudando os passinhos celeres, tiritando as ancas.

—Te dismancha, mulata !

—Quebra, mô bem!

—Você dixeu q'eu era besta,

Q'eu non sei apréciá

Mas eu q'ria sê areia

P'pressa mulata pisá.

O Forquilba atalhou:

—Se essa mulata morresse

Eu mandava embarsemá

C'os bêjo da boca della

E os canto do sabiá.

—Dá-lhe no brando, Jovita, dá-lhe no brando !

E todos se levantavam inquietos, atraídos, palpitando de fogo, como se não resistissem sentados á tentação daquella mameluca seductora, diabolica, febril, que lhes acalorava o sangue numa fervura es-caldante de sensualidade.

E a viola repenicava mais excitante.

—Quebra, mô bem ! E os gritos partiam roucos, seccos, sequiosos de lascivia.

—Quebra in baxo, quebra in cima,

Quebra in cima, quebra in baxo,

Remexe no brando e mexe,

Isquenta o doce no taxo !

E a voz do Capivara saía aspera, tremida, grossa, cheia de um canção intimo, de um principio de extase.

A Jovita bamboleava os quartos turgidos em tremeliques nervosos, correndo suavemente pelo solo, em espiraes macias. Agora corria de banda, serena, mansa, vaporosa, em roda do Alvarenga, num meio passo, num meio vôo, como se escorregasse docemente numa esteira de pennas e veludos. Era o deslizar suavissimo do cisne na superficie azulina do lago, girando tão doce, tão vagarosa, que não se sentia nem de leve o rumorzinho dos pés pequenos, roçando delicadamente no chão de areia.

E sentiam-se comichões, desejos intensos de remexer os nervos ao repenicado quente daquella dança irresistivel, escaldante, torrida, demasiadamente torrida, soberanamente brasileira. O sangue incendiava-se nas veias, causticando as carnes enfebrecidas, ateando pelo intimo uma libidinagem pressiva, impertinente, de americano sulista.

O Capivara tinha-se levantado com o Chico Forquilha, dedilhando a viola accelerada e o Roberto, tambem de pé, debruçava languidamente o queixo na rabeca sonora. E a Jovita castanholava, castanholava muito, rebolando as ancas, amiudando os passos. A saia de barras fluctuava redonda, cheia de vento, não arrastando a fimbria folhuda, o laço de fita da cintura pelos ares bailava tremulo e o seio offegante numa palpitação lasciva estremecia, eriçando-se. A cabeça luzidia, na lassidez de mestiça, quedava para

a direita e os olhos pretos, num gesto estrabico, por cima dos hombros, fitavam matadoramente o Alvarenga, que vinha atraz, correndo para alcança-la.

—Te dismancha, mô bem !

E ella corria, corria muito, deslísava, fluctuava. A cabelleira crespa, desprendida ao vento, desfibrava-se pela nuca setinosa; a baunilha aromatica, trespassada pelo grampo na trunfa de cabellos, rescendia; do alto da cabeça a rosa vermelha despetalava-se pelo chão e o casaquinho, com dois colchetes abertos, mostrava um pedaço trigueiro de collo de mulata.

Tocara-se ao delirio.

Do terreiro um perfume activo de jasmíns e flores de laranja trescalava. No tecto os candieiros luziam mais vivos e lá dentro os restos das vellas de oratorio, incendiando as rodellas de papel, que os acunhavam no gargalho das garrafas escuras, esclareciam tudo. A viola irritava-se desesperadamente. Agora era de um arrepio electrico, de um fogo de caldeira.

E a Jovita dançava. Tinha-se vontade de cair por sobre ella, doido, febril, valente, espojar-se naquellas roupas cheirosas, sorvêr-lhe a fragrancia de sertaneja limpa, aperta-la, aperta-la muito de encontro aos braços, beija-la pelo pescoço, pelos labios, pelos olhos, desatar-lhe de todo as madeixas ondeadas e frui-la e frui-la...

A Ritta da Beirada apertava freneticamente as mãos do Guarda fio, que lhe pisava os pés; o Luiz

Pipira tinha as côyas muito juntas das côxas da Vitalina e o Paulo Jejú cingira insensivelmente a cintura da Marcelina, puxando-a para si. E o Forquilha cantava:

—Assim, mô bem, assim menmo,

Te chega aqui p'r'o meu lado,

Penêra, mô bem, penêra,

Penêra bem penêrado.

Repentinamente tudo parou.

A Jovita estremeceu, soltou um grito e agarrou-se instinctivamente ao braço do Alvarenga.

Era o Satiro, o morphetico, que estacára á porta.

Houve um silencio triste, pesado, morbido. O Capivara emmudeceu a viola, olhando para o lazaro; o Roberto sentou-se estropiado e o Guarda-fio, desprendendo os dedos dos dedos da Ritta, mettem as mãos nos bolsos das calças e começou a passear pela latada, possesso, resmungando.

A Jovita, tremula ainda, os olhos espantados, a boca offegante, unia-se ao Alvarenga, pallida, gelada como se quizesse confundir-se com elle num aperto extremo de terror e de medo.

O silencio prolongava-se. Somente se ouvia a voz confusa do Guarda-fio, mastigando palavras.

Na porta, o Satiro, de camisa rota, os pés descalços, magro, deformado, sujo, distraído, fitava a Jovita numa doçura passiva, nazarena e bôa, onde transparecia, pela serenidade padecente do olhar, a revolta muda da sua alma e a desgraça incuravel da sua molestia.

—Eu só quiria era sê doño da casa. Butava esse home p'ra fôra, resmungou baixinho o Guarda-fio.

E o morphetico, sem nada ouvir, continuava melancolica e biblicamente fitando a apaixonada, que nos braços do Alvarenga cada vez mais tremia, ao lampejo magoado do seu olhar de martir.

—Meu sangue já tá frevendo, continuava o Guarda-fio.

Os homens conservavam-se em pé, sem saber o que fizessem e as mulheres, sentadas, olhavam o Satiro e a Jovita, aterrorisadas. Mas era preciso que aquelle homem d'ali saísse ! A sua molestia horrorisava a todos e além disso o Guarda-fio já se mostrava zangado e podia haver alguma briga !

Mas ninguem tinha coragem de afasta-lo ou pedir-lhe que se retirasse.

Finalmente o Luiz Pipira, vagaroso, um tanto indeciso, chegou-se até á porta, falando docemente, numa ternura religiosa, como se estivesse balbuciando uma prece:

—Oia, Satiro, non é pur a gente non te querê aqui, mas vae t'imbora; tu t'andando duente, cum febe e esse vento te faz má. Oia, vae !

E o doente, sem nada ouvir, conservara-se calado, extactico, os olhos pregados carinhosamente na imagem do seu amor, parecendo bebe-la, traga-la aos poucos nas scintillações luzentes do seu olhar assustado.

—Vae, oia, tá ventando munto e eu sube que tu honte teve febe. Vae, isso faz má !

O lazaro sobresaltou-se, fitando-o ternamente:

—Ora, dêxa !...

E a sua voz saíu tímida, covarde, queixosa, num meio de suplica e de lagrimas, parecendo um suspiro de infortunio, uma imploração de piedade.

—Vae, esse vento tá ventando munto.

—Dêxa, dêxa !

—Mas qui diabo é isso? rugiu o Guarda-fio. Você non tá vendo qui você tá duente. A gente tá dizendo e o diabo non ouve.

E chegou-se até perto, com as mãos nos ~~labios~~ = *boleos* ainda, bradando furioso:

—Vá s'imbora !

Nada ouvia. Os seus olhos agora caíam de novo sobre a Jovita, que, despertada pelas palavras do Guarda-fio, deixava o braço do Alvarenga, aterrada, pallida, muito pallida, caminhando passo a passo, vagarosamente, demoradamente, em direcção á porta.

—Vá s'imbora !

E, como o morphetico nada ouvisse, investiu estupidamente, sentando-lhe a mão fechada sobre o peito, empurrando-o com brutalidade:

—Vá s'imbora !

O desgraçado estremeceu o corpo cadaverico, mas ficou de pé, suplicando:

—Dêxa, dêxa !

—Qui diabo é isso, só Guarda ? ! bramiu asperamente o Luiz Pipira. Cumo é qui você vae impurrá o home assim ? Você non tá vendo qui ella tá doente?

—Diabo ! gritou, sem prestar atenção ao que

lhe dizia o Pipira, tu não ~~o~~ ouve?! Ispera qui eu te amoistro. /m

E correu violento ao canto proximo da latada, assomando colerico, de cacete em punho, estrugindo já de longe:

—Se arretire! Racho-lhe a venta!

O povo acudiu. As mulheres gritavam todas, assanhando-se de medo e os homens correram á porta, formando grupos.

A Benta puxou-o pelo paletó, tentanto arrasta-lo.

—Non faça isso, meu cumpade, você non tá vendo que elle tá cum má!!

—Me largue, me largue, repelliu-a ferozmente. E investindo enfurecido:

—Racho, racho!

E chegou-se mais perto do morphetico, agitando o cacete.

—Já! já imbora!

—Você non dá! roncou o Alvarenga, inflexivel, colerico, em posição austera.

—Dó!

—Non dá!

—Pois eu lhe amoistro! E, empunhando fortemente o madeiro, suspendeu-o acima da cabeça.

Nesse momento um grito partiu. Era a Jovita, que, atravessando-se em frente, os cabellos soltos, desgrenhada, palpitante, quase de joelhos, implorava:

—Pelo bem qui você qué sua mãe! Non dê, non dê! Elle non faz má a ninguem!

O Guarda-fio repeliu-a para o lado e caminhou para a frente. O cacete subiu de novo, brandindo nos ares e veio descendo vertiginosamente sobre a cabeça do lazaro. Houve um estalo seco de galho que se quebra e um pedaço de madeira voou, zunindo por cima da latada, indo cair por entre os arirís.

Fôra o Zé Alvarenga, que, de acha de lenha em punho, repellira a cacetada. Desarmado, o Guarda-fio estremecera e fitou o inimigo, que, impassível, ironico, sereno, o esperava ali em pé, com a acha de lenha arreada em posição de luta. E os dois ficaram em frente um do outro, sem piscar, o olhar accezo, como se estivessem esperando quem primeiro desfechasse o golpe.

Um silencio de pedra tombava no terreiro. As mulheres, encostadas pelas esteios da latada, não ofegavam sequer e os homens, espalhados em desordem, esperavam silenciosos, sem arriscar uma palavra. Somente, lá em baixo, o rio estremecia pelas coivaras, suspirando sempre.

O Fernandes, afinal, chegou-se amigavelmente, falando:

—Voceis dêxe disso, non é perciso briga, nos tá aqui é p'ra brincar e p'ra que qui ha de havê briga?! Isso assim é feio, non brigue! E' mesmo cumo se não tivesse havido nada. E virando-se para o Alvarenga:

—Largue esse páo, sô Zé. Dêxe de bobage, você non é criança! Vamo, sô Guarda-fio, vamo voceis non brigue!

—E', saltou o Paulo Jejú, vamo dansá, briga non bota ninguem p'ra diênte.

—Non bota, isso é munto certo, approvou o Fernandes, briga só serve de atrazo. Nós pôde léva a nôte intêra brincando, p'ra que qui havemo de brigá.

—E' mais mio assim, disse o João Bezerra, nós non t'aqui p'ra vê quem tem mais força, nós tá è p'ra dansá. E vamos á varsa ! Viva a alegria, rapaziada !

—Viva o dono da casa mais a sua famia !

—Oia a viola, só Capivara !

—A varsa, oia a varsa !

E o Fernandes passou o braço nos hombros do Guarda-fio, trazendo-o para dentro. Lá fóra o Luiz Pipira foi levando o Satiro até á curva do caminho.

Correram commentarios. O Chico Forquilha affirmava para o Roberto que por «um triz» estivera a dar uns echações «naquella besta», que nem sequer se compadecera de um pobre diabo que estava com «o mal». Aquillo não era homem, aquillo não era nada; só se metterá com o Satiro, porque o Satiro estava doente. Que se mettesse com elle, com elle é que queria ver. Um diabo que não valia «um dez réis xen-xen». Só tinha aquelle corpo de «novilho», aquella «arrrotação», mas era mais «rúim» do que uma mulher. Em «dois tempo» se trepava no «cangote» delle. Já que tinha força, porque não se metterá com o Alvarenga, quando este o desafiara? O Alvarenga, sim, senhor, era «cabra bom». O bixinho era magro, mas tinha «talento» no «tutano».

O Paulo Jejú lastimava que, no calor daquella

feita, no melhor do chorado, acontecesse aquella «disgracia». Tambem que mal tinha o morphetico vir olhar a dança? Não havia «impedicio» algum. Aquillo tambem não andava pegando assim só, principalmente de longe.

E mais ao fundo, numa roda de mulheres, a Martinha, censurando o Guarda-fio, lembrava as festas em que elle provocava desordens. Não se podia. Era a demora beber «um tiquinho», parecia uma onça: «intocava» com todo o mundo.

— Agora é pena, lamentou a Maria do Innocencio, é pena, purquè é trabaiadôsão. Oia, além de trabaiá na estrada do fio, inda tem roça e qui roça! Este anno fez quadr'e meia.

Para o outro lado, a Jovita, coxixando com a Marcelina, contava que já não podia com aquella paixão do Satiro. Tinha pena. Mas que ia fazer? Já por duas vezes se tinha dado quase aquillo mesmo. O mez passado, quando ia para a villa, encontrara-o no caminho da roça e—Santo Deus!—lastimou-se tanto, tanto, que elle até chorou. Depois, na propria casa della, lá esteve o dia inteiro a chorar e a pedir-lhe que se sentasse ao seu lado. Coitado! fazia dó, mas não tinha remedio.

Mais adeante a Benta, sentada com a Vitalina, affirmava que ficara mais fria do que «um sapo», quando vira o Guarda-fio de cacete na mão, para dar no Satiro. E, quando vira o cacete descendo no rumo do morphetico,—virgem mãe de Deus!—quiz gritar, mas qual! «parecia que tinha uma coisa na guélla»,

—E tu viu aquella póla lá qui só Zé deu no páu de só Guarda-fio ? perguntou a Vitalina, misteriosamente.

—Ih, minina foi cum força ! Chega o páu avuou lá pur riba da casa qui foi azuaúdo. Massô Zê, hein? Chega tem força !

Depois dissera que, quando vira os dois em pé, olhando um para o outro, como «dois garrotes», foi que sentira medo, muito medo. Parecia que estava a ver, de uma hora para outra, rolarem mortos, ali no chão.

—Oh, xente ! voceis presque qui qué acabá co'a festa, alegrou o Fernandes, chegando á porta.

—Vamos á dança ! E' perciso non esfriá, lembrou o Luiz Pipira.

E o Capivara, depois de afinar a viola, dedilhou uma valsa.

Silencioso, tremulo, os olhos cheios d'agua, o coração partido, pelo caminho o morphetico seguirá. Passo a passo andou por muito tempo, atôa, pela estrada, insensível, cabisbaixo, tonto e depois, distraidamente, deitando a cabeça nos braços cruzados sobre o cajueiro, poz-se a soluçar. Tinha a idéa ôca, o cerebro vasio, a alma esfrangalhada.

A Jovita veiu-lhe em pensamento, erradia, indecisa, diaphana, depois mais viva, mais tangível, mais palpavel, envasando-o de sonhos e recordações.

Não o mate, que não faz mal a ninguem — e estas palavras cantavam-lhe no sentimento como a nota consoladora de um peito condoído. Via-a pallida,

gelada, o seio arfante, os olhos lacrimosos, implorando humildemente aos pés do Guarda-fio.

Não faz mal a ninguém ! E zumbia-lhe aos ouvidos o som piedoso daquella imploração afflicta, emanada de dentro, bem do fundo do sentimento.

Nas faces empoladas a circulação, subindo precipitada, esquentava-lhe a cabeça dorida, escaldando-lhe as orelhas grossas. E a revolução ardente daquelle sangue deleterio, as picadas agudas das feridas apostemadas, avivavam-lhe a realidade. Morphetico ! E tremia abatido, rezignado, lacrimoso. Olhava para os dedos carcomidos, reparando bem nas chagas vermelhas, purulentas putridas. Morphetico ! E com a cabeça deitada sobre os braços, fitava as mãos, soluçando. Vinha-lhe uma tristeza de martir uma nostalgia do passado, uma saudade muito forte da vida.

—Satiro ! Onde é qui tu tá ?

Espantou-se, os olhos ainda molhados e as lagrimas brilhando pelo rosto. E o Luiz Pipira, chegando-se mais, começou a falar amigavelmente:

—Mas o qui é isso ! Você churando ! Dêxa disso non te consome. A gente deve se cunsolá co'a vontade de Deus, tudo qui elle faz é bão. Nós non deve nos zangá, assim é peccado.

E ao tom cadenciado daquella voz sonora e amigã, as lagrimas rebentavam-lhe copiosas, soluçantes.

—Mas o qui é qui nós vae fazê. Deus detreminô e nós déve nos cumformá. Você inda pôde ficá bão e brincá cum nós na festa; p'ra Deus nada é impusitive.

O lazaro estremeceu, tocado de esperança, mas depois falou numa voz desconsolada e tristonha:

—Bão ! Ah, sô Luiz, isso é bão de dizê, mas eu tô perdido; d'aqui p'r'o cimitero. Quem tem o má non ispera outra cõsa, e eu sei que minha cova tá m'isperando, eu sé que vou morrê. Istrudia fui onde tava sô manjô Carvaio, p'r'elle me dá uma mezinha. Elle me deu e dixeu qui eu ficava bão, mais eu cunheci que elle tava era me consulando.

—Tem fé in Deus ! Quem tem fé se sarva.

—Mas do qui eu tenho? ! Tenho feito munta promessa. Toda nôte, todo dia rezo, pedindo p'ra Deus me ajudá, p'ra me pô prefeito, cum saude. Mas só me parece qui isso foi castigo, Deus non ôve minha resa, cada vez eu fico pió.

E a sua voz foi descendo docil, compassiva, terna, embargando-se de soluços:

—Sinto febre todo dia, tô cuberto de ferida, meus dedo parece até qui já tá caindo...

—Mas é preciso você tê risguardo, tê cõtella. Você tem fébre e móia a mão, toma a mezinha e come tudo. A gente percisa tombem se livrá do pirigo. Só se come cumê dê duente e non se deve fazê todo sirviço...

Elle, ainda choroso, foi respondendo lastimosamente:

—O qui é que eu vô fazê, sô Luiz, qui é que eu vô fazê ? Se eu menmo non fizé, quem vac fazê pur mim? Non tenho ninguem, nem um parente, minha mãe já murreu, minha irmã se casô e tá murando

lá p'ro centro. Quem é qui vae fazê p'ra mim? Ah, sô Luiz, a gente padece côza... Tem dia que eu non posso me alivantá de dô e tenho de fazê meu cumê: Vivo sosinho, ninguem me percura, todo mundo corre de mim. De premêro a mãe de seu Inofre, ás vezes ia lá in casa me fazê alguma côza, mas ao dispois que eu fiquei pió nunca mais appareceu.

Levou a camisa suja aos oihos, limpando lagrimas:

—Você dixeu qui ea como tudo, mas o qui é que qui eu vô cumê, se eu non posso trabaiá e non posso fazê nada?! A's vez eu boto garapuca p'ra pegá nambú, mas assim menmo mueura mais maracajá furta. Só parece q'isso é castigo, sô Luiz! Tem dia que eu non tenho nada in casa p'ra cumê, nem um punhadinho de farinha p'ra fazê mingáu. Levo dia entêro cum fome, e ás vez eu passo até tres dia.... Quando a febre dêxa de me dá eu vou pescá piáu na lagôa e ás vez eu vou até cum febe.

—Ou! você non deve cumê pêxe de lagôa, é carregado.

—Qui remêdo, sô Luiz?! De premêro siá dona Janoca, lá da villa, mandava argum pedacinho de carne, argum punhado de arroz p'r'eu cumê, mas agora ella foi para a cidade e eu non tenho nada. Só non murri, porque Deus inda non foi servido. Oie, hoje ainda non butei nada na bôca, tô cum fome, c'uma fome de matar..

E calou-se. Pendeu a cabeça, debruçou-se no galho do cajueiro, soluçando.

Uma mudez silenciosa pesava ali por perto. Da festa, nem um rumor chegava, nem um grito, nem uma voz. A aragem, muito branda, muito leve, parecia não remexer as folhas do arvoredor. O rio, deslizando vagaroso, calara por muito tempo o murmúrio das águas. E na amplidão silenciosa, rutilante, profunda, a rebanhada transluzida de estrelas resplandecia muito viva, muito tremula, muito triste, como se para baixo chorasse gotas de luz e luz de misticismo. Somente de momento, cortando o silêncio, a voz lamentosa do morpheu repetia amarguradamente:

—Tô cum fome, cum munta fome !...

Luiz Pipira, com os olhos cheios d'água, baixou a cabeça, sem dizer uma palavra. Sentia-se abatido, ferido de vergonha, infiltrado de compaixão. Ali estava, desesperado de fome, cadaverico, exausto, doído de miserias, o seu companheiro de meninice, de pandegas e de festas. Agora, abandonado, na palhoça solitaria, sem um amigo, sem um affecto... E lembrou-se dos tempos já corridos, em que, alegre e folgazão com todos, o morpheu passava os dias a cultivar as roças, pensando nas colheitas. Nos sambas, quando chegava, era sempre o mais influído, o mais entusiasmado e as mulheres cercavam-no, cheias de contentamento e cortezias. Dedilhando a viola excitava em todos animação e por aquellas bandas bem poucos se atreviam a desafiar-lo... E não havia uma só festa em que não estivesse, em que a sua presença não fosse reclamada... E tudo isto se foi

num sopro de rajada, num furação de desgraças.

O lazaro continuava chorando.

Luiz Pipira, ainda sensibilizado, chegou as mãos aos hombros, com carícia:

—Te consola, Satiro, é a vontade de Deus!

—Elle levantou a cabeça desalentadamente:

—Ah, só Luiz ! antes Deus me matasse logo. Quem véve cuma eu, se eu é de tá padicendo, antes murrê, ó meno vô discança.

—A gente non deve se zangá cum qui Deus me perdôe, mas eu passo uma vida tão cunsumida que é mais mió murrê. Non sei, non sei cumo é que Deus non tem pena de mim. Eu nunca fui máu irmã, máu parente... non sei mesmo cumo é que Deus me castigô assim. Todo mundo foge de mim, quando eu chego em qualquer parte, non ha quem nos meta a mon no borso p'ra não falá cumigo.

—Te cunsola, Satiro, te cunsola !

—Ninguem padece mais do que eu, só Luiz. Eu passo dia intêro naquella casa, sem ninguem cumigo, drumindo sosinho. Quando eu me a'embro, só Luiz, só medá é vontade de churá... De premero eu andava ton cuntente, ton limpo, ton farto e agora eu vivo na miseria, pió do que um cachorro sem dono...

—E' da sorte, Satiro ! A gente padece aqui na terra p'ra gosá o reino do ceu.

—Eu já não tenho mais amigo. Tem vez que eu levo o dia inteiro sentado no batente da porta, oian-do p'r'o caminho, isperando com quem falá, p'ra me

insiná um remedo, p'r'eu ficá bõ. Mas ninguem passa perto de mim, passa pur longe, sempre ligêro, fazendo qui tá cum pressa. Eu fico ás vez com vontade de chamá, mas tenho vregonha. E até a Juvita, até a Juvita, sô Luiz, non qué qui'eu lhe pegue mais.

—Dêxa a Juvita, Satiro ! Você non dêve s'importá mais com ella.

—S'eu pudesse, sô Luiz, eu já tinha largado. Faço todo o possive p'ra m'esquecê, mas cumeço sempre me alembirá d'ella. Só parece, sô Luiz, qui, se a Juvita tornasse me querê bem, quizesse vim murá outra vez cumigo, eu ficava bõ.

—Você dêve dêxa disso.

—Eu tenho munta vontade, mas eu não posso.

—A gente faz força. O qui é qui a gente non faz neste mundo ? ! Qui cõsa ! cumo foi que võce ficó pirdido pur ella ?

—Eu menmo non sei, sô Luiz !

E começou a contar apaixonadamente os seus amores com a Jovita. Era no tempo da Quaresma. Ia á villa comprar bacalhau para o jejum da semana santa, quando a encontrara á beira do rio. Encostara o casquinlo e pedira-lhe que lhe dêsse ou lhe vendesse um cacho de bananas, que amadurecia lá em cima na casa. Ella, collocando a cabaça d'agua sobre os hombros, mandara-o subir e foi seguindo devagar, com os cabellos ainda molhados e o casaquinho desabotoado no peito. E, desde essa tarde, aquella mulata ficara-lhe na memoria, no coração, como uma fantasia colorida que lhe ataviava os pensamen-

tos. Outra vez encontrara-a na villa, e, como ella lhe pedisse uma passagem no casco, trouxe-a até a casa. Foi esse o inicio dos seus amores. Dois longos mezes num aconchego de corpos passaram, engastando-se de affectos e de beijos. Depois, não sabia como, manchas vermelhas começaram a alastrar-se-lhe pelo corpo, as faces foram-se entumescendo e as orelhas engrossando. Desde esse tempo todos se foram esquivando, ninguem mais o procurava.

—E' triste, só Luiz, é munto triste ! Quondo eu me alembro...

E não pode concluir, cortado de lagrimas. Depois continuou:

—A Juvita, qui paricia me querê tanto bem... Ind'agora, quondo ella vinha, eu chamei e ella veiu. Pidi, pidi munto p'r'ella ficá perto de mim e ella curreu, eu peguei no braço della e ella me deu uma rebanada qui eu até caí... Antes murrê, antes murrê do qui passá uma vida assim. Até de cacete, só Guarda-fio, já m'ispursó p'ra fóra da festa.

—Non fala nisso, Satiro, precura t'isquecê.

—Cuma é qui eu vô m'isquecê, se isso me dóe pur dento ? ! Deus me perdôe, mas eu chego até tê vuntade de agarrá aquelle diabo e matá.

Os seus olhos brilharam raivosos, ameaçadores, mais depois caíram numa passividade de cão:

—Mas elle tinha rezão ! O qui é qui eu fui fazê lá na festa, se todo mundo tem nôjo de mim ? Eu divia tê ficado aqui de longe, sem ispiá. Mas foi a Juvita, só Luiz, qui fez eu i. A musga tava tocando ton

bunita qui eu peguei me alembrá qui a Juvita tava dançando e non sei menmo como fui pará lá na porta. Elle tem toda rezão, eu sô um desgraçado !...

Os sons morosos de uma valsa compassada cortaram-lhe as palavras. E elle ficou attento, a cabeça alevantada, escutando saudoso:

—Oia, oia !...

E falou baixinho, doce, lento, como se estivesse bebendo pelas suas proprias palavras o inebriamento de uma recordação. Aquella valsa, aquella valsa já a tinha dançado com a Jovita ! Fôra na festa, em casa da Vitalina. Conversava com a apaixonada, quando o Capivara a principiara. Então, muito unido, saíra com a mulata, a rodar, a rodar muito... Ella pendera a cabecinha nos seus hombros e elle, cada vez mais unido, apertava-a, apertava-a muito de encontro aos peitos, beijando-a pelas orelhas...

E o Luiz Pipira encostou-se ao tronco do cajueiro. Lembrava-se tambem. Nessa noite como o Satiro estava alegre ! Mettido em roupas brancas, prazenteiro, lesto, chapéu novo de coiro derreado na cabeça, a faceirar-se com a Jovita. E ella, amorosa, viva, perfumada de trevo e baunilha, dançando o chorado ao som da viola do Capivara...

—Oia, oia !...

E o morphetico, enlevado pela muzica, nos hombros do amigo descançou a mão direita. Luiz Pipira estremeceu subtil o braço, como se temesse o contagio daquella mão chagada, putrida, contaminosa, que se unia ás suas roupas num gesto de descuido.

E foi curvando os hombros negligentemente, vagarosamente, fazendo-se distraído.

O lazaro comprehendera, dizendo-lhe humildemente:

—Você me perdõe, só Luiz, eu tava cum a cabeça ton azuada... Você me perdõe, você tem rezão, eu m'isquici, eu non boto mais. Luiz Pipira ficou envergonhado e, mastigando uma desculpa, levou os dedos á boca, roendo as unhas de cabeça curvada.

A muzica parára.

E os dois ficaram mudos, olhando para baixo, sem se fitarem.

—Tá bom, Satiro, disse depois o Pipira, levantando a frente, agora vai tucá uma quadria e eu vô marcá. Agora tu deve i p'ra casa. Já viu? Vae! E, sem esperar que o doente uma palavra dissesse, afastou-se ligeiramente, sumindo-se no caminho.

O Satiro ficou olhando abestalhado, desgostoso. Oh, Deus, antes o matasse logo! E rangeu os dentes, desesperado, sentindo um desprezo pela vida, uma vontade pungente de morrer ali mesmo, acabar-se de uma vez para sempre, sem dôres, sem soffrimentos, sem um gemido, sem um gesto. E aquella maldita doença a maltrata-lo, a maltrata-lo aos poucos!

Mas despertava-lhe um desejo instinctivo de viver por muito tempo, bom, sem doença, no meio de todo aquelle samba, festejado como d'antes, a dançar com a Jovita.

E olhava para a bandeira branca, tremulando mansamente no topo agudo do madeiro extenso do

terreiro da festa. Outr'ora, quando sadio, tinha improvisos felizes, para cantar, saudando «os mordomos», quando elles, no dia do «derrubamento», ás cutiladas do machado añaado, abalavam o mastro enfeitado de murtas. Agora nem espiar a festa podia! E a figura do Guarda-fio saltava-lhe á lembrança, ameaçando-o de cacete em punho. Roia-o uma colera profunda, um aneio revoltado de esconder-se por entre as moitas e esperar o cabra, quando saísse da festa, para cravar-lhe no peito a faca de ponta. Depois reflectia. Era augmentar ainda no fundo de um carcere os males que lhe minavam a existencia.

Da latada o vento trazia umas gargalhadas alegres e retumbantes. Havia por lá um borbórinho confuso de samba em meio. E a viola tinha começado uma quadrilha.

Elle escutava todo o ruido que ia chegando:

—Avante !

— Balancê cum seus pá !

—Arrepete outra vez !

—Varsiando !

—Varsa infinita !

—Toda marca é duas !

—Caminho da roça !

—Duas vorta cum pá da isquerda.

—Solo !

Com quem estaria dançando a Jovita ? E não poder prohibir-lhe que dançasse! E ouvia todas aquellas marcas, transbordado de saudades. A Jovita ! Via-a com o pescoço derreado nos hombros do Zé Alva-

renga ou do Guarda-fio, tão languida, tão amorosamente como derreada annos atraz nos seus. Mas não poder te-la ao seu lado, sua, somente sua !...

E tinha fremitos de raiva, desejos furibundos de tira-la da festa, arranca-la dos braços de quem quer que fosse e traze-la para si, para si somente. Mas aplacava-se. Que era elle? Uma posta putrida de carne, que a morphéa carcomia. Doente, chagado, pôdre, era forçar aquelle corpinho encantador a padecer o seu mal. E para que ama-la, deseja-la tanto, se ella se esquivava aos seus carinhos, ás suas palavras e até á sua simples presença ? Ah, tinha razão ! Era um lazaro e um lazaro não se ama, não se afaga !

Na festa a muzica de novo tinha cessado. Ouviam-se somente uns murmurios leves de vozes baixas.

E elle, quebrando uma palhinha verde de pindo-ba, levou-a á boca, cortando-a com os dentes insensivelmente.

Um assobio agudo trilou distante, por detraz das moitas de herva-cidreira.

Espantou-se. Olhou para os lados, escutando.

Outro assobio cortou novamente o silencio.

Ficou de pé, reparando bem por entre os galhos.

Uns passinhos miudos, ligeiros, vinham pelo matto estalando as folhas seccas.

Permaneceu extactico, ouvido álferta, olhos arregalados.

Os passinhos, mais nervosos, mais celeres, pisavam já perto. Um pedaço branco de vestido de mulher passou apressadamente, saltando um toco de

palmeira.

Estremeceu. Quem chegava tão depressa, ao som daquelles assobios ?

E acompanhou as pisadas, sorrateiro, de manso, como uma cobra.

A mulher tinha parado. Olhava para os lados, como se procurasse alguém.

Elle acocorou-se por detraz de uma faveira, espiando curioso.

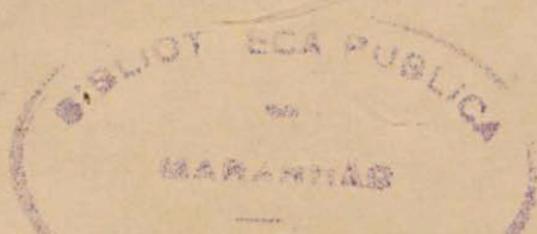
Ella, attenta, offegante, o olhar em braza, escutava.

Reconhecera a Jovita. E um grito morreu-lhe na garganta, rouco, abafado, sem que ninguem ouvisse.

Por outra banda uma figura corpulenta de homem chegava.

Supoz o Guarda-fio. E um fogo abrazou-lhe o peito, engrossando-lhe o rosto empolado. A Jovita nos seus braços ! Rangendo os dentes, do códs das calças arrancou a faca de ponta, empunhando-a raioso. Mata-lo-ia agora !

Recuou. Era o Zé Alvarenga. A faca caiu-lhe das mãos. Aquelle homem horas atraz tinha-o defendido, livrado de apañhar ou de ser morto, talvez, ao peso da furia do Guarda-fio ! Fôra o unico, o unico que tivera a coragem de afrontar a braveza do ameaçador, quebrando-lhe nas mãos a arma criminosa e dominando-o com o olhar. Fôra bom, caridoso, heroico, não devia mata-lo ! E agarrou-se á haste da faveira, receando cair. Ficou a olhar aparvalhado para os dois.



A Jovita chegou-se ao Alvarenga, dizendo-lhe baixinho:

—Oia qui caiu azeite no teu palitô.

E puxou o lenço rendado do bolso da saia, limpando-o pacientemente. Depois, como elle a cingisse pela cintura, revirou amorosamente a cabecinha terna, de cabellos alastrando os hombros do amante, com os labios estendidos, á espera de um beijo, balbuciando:

—Tu me dá a medaia de S. Binidicto ?

—Dou! E o Zé Alvarenga curvou o pescoço, mordendo-a no beicinho rosado.

E elle foi pelo matto, bebedo, completamente bebedo, sem róta, sem destino, mudo, sem lagrimas, sem vi la, cambaleando alucinado.

Ao longe um gallo despertou, cantando. Além, na volta do rio, uma cauan preludiava tristemente. Brando refrescava o vento matutino. Uma fatia alvissima de lua prateava o infinito. No nascente a madrugada nitente, cristalina, surgia encantadora, barrando o horizonte de escarlata. E em cima a estrella-d'alva, muito clara, muito limpida, desmaiava, desmaiava aos poucos, como se desfallecesse voluptuosamente, numa embriaguez serena de luz e frio.

FIM.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Índice

Dedicatorias	3 e 5
Prefácio	7
Sinhá-Dona	9
Zé-Boi	35
A Mariquinhas da Outra-Banda	49
A' espera de um homem	59
Safado !	71
Um pancadão	91
Incesto	107
A cega	123
Castellos de cartas	133
O morphetico	143

Errata

No corpo do livro ha algumas irregularidades orthographicas, que julgamos muito explicaveis. O leitor saberá corrigi-las.—Abaixo inserimos uma lista das principaes erratas.

Paginas	Linhas	
7	7	<i>pallido</i> em vez de <i>polido</i>
13	1	<i>quasie</i> em vez de <i>quase</i>
13	25	<i>rubrados</i> em vez de <i>resoados</i>
16	16	<i>reevoltar-se</i> em vez de <i>revolta- ra-se.</i>
17	23	<i>Que deixassemos lá</i> em vez de <i>Que a deixasse lá.</i>
22	30	<i>ome</i> em vez de <i>fome.</i>
28	20	<i>rolava</i> em vez de <i>rolada.</i>
30	11	<i>morava</i> em vez de <i>morara.</i>
39	26	<i>paunhado</i> em vez de <i>punhado</i>
41	30	<i>idreita</i> em vez de <i>direita.</i>
55	22	<i>chovia</i> em vez de <i>choveria.</i>
63	14	<i>banda;</i> em vez de <i>banda,</i>
64	30	<i>emuda ambem</i> em vez de e <i>muda tambem.</i>
69	23	<i>astorava</i> em vez de <i>enflorava</i>
70	3	<i>çontagio</i> em vez de <i>contagio.</i>
85	30	<i>calculava o dia samente</i> em vez de <i>calculava o dia do ca- samento.</i>
96	12	<i>pavilhões</i> em vez de <i>polvilha- ções.</i>
118	26	<i>traças</i> em vez de <i>traços.</i>
118	30	<i>livida</i> em vez de <i>lurida.</i>

139	21	<i>João em vez de José.</i>
147	18	<i>c'o'assamento della em vez de c'o'assanhamento della.</i>
154	14	<i>Sô Pipira já non me tirô; em vez de Sô Pipira já non me tirô ?</i>
161	1	<i>criá em vez de cria.</i>
163	7	<i>Sô Chico non ronque, em vez de Sô Chico non ronque tanto.</i>
179	7	<i>transluzida em vez de translucida.</i>
180	10	<i>cum qui Deus me perdôe em vez de cum qui Deus faz, mas Deus me perdôe.</i>

A principal errata é a de pags. 141. Onde se lê, no final da pagina,—*Caiu.*—deve ler-se—*Caiu. A tinta manchou-lhe o vestido.*

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO